

S **Revista DA** **Semana**

Nº 24 — 14 de junho 58 — Cr\$ 10,00



O primeiro filme em 65 mm,

OUTRO VENTO LEVOU ?...

Na Operação Pendura

SALGADO FOI DOCE



Na Ilha do Governador,

ESPERANÇAS

MERGULHAM NUMA PISCINA



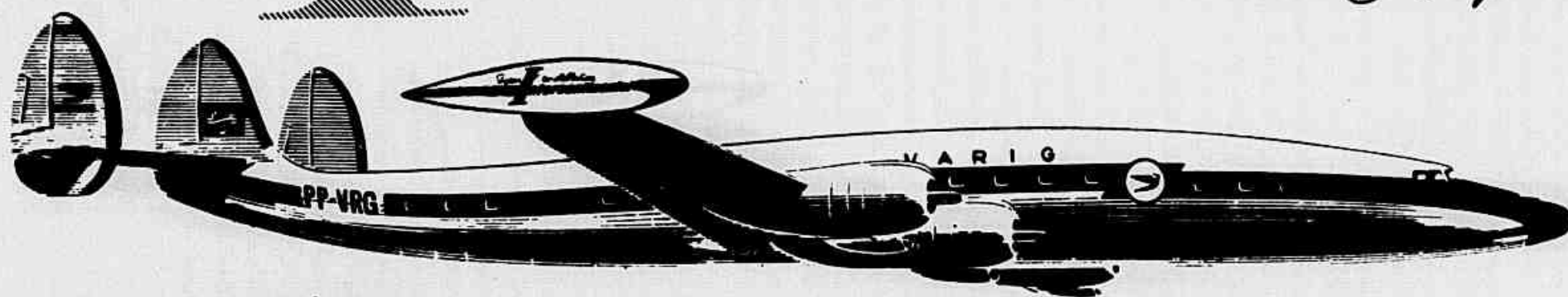
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

- * Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 24, Rio, 14-6-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO. Diretor-Comercial: JOFFRE AMADO. Diretor-Secretário: ALUIZIO ALVES. — Rua Visconde de Maranguape n.º 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2822; Redação — 22-9576 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-9647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5802. Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00.

LEIA:

A CAPA

Marilena Benz

REPORTAGEM

A Esperança vai morar numa piscina	5
Alta do dólar provoca turismo em Copacabana	31
Operação Fendura	59

ATUALIDADE

A Semana Internacional	8
------------------------	---

SOCIAIS

As verdades de Marizinha Maranguape	10
-------------------------------------	----

GENTE

A morte de Rafael Corrêa de Oliveira	9
Jorge Amado — realidade e ficção	17

CINEMA

Elisabeth e Montgomery em 85 mm	11
---------------------------------	----

MISTÉRIO

O estranho encontro de Theodore Sharp	15
---------------------------------------	----

MODAS

Você quer ser modelo?	23
-----------------------	----

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado	26
-----------------------	----

CONTO

Sete Garfos	34
-------------	----

TEATRO

A. Respeitoso	41
O Drama de Anna Frank continua comovendo o mundo	51

LETRAS E ARTES

Dois mortos ilustres	46
----------------------	----

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

Titina chorando disse «Ades, ao Brasil»	48
---	----

INTERNACIONAL

Um pouco da História da Argélia	54
---------------------------------	----

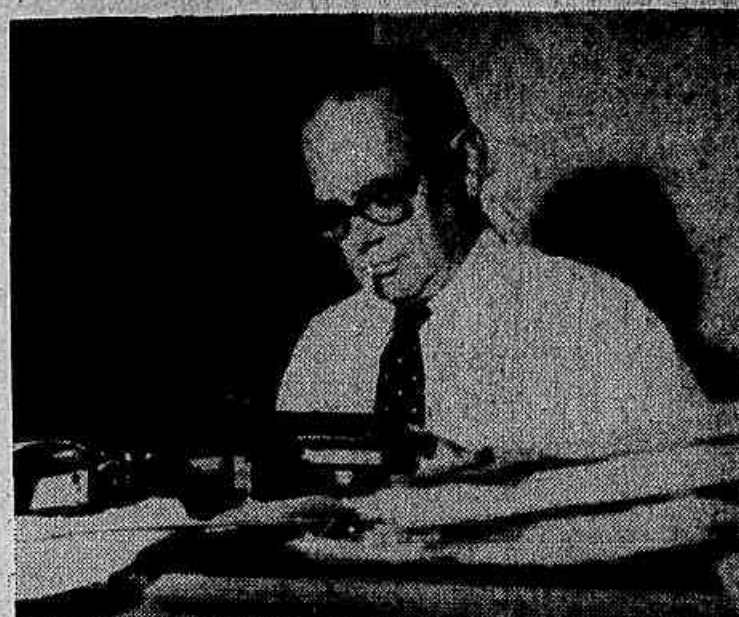
SEÇÕES

Encontro com Chuck	21
Humor	58
Figuras e Fatos	62

POLÍTICA

Trapézio	63
----------	----

♦ O excelente contista de “Omelete em Bombaim” e “Desintegração da Morte” — Orígenes Lessa, comparece neste número assinando uma deliciosa história: “Sete Garfos”, onde se encontram, em grande forma, as principais características de sua obra de ficcionista: a sátira aos nossos costumes, uma urdidura movimentada e um estilo leve, saborosíssimo.



♦ A alta do dólar veio dar, paradoxalmente, um novo alento no movimento das buates cariocas: grandes cartazes nacionais — Sílvio Caldas, Ataulfo — voltam a revolucionar as noites de Copacabana e as apresentações de Maysa, no “La Bohème”, têm atraído os noctívagos para a pequena buate, em verdadeiras legiões.



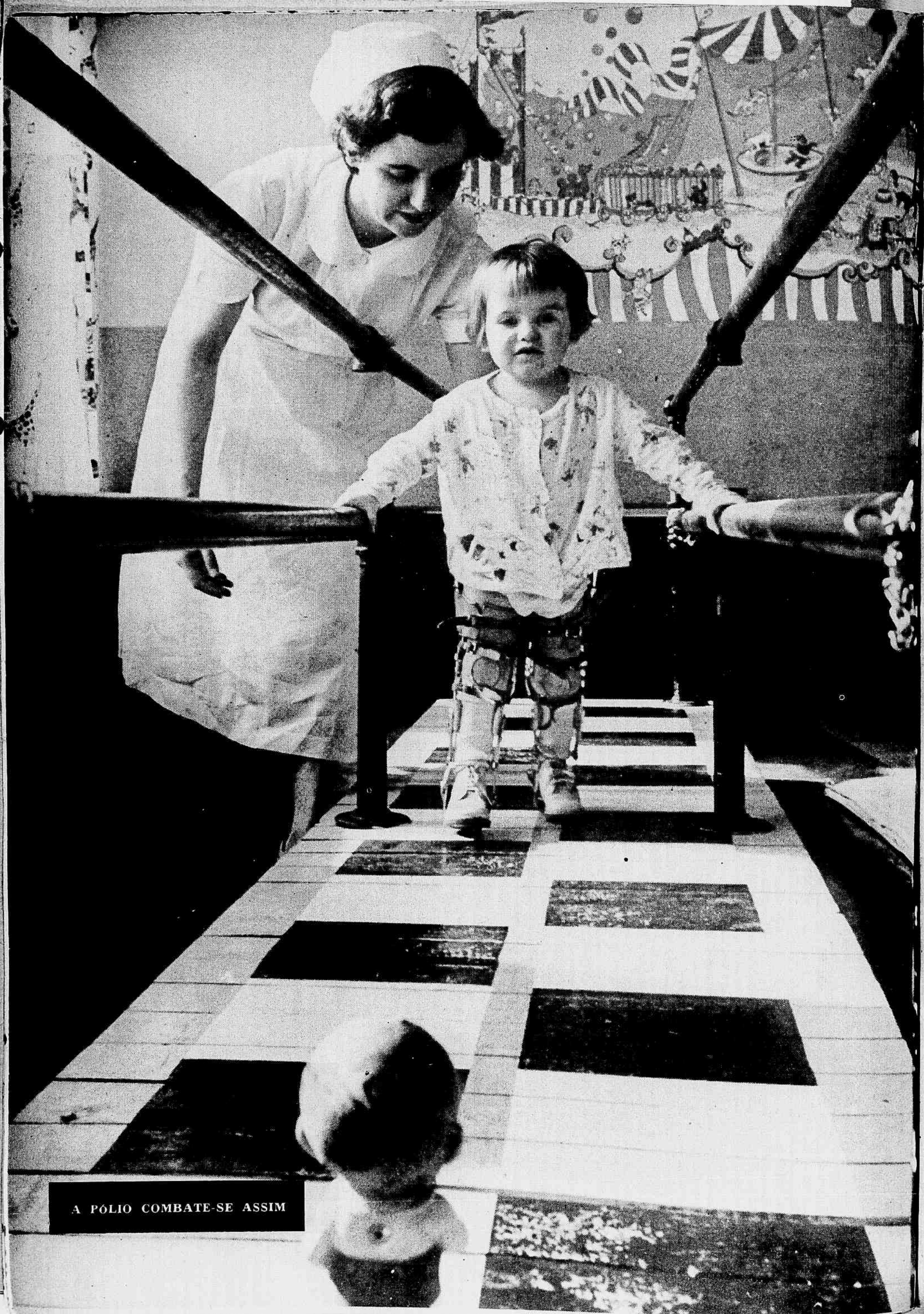
HA surpresas nestes Brasis que fazem gosto. Uma delas é saber que existem, nos rincões do planalto, belezas como esta que decora a nossa capa de hoje. Marilena Benz, 20 anos, é um dos orgulhos bem justificados da muito mineira cidade de Governador Valadares. E dizemos “um dos” porque Marilena — embora seja difícil crer em tamanho capricho da Natureza — é mais um brôto daquela admirável família que já nos deu outro encanto: Miss Minas Gerais.

A história que motivou a construção do “Lar de Recuperação Piedade Coutinho”, na Ilha do Governador, para crianças atacadas de poliomielite, é uma das coisas mais belas que temos visto, e que o leitor, por sua vez, acompanhará comovido, através da reportagem feita com a grande nadadora brasileira, nas páginas 4 e seguintes.

NUMA viagem poética pelas ruas de Salvador, exhibe Jorge Amado, para José Condé, os cenários de alguns de seus romances, e relembra figuras de mocidade que seriam, mais tarde, transplantadas líricamente para a sua literatura.

OS acontecimentos da Argélia ocupam as atenções do mundo. As razões que motivaram o presente impacto entre a França e aquele território do norte da África são analisadas sucintamente, às páginas 54 a 57, através de um breve histórico da administração por que tem passado a Argélia desde os seus começos até a atualidade.

INICIA-SE hoje mais uma seção de que nos orgulhamos: a crônica de última página. Toda semana encontrará o leitor, ao fim da revista, um artigo assinado por um dos grandes nomes das letras nacionais. Inaugurando a série, apresentamos, no presente número — Carlos Drummond de Andrade — um nome que dispensa apresentações.



A PÓLIO COMBATE-SE ASSIM

NA

vecen
plca,
da p
dade
há al
que a
uma
em E
que I



O CAMINHO DA VIDA — Afinal, um Lar.

A ESPERANÇA VAI MORAR NUMA PISCINA

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

A MAIS notável nadadora brasileira de todos os tempos, (novecentas medalhas, cinquenta troféus), antiga vencedora olímpica, é hoje no Brasil a campeã da luta contra os terríveis efeitos da poliomielite, particularmente nas crianças. E assim é que Piedade Coutinho — todos já lhe adivinharam o nome — iniciou desde há alguns anos um movimento no sentido de recuperar as crianças que a pólio pôs defeituosas. Até há pouco, ela utilizava para isso uma piscininha modesta, numa casota da rua Martins Ferreira, em Botafogo. Curioso determinismo! — Foi em Botafogo mesmo que Piedade iniciou sua brilhante carreira como nadadora, des-

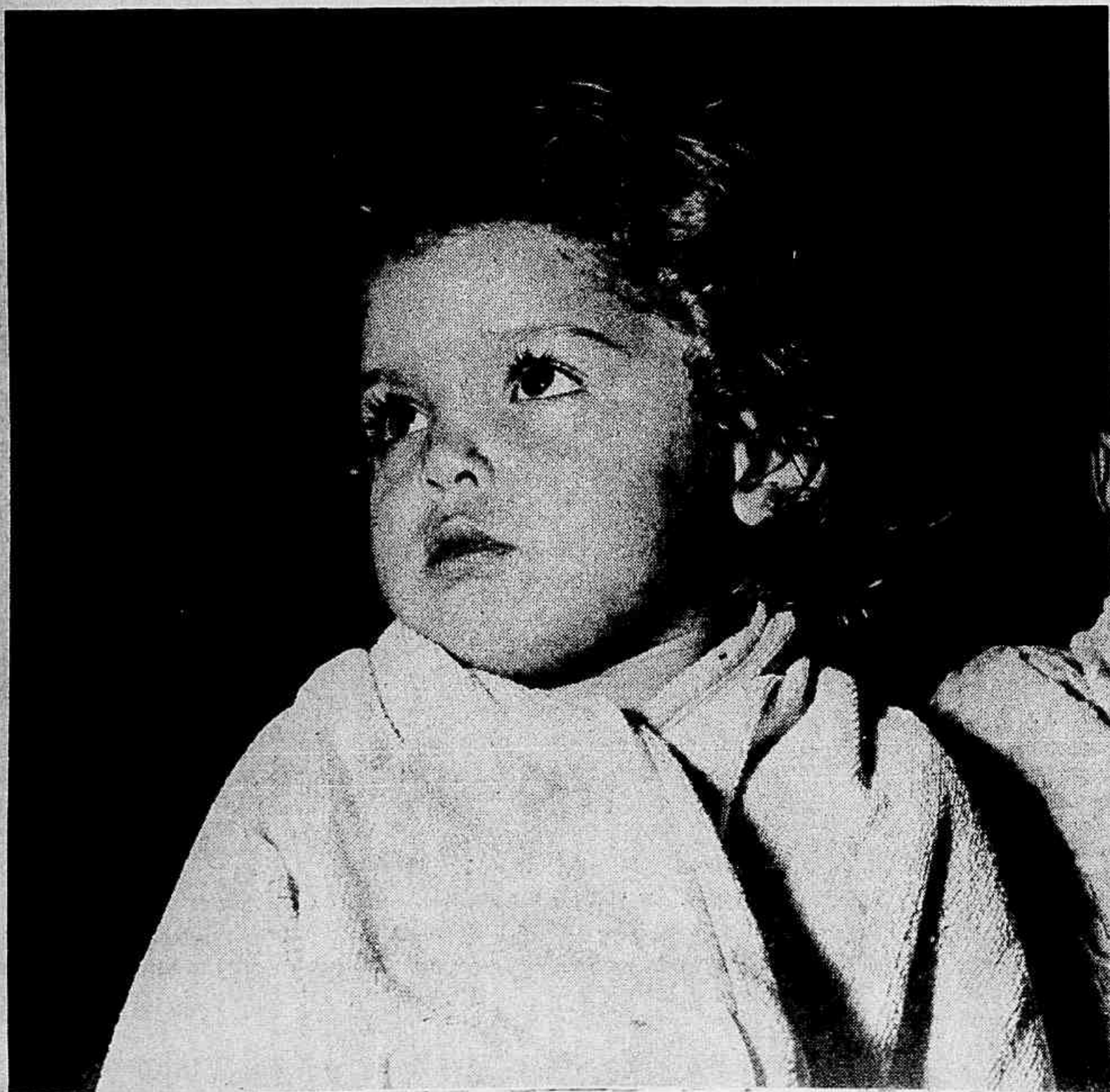
coberta pelo famoso Irineu, do Guanabara (*O Homem*, como o conheciam) quando, a conselho médico, ela procurava recompor, no banho de mar, a saúde destroçada com a morte de um irmãozinho. Mas o aluguel da casa e da pequena piscina era muito caro e Piedade afinal não pôde arcar com as despesas, que saíam do seu próprio bolso particular. Teve de interromper o seu trabalho de abnegação. Tudo parecia perdido. Todavia, graças a um movimento de solidariedade do qual este repórter, com honra, participou, Piedade Coutinho conseguiu um empréstimo na Caixa Econômica (D. Sara Kubitschek foi a sua principal advogada) para



AGUA DE PISCINA DÓI? — Nada, é choro de susto.

**O trabalho da moça (Piedade Coutinho)
que abandonou a natação
para dedicar-se às crianças
(e aos adultos)
vítimas da paralisia infantil**

ALUNA EM PERSPECTIVA — A esperança fica na Ilha do Governador.



MAMÃE E FILHOTA
"Ela é o meu dodói"



CIMENTO DOADO
Com carinho no galpão



a construção na ilha do Governador de obra muito mais ampla: o "Lar de Recuperação Piedade Coutinho", com piscina de água quente e água fria, escola, massagistas, seção de ginástica, e tudo o mais.

"Agora", diz-me a entusiasta P.C., "Pretendo levar isso avante de qualquer maneira. Deus está comigo. Os homens de boa-vontade também estão".

E dá, decidida, a primeira enxadada nas obras do seu lar.

O COMEÇO

A idéia começou numa distante manhã de 1936, quando uma senhora pediu a Piedade Coutinho na praia de Copacabana, que ajudasse sua filha a aprender a nadar, já que a menina fôra atacada de paralisia e o médico lhe recomendara a natação como exercício. Piedade prestou-se a ajudar a garôta e, mais tarde, levou-a para o Fluminense, onde poderia utilizar a piscina com mais êxito. Depois, dedicou-se a outros casos esporádicos de paralisia infantil. No entanto, a natação ainda contava com a maior parte de sua atenção. O tempo dedicado aos petizes era muito pouco. Somente em época muito recente, quando abandonou as competições, pôde dedicar-se profissionalmente ao tratamento, pela natação, de crianças e adultos atacados de pólio. "Nunca me esqueço", ela recorda, "de quando, em 1946, fui ao Campeonato Pan-Americano na Argentina. O público vivava em altas vozes o excepcional nadador Durañona, que entretanto, não aparecia. Súbito, os holofotes o enquadraram, não pronto para competir, mas de pé, lamentavelmente apoiado em muletas, na borda da piscina. Ele também fôra vítima do vírus da poliomielite. O povo chorou de emoção". O que P.C. não contou: terminada a prova (que ela ganhou), Piedade Coutinho, ainda arfante do esforço, depois de receber a medalha a que fizera jús, colocou-a entre aplausos, no peito do nadador paralítico.

Piedade tem já três anos nesse seu trabalho de meritória recuperação. "As crianças", ela comenta, "são as mais fáceis de treinar. Seus músculos ainda estão maleáveis e assim não é difícil fazer com que se exercitem. Contudo, existe o problema do estímulo, da vaidade e da assiduidade, que não permite colaboração intensa. A criança ainda não é suficientemente estimulada para a realização de exercícios e algumas faltam muito ao passo que o adulto, se não tem músculos tão maleáveis, possui alto grau de constância nos exercícios". Outra frase: "geralmente os pais acompanham as crianças e isso prejudica um pouco, porque, principalmente as mães, retiram logo a meninada da água, quando o choro começa a espoucar". Mas é choro só de susto porque, ora essa, nem a água nem os exercícios doem.

A BATALHA NA PISCINA

As obras do "Lar de Recuperação Piedade Coutinho" já foram iniciadas. "Piedade, com uma força de vontade digna de Nightingale, expilca, pede, implora, palmilha seca e meca; e obtém como resultado uma série de doações para a sua iniciativa. Além do empréstimo, recebeu (e guarda com carinho avaro num galpão) quase trezentos mil cruzeiros de cimento e cerca de quarenta mil em ladrilhos. O mais impenitente pão-duro será incapaz de resistir a tamanha prova de tenacidade e amor.

Outros pontos que P. C. anuncia:

1 — A piscina principal terá dezoito metros por quinze e será toda construída com ajuda material e mão-de-obra de pessoas que se ofereceram para a realização.

2 — No prédio da ilha do Governador (praia da Bica, n. 109) haverá um internato que receberá crianças e adultos da cidade e do interior.

3 — "Eu sempre quis ter um lar, para dedicar-me inteiramente a meu marido e meus filhos. Deus proporcionou-me a oportunidade de fazer algo muito maior".

4 — Uma auxiliar de P.C.: sua filhinha Frézia (quatro anos, morena, um sorriso que é uma gostosura). Definição da mamãe: "Frézia é o meu dodói".

5 — Pergunta do repórter: "Você tem alguma superstição?" Resposta de P.C.: "Nenhuma. Nós, protestantes, não temos tempo para isso. Nossa superstição é, orando, criar calos nos joelhos. Vale a pena".

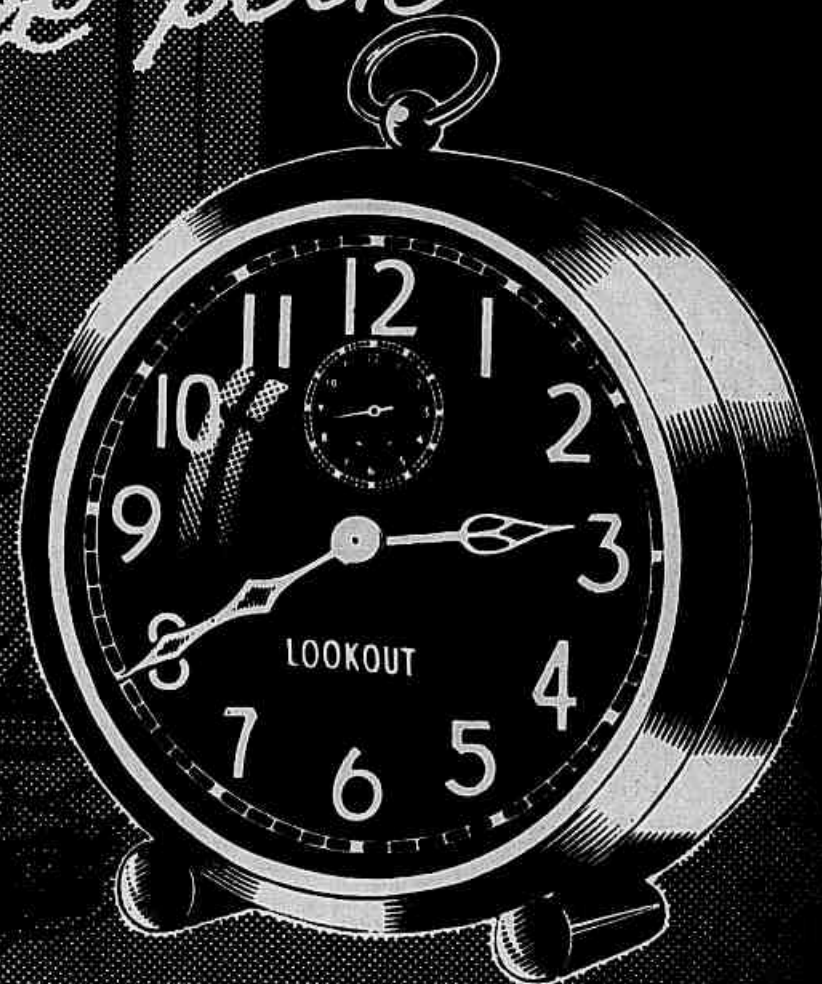
Ganhe prestígio...
mantendo a
PONTUALIDADE!



Despertador LOOKOUT

(LOOKAUT)

*É o maior que
você pode ter*



MOSTRADOR

grande com algarismos
visíveis à distância,
Modelo especial
fosforescente para
ser visto no escuro.

TOQUE

suave e firme, de uma
só campainha, para seu
despertar agradável.

TENHA O MELHOR TENDO LOOKOUT

Nas boas
relojoarias
do País

MÁQUINA

de grande robustez,
feita para resistir
aos choques e durar
muito mais tempo.

Para copa e cozinha
dormitórios coletivos
hotéis e pensões

★
Em cores modernas ou
niquelados
IDEAL PARA SEU QUARTO

CHARLES GUTMANN IMPORTADORA S. A.

Rua João Bricola, 46 - 1.º andar - Fone: 35-3159

Cx. Postal: 391 - End. Telegr.: "CHARGUT" - São Paulo

Vendas exclusivamente no atacado

PARADOXO FRANCÊS

A POLÍTICA FRANCESA é requintada nos seus paradoxos. Extrema lucidez, extremada racionalização dos problemas políticos, dos interesses em jogo, criam paradoxos quando contrastam com o proverbial imobilismo francês, agora rompido pela reentrada em cena do general De Gaulle. Também coube ao general, como primeira e urgente missão política, um paradoxo. Acabar, ele mesmo, contando com a lealdade do Exército, a revolta argelina que o levou ao poder em Paris. Não importa que sua recepção na Argélia haja sido triunfal. O general saiu batido em sua primeira batalha. Regressou a Paris sem pacificar os "extremismos" da Argélia: os "ultra" direitistas de Soustelle e Massu; os nacionalistas-guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional.

Ficou evidenciado que De Gaulle tem um programa que apela principalmente para os moderados. Mas os moderados nunca dominaram um quadro político altamente militarizado e impregnado de ressentimentos. É verdade que a grande maioria de argelinos franceses (colonos) e muçulmanos está fatigada da guerra e do terrorismo. Mas esta fadiga será, por si só, capaz de pacificar as maiorias extremadas? De Gaulle conta com o Exército e principalmente com o Exército, como instrumento de aplicação de sua política. Na Argélia, a ditadura militar está firmemente instalada, sem o manto diáfano das aparências de legalidade.

O programa de De Gaulle apela para os moderados.

E pressupõe a garantia militar de sua aplicação. O general propõe a integração total da Argélia na França através de uma completa igualdade de direitos políticos entre franceses e muçulmanos na escolha de um só colégio eleitoral. Caberá aos representantes escolhidos eleitoralmente decidir o destino político da Argélia dentro da França ou fora dela. As eleições serão dentro de três meses, o que demonstra a decisão do general de encontrar rapidamente uma solução para o problema que paralisa e enfraquece a França há quatro anos. Resta saber qual a lei eleitoral que será aplicada na Argélia, pois se essa traduzir, em disposições concretas, as honestas intenções do general, abrirá caminho para a realização da autonomia interna dos "departamentos argelinos", em que nove milhões de muçulmanos representam a maioria absoluta contra um milhão de europeus.

Só o prestígio imenso do general permitiu-lhe avançar um programa político tão radical para Argélia, coisa que nenhum governo de centro esquerda, em Paris, ousaria fazer sem ser ameaçado pelas direitas. Para os líderes da Frente de Libertação Nacional, porém, o programa não é nem ousado nem radical. A tentativa de "afrancês" a Argélia, respondem com o pedido radical de independência pura e simples, tal como na Tunísia e no Marrocos. Con-

sideram ultrapassadas as soluções de integração racial e assimilação política. A FLN não adotou, porém, tom agressivo contra o general. Em sua reação contrária ao programa gaullista, o porta-voz da FLN fez distinção entre a França e o colonialismo. A grande questão é saber-se se a maioria muçulmana aceitará a proposta do general ou obedecerá aos chefes da FLN e às concepções que norteiam a política de Bourguiba e do rei de Marrocos.

TUNÍSIA — DIALOGO POSSÍVEL SEM PATERNALISMO — A sorte da posição do Ocidente no Mediterrâneo e no norte da África está sendo jogada em Tunis, para onde convergem os esforços do movimento nasserista (anti-ocidental) e o prestígio anglo-americano, em apoio à política ocidental de Bourguiba. O pomo de discórdia é a política francesa no norte da África. A ascensão de De Gaulle ao poder foi bem recebida por Bourguiba, que declarou ser o general um homem de palavra e de uma só cara política, ao contrário dos últimos governos franceses. Com estes, segundo Bourguiba, não era possível o diálogo. Mas o programa de De Gaulle decepcionou os partidos tunisinos e marroquinos. Consideram-no paternalístico e lamentam que "aquele homem que libertou a França do jugo nazista" não compreenda o sentido da "luta encarniçada que se trava por um povo livre que deseja uma vida digna e independente".

EM PARIS — REAGRUPAMENTO DAS ESQUERDAS NÃO-COMUNISTAS — As cisões ocorridas nos Partidos Socialista, Radical Socialista e na União Democrática Socialista da Resistência, permitem prever um futuro reagrupamento das esquerdas não-comunistas na França. Esse reagrupamento teria, eventualmente, a missão de cumprir um programa argelino mais ousado do que o de De Gaulle, caso este fracasse em sua missão política no norte da África. Isto não é impossível. O governo de De Gaulle está sob suspeita dos extremismos na Argélia.

A REDESCOBERTA DA AMÉRICA... LATINA

O súbito interesse provocado nos Estados Unidos pela América Latina, depois que os brios nacionais americanos ficaram ofendidos com os vexames sofridos pelo vice-presidente Nixon, está assumindo a forma de um movimento bipartidário, de ampla e profunda significação. Trata-se de redescobrir a América Latina, conforme a expressão de Adolf Berle Júnior.

O traumatismo causado pelos incidentes Nixon, em Lima e em Caracas, determinou o reexame da política norte-americana para a América Latina nos últimos anos. A questão era achar um meio de precipitar esse

reexame sem melindrar o homem responsável, em última análise, pelos vexames sofridos por Nixon — John Foster Dulles.

Este meio surgiu naturalmente. O debate sobre o problema da América Latina passou a ser tema da campanha eleitoral americana, tais os aspectos de gravidade que apresentou não apenas para o prestígio americano, fortemente arranhado, mas também para a segurança militar e política dos Estados Unidos. As comissões do Congresso e do Executivo dedicadas ao reexame e inquérito da política externa norte-americana vão dedicar-se ao problema latino-americano com o mesmo interesse que, no passado, costumavam dispensar à Europa e à Ásia.

A revisão da política de preços de importação das matérias primas e produtos agrícolas da América Latina é o ponto fundamental do problema. E o de solução mais difícil. Como estabilizar os preços desses produtos, continuar a comprá-los, estabilizando, em consequência, as economias latino-americanas, com a economia dos Estados Unidos em fase de recessão, e no momento em que as eleições para o Congresso tornam o eleitorado americano muito sensível a qualquer coisa que signifique tabelar o produto na alta? É claro que o caso Nixon concorre para ajudar o eleitorado americano e o Departamento de Estado a encararem o problema dos preços de um ângulo mais largo e menos estritamente econômico.

O adiamento da visita de Milton Eisenhower a países da América Central foi sem dúvida uma medida prudente do governo Eisenhower. Os incidentes com Nixon estão muito frescos na memória de todos. A viagem pareceria uma provocação. É melhor que as águas fiquem menos turvas, após o exame de consciência e de política ora procedido em Washington.

O sentido de prioridade que a América Latina conquistou em Washington é a primeira resultante desse exame de consciência. A última linha de defesa dos Estados Unidos no final das contas é a sua primeira e definitiva linha de defesa num caso de guerra intercontinental. Uma cabeça-de-ponte comunista no Hemisfério colocaria o inimigo às margens do Rio Grande.

ELEIÇÕES PORTUGUESES

Agora que já se realizaram as eleições portuguesas, vale recordar, para definir responsabilidades e marcar atitudes, que o cardeal Cerejeira pronunciou-se por Salazar de modo inequívoco, e que os jornalistas portugueses protestaram. Ao longo de trinta anos, os jornalistas portugueses nunca tinham ousado protestar, coletivamente, contra a supressão pura e simples da liberdade de expressão. Reclamaram com bravura o rápido fim da censura à imprensa.



A MORTE DE RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA

UM DOS MAIS LAMENTÁVEIS acontecimentos registrados no Rio, na semana que passou, foi o súbito falecimento, na madrugada de 4 de junho, do jornalista Rafael Corrêa de Oliveira — vitimado, quando dormia, por um colapso cardíaco. Uma morte que veio abalar todo o país, e cuja repercussão se fez sentir, intensa, no Senado, na Câmara dos Deputados, de onde era um dos mais ilustres e combativos membros, na Câmara da Cidade — e, principalmente, na imprensa nacional, que contava, na pessoa de Rafael Corrêa de Oliveira, um de seus representantes mais destacados.

Homem desassombrado, voltando sempre à causa democrática, conseguiu o seu nome uma auréola de respeito e confiança, através do exemplo de sua vida, que foi uma campanha sistemática contra a corrupção. Era Rafael um homem intransigente, violento mesmo quando se tratava da defesa dos altos interesses nacionais, embora fôsse também um homem de coração largo — como disse há pouco Joel Silveira — “capaz de grandes gestos de generosidade e desprendimento, capaz de se comover até as lágrimas, de levar até os limites mais extremos a sua diligência em ajudar os humildes e necessitados que todos os dias o procuravam”.

Numa última homenagem ao grande morto, desfilaram, pelo Palácio Tiradentes, até a saída do esquife, os grandes homens públicos do país. Mas lá compareceu também, em multidão, num preito eloquente, o povo a quem ele falara, há trinta e tantos anos,

abrindo-lhe os olhos sobre a situação brasileira e os destinos do país.

Nós, da REVISTA DA SEMANA, temos ainda mais uma razão para sentirmos essa perda. Era Rafael um dos nossos colaboradores, e aqui vinha ele publicando, semanalmente, os capítulos de suas **Memórias**. Seu último artigo, publicado no Brasil — e era justamente uma dessas páginas tão características do jornalista, onde ele lembrava aspectos de sua vida de batalhador, revelando episódios e explicando fatos de nossa política nos idos de 30, repondo nos devidos termos momentos históricos de que participou — seu último artigo saiu, justamente, em nosso semanário.

Esta nota vem, infelizmente, substituir hoje o capítulo novo de suas memórias. Em vez da pena vibrante de Rafael, um triste necrológio. Telefonávamos, justamente, para a residência do jornalista, a fim de pedir a página semanal, quando de lá nos chega a notícia dolorosa. Suspendem-se, assim, as suas memórias — e sabemos que os leitores lamentam, tanto quanto nós, a supressão brusca dessa narrativa, escrita num tom simples mais apaixonante, pelo que ela nos trazia de sinceridade e, principalmente, do conhecimento do homem, como também de fatos capitais de nossa história. Suspensão brusca como esta morte inesperada, que vem enlutar o cenário político e jornalístico brasileiro, trazendo-lhes um grande vácuo, bem difícil de ser preenchido.

Nota biográfica: nasceu o jornalista Rafael Corrêa de Oliveira na cidade pernambucana de Goiânia, no ano de 1898.

Sua carreira jornalística foi iniciada na capital paraibana, onde residiu longo tempo, e onde veio a casar-se com dona Dulce Carneiro (irmã do senador Rui Carneiro), de quem teve quatro filhas e numerosos netos.

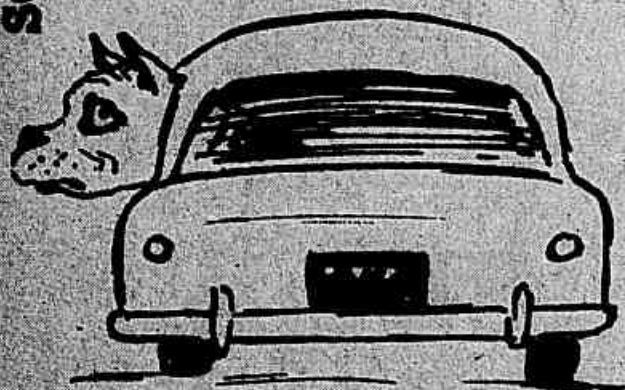
Pela altura de 1920, transfere-se o escritor para o sul, radicando-se em São Paulo, onde sua presença se faz notar à frente do diário “A Praça de Santos” e, depois, no “Estado de São Paulo”.

Sua atividade pode ser acompanhada, desde essa época, através de seus escritos. Mas sua presença no cenário nacional adquire ainda maior repercussão no ano de 1930, com a sua participação na Aliança Liberal e na revolução que depõe Washington Luís do poder, finda a qual vai trabalhar ao lado do general Miguel Costa, durante a permanência desse chefe revolucionário na Secretaria de Segurança, em São Paulo.

Depois de vários anos de serviço ao país, no estrangeiro — na Inglaterra, nos Estados Unidos e em Portugal — quer na Delegacia do Tesouro Nacional, quer como adido comercial, retorna Rafael em 1937 ao Brasil, onde passa a exercer o cargo de fiscal de consumo, que manteve até hoje.

Sua atuação no cenário político nacional adquire novamente grande notoriedade no ano de 1945, quando participa, ao lado de Eduardo Gomes, na campanha de Redemocratização Nacional.

Filiado ao Partido Libertador, no Rio, eleger-se deputado federal pela Paraíba em 1954, sendo ainda, no correr desse ano, eleito presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



O diretório do PSD de Botucatu, trocou de candidato oficial, substituindo o sr. Antônio Silvío da Cunha Bueno pelo sr. Paschoal Ranieri Maz-zili. Em se tratando de gomalina e elegância, o pessoal de Botucatu não o faz por menos.

* * *

A insistência com que determinados cronistas sociais buscam seus furos natalícios está causando um justo constrangimento na sociedade. Há colegas que abordam o assunto precocemente, à queima-roupa, antecipando-se aos maridos e à própria cegonha. Uma falta de imaginação completa.

* * *

A televisão compareceu ao jantar de gala oferecido pelas organizações internacionais de imigração a JK, nos salões do Copa e deixou muito mal certos medalhões presentes ao acontecimento. As câmeras indiscretas não perdoaram a falta de compostura no se portar e se servir, provando que boas maneiras e sucesso político são coisas que raramente combinam.

* * *

Nesse mesmo jantar notou-se o desleixo de vários cavalheiros do Itamarati, que parecem estar de relações rompidas com os respectivos alfaiates. Engordaram, criaram barriga e ar de prosperidade, mas não encomendaram novos smokings. (Havia um cônsul cujo paletó não abotoava, deixando entrever o cinto de couro surrado e uma ausência lamentável de faixa...). Para aqueles que andam de caixa baixa, os crediários sem fiador e sem entrada aí estão, dando sopa. Basta ser um rapaz direito...

* * *

O carinho com que certas madames defendem uma elegância mais econômica para seus maridos é deveras comovente. Mariazinha conhece criaturas que regateiam na Torre Eiffel como se estivessem nos armazinhos da rua da Alfândega. Pedem abatimento até de cinco cruzeiros!

* * *

O sr. Alberto Byington pode candidatar-se ao título de «homem de visão». Embora muita gente não saiba, sua filha Lila chama-se, na realidade, Brasília...

* * *

O Príncipe Dom João anda com grandes obras públicas na Bolívia, inclusive uma ponte, na fronteira de Mato Grosso. Dizem que de tanto descer às fundações da referida ponte, em visitas de inspeção, Dom João já está fazendo concorrência ao Príncipe Submarino...

Informado sobre a grande clientela que o dr. Ivo Pitangui possui entre a nova geração, o escritor Brito Broca atribuiu os sucessos desse fabricante de narizes à influência exercida pela literatura infantil de Monteiro Lobato: as mocinhas cresceram sob o signo de Narizinho Arrebitado...

* * *

Colombo descobriu a América. Chegou a vez da América descobrir Colombo. Basta que o voto livre e independente envie Adalgisa como representante brasileira ao torneio de beleza internacional de Long Beach.

* * *

O encontro de dois pares de brincos, absolutamente iguais e absolutamente \$\$\$, está ameaçando seriamente a estrutura de certo «affaire». Os brincos se encontraram casualmente, no «Drink». Mas a franca atiradora não se conforma em que ele tenha comprado para a legítima, no mesmo dia, o mesmo presente...

* * *

O sr. Jorgito Chaves está deitando corpo com o casamento. Se não entra em «regime de urgência», Mariazinha vai crismá-lo de Jorjão.

* * *

A nota da Embaixada Britânica narrando o pesar sentido pelo embaixador Harrison por não voltar ao Brasil, é mais um desses chavões de hipocrisia diplomática. A verdade é que sir Geoffrey Harrison aproveitou as férias e cavou a transferência para posto mais importante. Um dos bons valores do Foreign Office, ex-embaixador em Moscou, ninguém entendera bem os porquês de seu exílio no Rio.

* * *

A propósito de um tópico de Lady Maxwell publicado no número de 24 de maio, sobre o envio de repórteres de «O Cruzeiro» para a cobertura da Copa do Mundo, esclarece a sagra do repórter-fotográfico Luís Carlos Barreto não ter sua filha acompanhado o marido à Europa por conta da revista.

* * *

Nem tudo em Paris é apreensão, como dizem os jornais — pelo menos na esfera social. Num envelope colorido de selos, de lá nos vem uma grata notícia: a participação de casamento de nossa querida Mademoiselle Maria do Socorro Vasconcelos com «Monsieur le docteur» Norbert Heintz. A bênção nupcial teve lugar no sábado, dia 31 de maio, às 11 h. 45, na Igreja de Saint-Germain-L'Auxerrois.

Para Maria, que trocou há seis anos os ares pernambucanos pelos parisienses, e para seu jovem espôso, nossas sinceras felicitações.

Relax-se em

«A árvore da vida» a
dupla tragi-romântica de

«Um lugar ao sol» —
187 minutos de guerra
(Norte vs. Sul)

e conflitos individuais —

A esperança de um
novo «E o Vento Levou...»
não morre nunca.



ELIZABETH E MONTGOMERY EM 65 mm.

HA, NO FOLCLORE americano, uma velha história, quase esquecida — a de que Johnny Appleseed, entre os milhares de sementes de maçã que espalhou no país, semeou um grão mágico, proveniente da China. Esse grão deu origem à primeira “Árvore da Vida”, plantada em segredo em algum lugar da América. Quem a encontrar, por acaso ou ao fim de muita procura, encontrará o amor, a felicidade, o próprio segredo da vida.

“A Lenda da Arvore da Vida é a eterna história da luta do homem para conquistar o inatingível. Em todas as partes, em todas as épocas, em todas as línguas, os poetas cantaram-na — a primeira árvore dos jardins do Paraíso; a árvore de Apolo carregada de maçãs de ouro sob a guarda das Hespérides; a árvore dourada do Oriente transplantada para a América, com o amor como fruto e a riqueza como flor. A Árvore da Vida, para quem a encontrar”.

Essa lenda é o ponto de partida — e o centro simbólico — de uma novela, da qual foi extraído o mais ambicioso de todos os

filmes da nova produção da Metro-Goldwyn-Mayer, **A Arvore da Vida** (Raintree County). A novela, na lista dos “best-sellers” nos Estados Unidos, é de Ross Lockridge Jr. E no filme, adaptado por Millard Kaufman e dirigido por Edward Dmytryk, a procura da árvore legendária é empreendida, nos dias tumultuosos da Guerra Civil, por Montgomery Clift, fascinado pela idéia de que ela está plantada em sua terra, em Indiana. Essa busca, desordenada, mas persistente, acaba por alterar o curso da vida do herói e, em consequência, o das duas mulheres que ele amou, Elizabeth Taylor e Eva Marie Saint.

LIZ E CLIFT, OUTRA VEZ JUNTOS

Em 1951, sob a direção sensível de George Stevens, tiveram Elizabeth Taylor e Montgomery Clift o primeiro encontro, em **Um Lugar ao Sol** (A Place in the Sun), a segunda versão hollywoodiana (e superior, em cinema, à de Josef von Sternberg) da obra mais discutida (e importante) de Theodore Dreiser, “An American Tra-

gedy". Ao que se diz, houve então um início de romance entre os dois atores. A verdade, entretanto, é que Elizabeth continuou a se casar — com Michael Wilding, seu segundo marido, e com Michael Todd, para conhecer o drama da viuvez — enquanto Montgomery permanecia solteiro. Há quem fale, também, em desilusão do ator — o que, no fundo, vem a ser uma velha neurose, que já o levou até a consultar alguns psicanalistas. Um caso parecido — porém sem desenlace trágico — com o de outro galã de Liz (em *Giant*), o desaparecido James Dean.

Em *A Arvore da Vida*, Montgomery Clift é um sonhador — o tipo de personagem mais freqüente na carreira do ator — e, no começo, está namorando Eva Marie Saint, quando chega a Raintree County, de visita, Elizabeth Taylor. Em pouco tempo, Elizabeth desperta a admiração de Clift. A um subterfúgio dela, que diz estar grávida, segue-se o casamento. E em pouco tempo, também, Clift descobre a mentira e o desequilíbrio mental da esposa. Assim mesmo, decide conservar-se fiel a Elizabeth, amparando-a em todos os momentos, sobretudo quando ela, desta vez, está mesmo esperando um filho. E vem a Guerra Civil, aumentando o desequilíbrio de Elizabeth, que, numa crise, atravessa as linhas inimigas com o menino no colo, de volta à plantação de seus pais, no Sul. Só muito mais tarde, o marido a encontra, recolhida a um asilo e completamente fora de si.

NO RASTRO DE SCARLETT O'HARA

A Arvore da Vida é uma das produções mais caras da Metro, tendo custado mais de 5 milhões de dólares. É, também, uma das fitas mais longas que Hollywood produziu. A princípio, foi anunciado que teria cerca de cinco horas de duração, com o que bateria todos os recordes nesse terreno — mas a versão definitiva ficou em pouco mais de três horas, ou melhor, em 187 minutos. O tamanho e o ambiente do filme, com a história diretamente ligada à Guerra de Secessão, impeliram os dirigentes do estúdio a acreditar numa possível repetição do êxito (até hoje estrondoso) de *E o Vento Levou*.

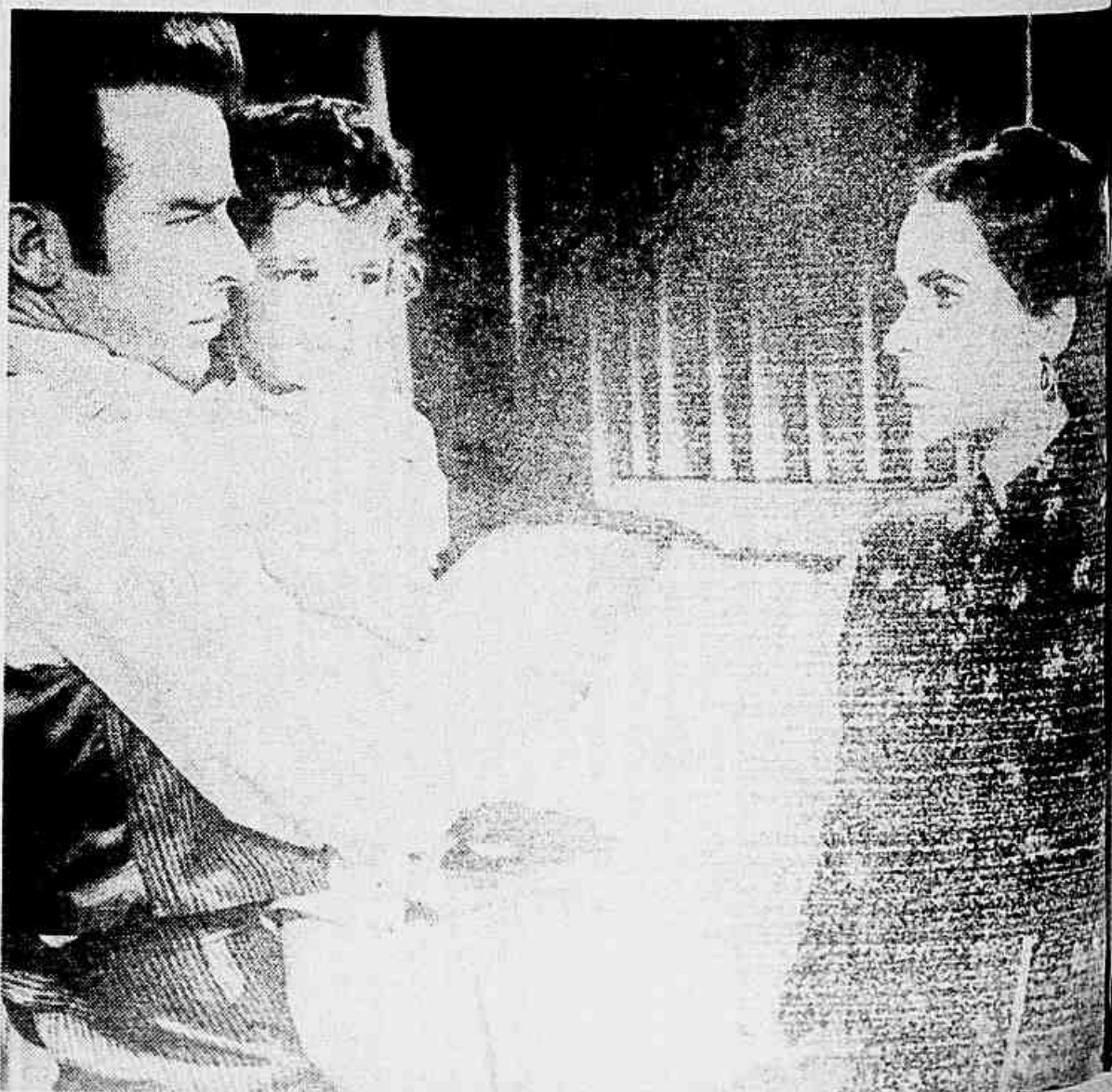
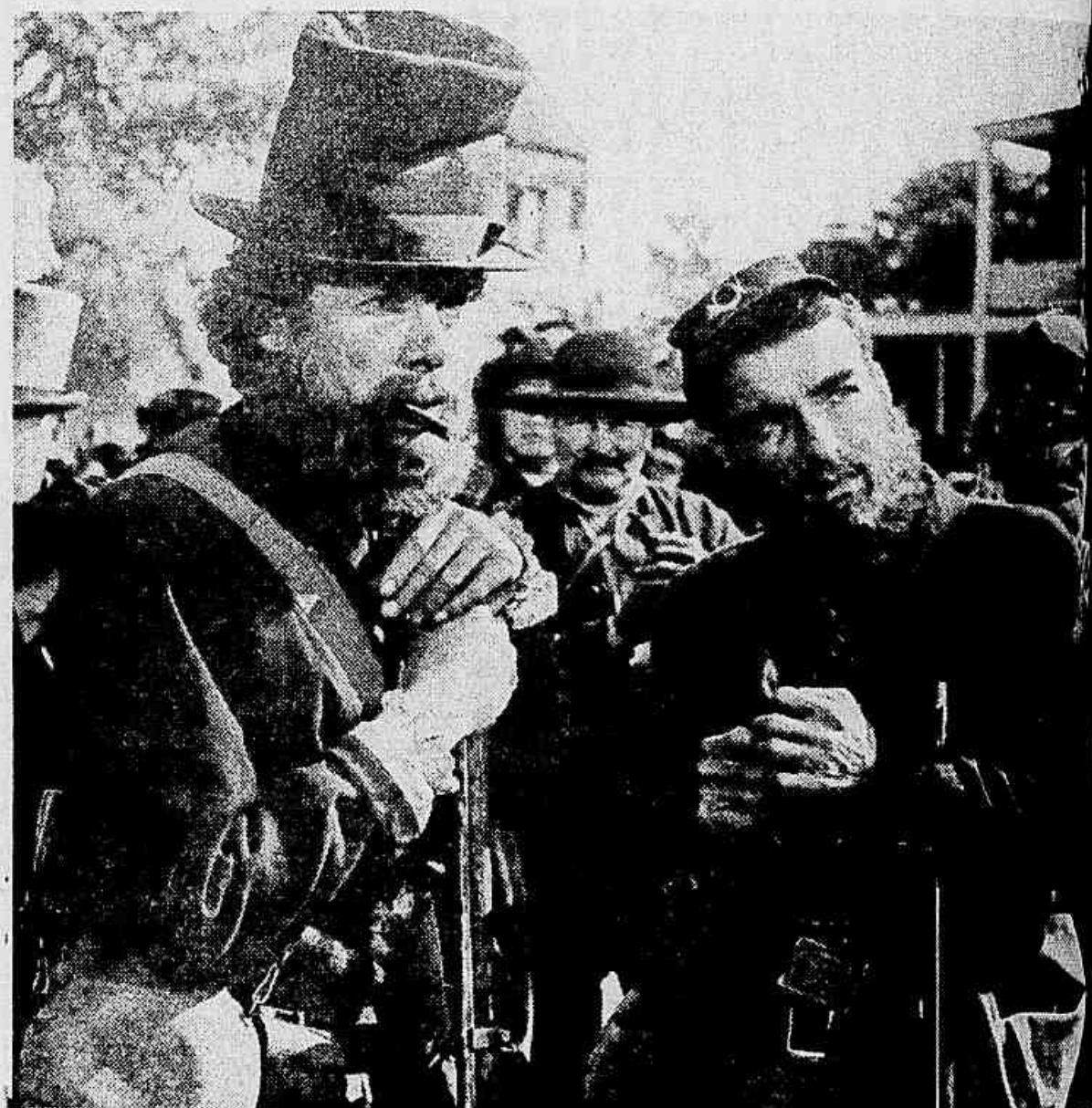
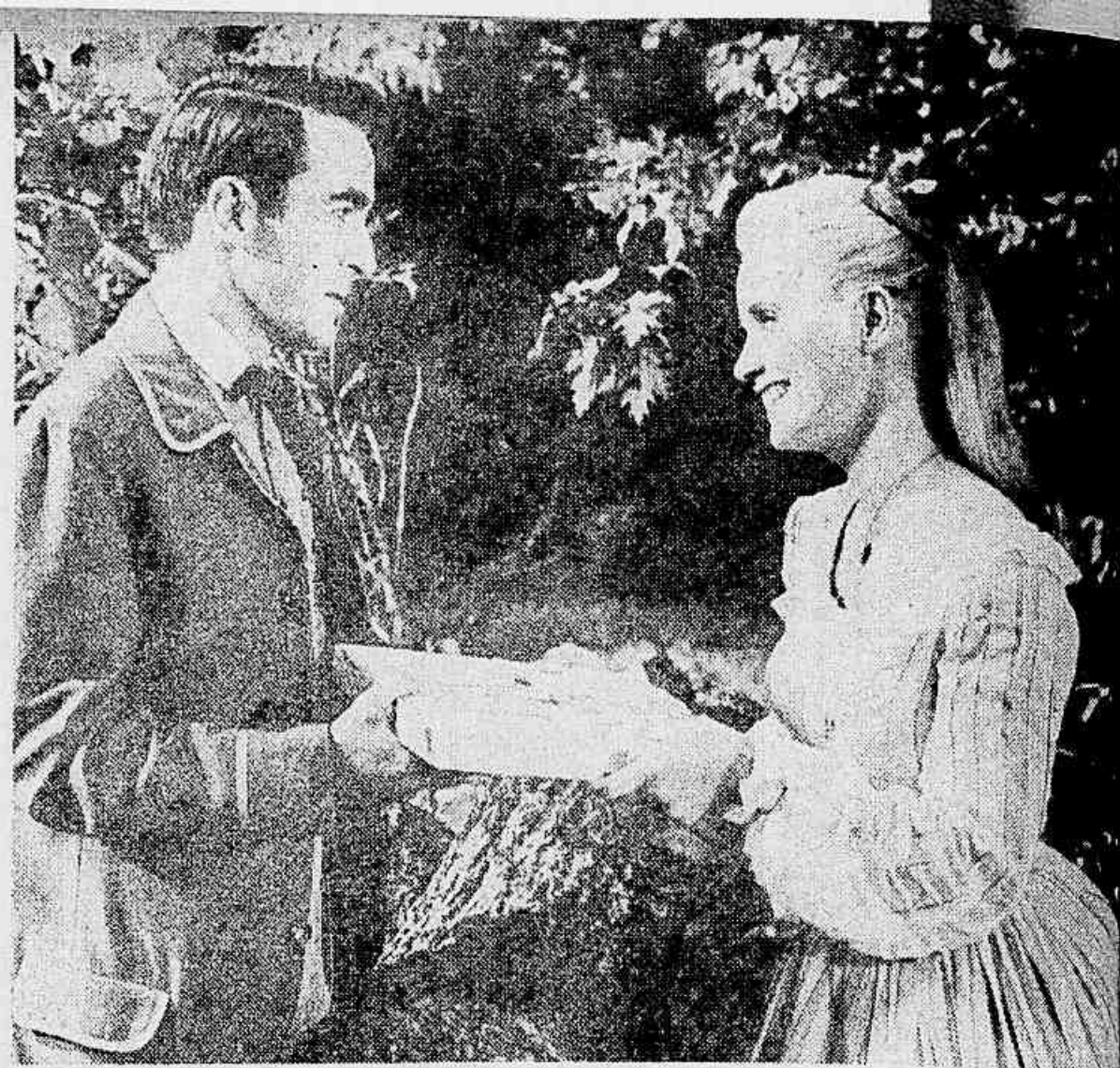
A narrativa caminha, realmente, em cima de vários incidentes históricos: a eleição de Lincoln, o movimento abolicionista no Norte, a secessão dos Estados do Sul e a guerra. O filme foi rodado *on location* — em Danville (Kentucky), no lago Reelfoot (Tennessee) e em Natchez (Mississippi). E, pela primeira vez, foi usada uma câmara de 65 mm. Segundo esse processo aperfeiçoado pelos técnicos da Metro, o negativo de 65 mm é impressionado e, depois, reduzido para 35 mm, nas cópias para exibição nos cinemas — uma técnica de certo modo semelhante ao "CinemaScope 55" usado pela 20th Century-Fox em duas de suas produções (*O Rei e Eu* e *Carrossel*). A fotografia, naturalmente, é em Technicolor e confiada à competência, muitas vezes comprovada, de Robert Surtees.

UM VASTO PAINEL

Durante as três horas de ação, muitas são as batalhas focalizadas em cenas que mereceram a maior atenção do diretor Edward Dmytryk, tanto no ritmo como em seu aspecto de reconstituição pictórica. As principais: a de Chickamauga, em 1863, a de Georgia e a da Montanha Kennesaw, em 1864, e, especialmente, a marcha do general Sherman sobre Atlanta, a famosa "Marcha para o Mar".

A história que tem início em 1859, com Montgomery Clift ouvindo de Nigel Patrick a lenda da "Árvore da Vida", vai até o fim da guerra. Uma das últimas cenas do filme mostra o trem que leva o corpo de Lincoln passando por Freehaven a caminho de Illinois.

Os dois aspectos de *A Arvore da Vida* — o épico, com um vasto painel da guerra, e o dramático, com os conflitos individuais dos personagens — fundem-se sob a direção de Edward Dmytryk, cuja carreira cinematográfica, por sinal, tem inúmeros triunfos, entre os quais sobressaem *Rancor*, *Até a Vista Querida*, *Volúpia de Matar* e *A Nave da Revolta*. E, sem contar o trio central (com Eva Marie Saint esperando até o fim o herói), há ótimos atores no elenco. Nigel Patrick, visto (e sempre bem) em inúmeros filmes ingleses, estréia em Hollywood em boa caracterização; e Lee Marvin tem importante atuação como o fanfarrão que se sacrifica para salvar o protagonista. E ainda Agnes Moorehead, Walter Abel, Rod Taylor, Tom Drake, Jarma Lewis e Phyllis Williams, num elenco em que existem 119 papéis falados e centenas de figurantes.



H

m
an
di
lú
ça
m
So
Ri
Fo
ris
An
jou
Ke
Jo
ge
fil
Sin
tas
de
Da
a t
Da
Ha
for
Re
dir
é o
tho
fil
bor
Da
Cy
pro
Ray
gué
Col
Pal
em
Rob
"M
gen

FR

J
do
Tra
dire
se i
O p
emp
rige
tine
lado
num
Cav
"Les
dom
char
bon
bon
indi
ou s
des
Clai

DE TÔDA A PARTE

HOLLYWOOD

James Stewart, Kim Novak e Jack Lemmon são os protagonistas de "Bell, Book and Candle", que Richard Quine ("O Cadillac de Ouro") vem de concluir na Columbia. Já está pronto, à espera de lançamento, o segundo filme extraído do romance de Françoise Sagan: "Um Certo Sorriso", que Jean Negulesco realizou na Riviera francesa, com Rossano Brazzi, Joan Fontaine e uma novata (descoberta em Paris), Christine Carère, nos papéis principais. Antes, Otto Preminger levou à tela "Bonjour, Tristesse", com David Niven, Deborah Kerr, Jean Seberg (a revelação de "Santa Joana") e outra revelação (a de "As Virgens de Salém"), Mylène Demongeot — a filmagem também na Côte d'Azur. Jean Simmons, que estamos vendo em "Famintas de Amor", já terminou, sob a direção de Mervyn LeRoy (WB), "Home Before Dark", tendo como companheira de elenco a também ótima Rhonda Fleming. E ainda: Dan O'Herlihy, Efrem Zimbalist Jr. Rex Harrison e Kay Kendall, marido e mulher fora da tela, continuam o romance em "The Reluctant Debutante", rodado em Paris pelo diretor Vincente Minelli. Gary Cooper é o herói de "Man of the West", que Anthony Mann dirigiu (United Artists). Nesse filme, Julie London se torna estrêla. E são bons os coadjuvantes: Lee J. Cobb, Royal Dano, John Dehner. Robert Taylor e Cyd Charisse — juntos em "Party Girl", produção da Metro dirigida por Nicholas Ray, com outros bons elementos (mas ninguém da classe de Cyd) no elenco: Lee J. Cobb e John Ireland. Jeff Chandler, Jack Palance e Martine Carol estão terminando, em Berlim, "The Phoenix", cujo diretor, Robert Aldrich, é o grande artista de "Morte sem Glória" e "A Grande Chantagem", ambos com Palance no papel central.

FRANÇA

Jean Marais, aparentando mais dez anos do que realmente tem, é o herói de "Une Tragédie Parisienne", de Léo Joannon, o diretor de "Desespêro d'Alma". A história se inspira no romance de Jacques Robert. O papel de Marais é o de um aristocrata empobrecido que, para ganhar a vida, dirige uma espelunca, no "bas-fond". Martine Carol, ao que se anuncia, estará ao lado de Vittorio De Sica e Daniel Gélin num filme do diretor (nascido no Brasil) Cavalcanti e intitulado, até o momento, "Les Noces Veritiennes". Pierre Fresnay domina inteiramente a narrativa de "Marchand de Bonheur", tendo como sócia um boneco e manejando, filosoficamente, outros bonecos, para dar a felicidade que convém, individualmente, a seus protegidos. Fantasy ou science-fiction? Ou só filosofia? "Porte des Lilas", o filme mais recente de René Clair — e que veremos com o título (in-

concebível) de "Por Ternura Também se Mata" — é um dos maiores êxitos do cinema francês, em todo o mundo. Pierre Brasseur, à frente do elenco, com Dany Carrel (a quem Clair deu uma "ponta" em sua obra anterior e admirável, "As Grandes Manobras") e Henri Vidal em outras atuações proeminentes. Michèle Morgan e Charles Boyer, velhos companheiros de aventuras, foram reunidos pelo diretor Henri Verneuil em "La Bel Amour", com Arletty mais atrás.

ITÁLIA

Em aldeia da província de Foggia, Totó começou a filmar "Gambe d'Oro" (Pernas

de Ouro) — a história de um time de futebol em complicações, por causa do "estrelismo" de alguns "cracks". "Pão, Amor e Andaluzia", com supervisão de Vittorio De Sica, está em filmagem na Espanha, em co-produção italo-espanhola. Nem Gina, nem Sophia — mas boas mulheres: Columba Dominguez e Carmen Sevilla, enfeitando a aventura, a quarta da série. A bela Sylva Koscina terá como rival, provavelmente, a francesa Françoise Arnoul, no novo filme de Gianni Franciolini, "Moglie al Mare" (Espôsas nos banhos de mar), história desenrolada na Riviera italiana. Notícia ainda sem confirmação: Marilyn Monroe faria o papel de Eleonora Duse — e Rossano Brazzi o de Gabriele D'Annunzio — num filme italo-americano.

TRAILLER



UM ROSTO NA NOITE (Notti Bianche). Antes de ser "importada" pela Metro para viver Grushenka em "Os Irmãos Karamazoff", Maria Schell fez, na Itália, o seu primeiro filme dostoienskiano, inspirado na novela (uma das menores do escritor) "Noites Brancas" e dirigido por Luchino Visconti. Os companheiros de Maria são o francês Jean Marais e o italiano Marcello Mastroianni. E o filme foi um dos escolhidos para representar o cinema italiano no último Festival de Veneza. O papel de Maria Schell é fortemente dramático, mas a atriz está acostumada às emoções fortes. Com estas, triunfou em toda a Europa — e em toda a linha. Fez filmes na Inglaterra ("O Preço de uma Aventura"), na Suíça, na Alemanha, na França ("Gervaise", um de seus maiores êxitos), e, após a experiência italiana, foi em linha reta para Hollywood. No momento, Maria filma um western ("The Hanging Trees"), com Gary Cooper. Na versão de "Noites Brancas", que veremos com o título de "Um Rosto na Noite", a estrêla vence, facilmente, seus companheiros de história. A beleza de Maria é uma beleza inteligente. E o filme, que Visconti ajustou a um estilo "neo-romântico" — indignando os que queriam vê-lo transformar Dostoiewsky em autor "neo-realista" — é o produto de um trabalho consciencioso, embora alguns críticos tenham visto certa teatralidade no ritmo da narrativa.



GLÓRIA FEITA DE SANGUE (Paths of Glory). Kirk Douglas é o intérprete principal e o produtor (através da Bryna) do novo filme do diretor Stanley Kubrick, um dos mais jovens e mais audazes do cinema americano, como se viu em "O Grande Golpe" (The Killing). A ação se desdobra durante a guerra de 14-18 — bem na metade, em 1916 — seguindo o livro de Humphrey Cobb sobre um episódio militar: um general francês da "velha escola", que exige o cumprimento rigoroso de todas as ordens, mesmo as absurdas, condena à morte três soldados, escolhidos entre os integrantes de um pelotão que não executou uma tarefa determinada pelos superiores, e esperando dar, com isso, uma lição a todos os homens sob seu comando. O papel de Kirk Douglas é o do coronel que se revolta contra esse sistema, abalando, então, a tradição e o prestígio de que sempre se orgulhou o exército francês. No elenco: Ralph Meeker (um dos soldados executados), Wayne Morris (um tenente covarde, sem personalidade), George Macready (o general), Adolphe Menjou (outro general) e ainda Emile Meyer e Timothy Carey. Em virtude de seu tema, o filme de Kubrick não será exibido na França, mesmo por que o seu lançamento (recente) na Bélgica causou alguns distúrbios, de que participaram veteranos franceses da I Guerra Mundial ali residentes. Mas é uma obra da maior importância cinematográfica, na opinião dos melhores críticos.



AMBROZIO



da
ne
Na

sá
con
est

—
Sh
tid

«E

olh
os
em
cel
dél
lett
vol

cuj
gan
alg
fiss
ind
nhe
esta
um
situ

de 1

me

E t
raz

O SINGULAR ENCONTRO

DE THÉODORE SHARP

NÃO TEMOS dúvida nenhuma de que, no cinema, tal história daria um excelente "gag" e ficaremos surpreendidos se um cineasta de Hollywood não vier a utilizá-la mais cedo ou mais tarde. Na vida, entretanto, é apenas uma divertida história policial.

Há alguns dias, um automobilista — Théodore Sharp, responsável por um acidente, felizmente não muito grave, foi detido e condenado a 48 horas de prisão por haver tomado o volante em estado de embriaguez.

Como os estabelecimentos penitenciários do Estado de Nevada — onde teve lugar o acidente — estivessem lotados na ocasião, Sharp — honrado homem de negócios de Los Angeles — foi metido numa cela, onde já se encontravam dois outros presos.

«EU O CONHEÇO»

Depois que o carcereiro o meteu no cubículo, Sharp ficou a olhar, desanimado, em torno de si. Tendo começado a fugir-lhe os efeitos da bebida, passou a considerar a desagradável situação em que, inesperadamente, se metera. Na semi-obscuridade da cela via, apenas, dois vultos que o olhavam com indiferença. Um deles, ainda moço, estava deitado na prancha que lhe servia de leito, as mãos cruzadas na nuca; depois da entrada de Sharp, voltou à posição primitiva — o olhar vago fixo na parede do teto.

A fisionomia do outro pareceu-lhe familiar. Era um sujeito cuja idade devia estar beirando os trinta e cinco, de porte agigantado, a barba hirsuta. Sharp tinha idéia de que já o vira em algum lugar, mas não lhe ocorria onde; nas suas andanças profissionais, de cidade em cidade, estava sempre em contato com indivíduos das mais diferentes esferas sociais. Poderia tê-lo conhecido em alguma casa comercial de Los Angeles, numa rápida estada de hotel. Poderia, mesmo, ter sido parceiro eventual de uma noite num bar. De qualquer modo, aquele encontro em situação tão imprevista espicou-lhe a curiosidade:

— Conheço-o — disse ele — mas não sei de onde. Não será de Los Angeles?

O outro o olhou com indiferença:

— Viajo muito — respondeu — e meus negócios muitas vezes me levam àquela cidade.

Era um colega — pensou Sharp, satisfeito com a descoberta. E talvez que a presença dele, ali, fôsse motivada pelas mesmas razões da sua:

— Está aqui igualmente por uma... história de carro?

— Não, unicamente. Carros, jóias, títulos...

Sharp fitou-o surpreendido:

— Como?

— Seis anos por furtos, receptações e outras bagatelas. E tu?

O negociante teve um choque. Mas, no mesmo instante, sentiu um clarão dentro de si. Era seu companheiro de cela que... oito meses antes o tinha assaltado, revólver em punho, uma noite, no momento em que acabava de guardar o seu automóvel. Tinha-lhe roubado a carteira, a aliança e o relógio — e, como chovesse — o impermeável. Ainda bem que lhe conservara as chaves. Mas deixara-o praticamente limpo, na grande noite estranha de uma cidade da vizinhança, sem um centavo para a refeição ou para abrigar-se durante a noite num hotel; tivera de dormir no próprio automóvel... Apesar de ter dado queixa à polícia, o autor da agressão nunca fôra encontrado.

"Se eu tivesse que me lembrar da cara de todos os meus clientes..."

Sharp encontrava-se sinceramente aturdido com a descoberta. Evitava, porém, revelar a própria identidade, principalmente porque o seu "vizinho" era um respeitável pedaço de homem...

Permaneceu na cela durante o tempo que lhe fôra imposto, olhando de vez em quando para a fisionomia impenetrável do colega, e experimentando estapafúrdias sensações. Era bem estranho, tudo aquilo. Sabendo de quem se tratava, evitara aprofundar as relações iniciais, por razões que considerava bem justificáveis. Preferiu aguardar a expiação da pena e, só então, participou sua descoberta ao diretor da prisão.

— E' um perigoso bandido mexicano, um tal Havendas, respondeu-lhe o diretor; e fez muito bem em calar-se...

Diante daquela resposta, Sharp foi invadido por um grande terror, pensando no perigo corrido se tivesse, no interior das quatro paredes da cela, pedido contas ao sujeito...

Havendas, interrogado momentos depois, não fez nenhuma dificuldade em admitir os feitos, embora não tivesse reconhecido Sharp:

— Se eu tivesse que me lembrar da cara de todos os meus clientes! — declarou, dando de ombros.

E, se desde muito tempo havia gasto o dinheiro da carteira, indicou, pelo menos, o camarada a quem vendera o anel e o relógio e, assim, conseguiu Sharp recuperá-los.

Mais tarde, na comodidade de sua casa, em Los Angeles, o fato foi relatado por Sharp aos seus amigos. A história fez sucesso e um repórter quis, mesmo, entrevistá-lo na televisão. O negociante aceitou o convite, e, na noite seguinte, relatava a sua curiosa aventura diante das câmeras.

E observava:

— Já que a polícia não encontra os ladrões, o único meio que resta a um homem honrado de recuperar seus bens é dar ele mesmo uma voltinha pelas prisões...

CONFRATERNIZAM OS CRIADORES NACIONAIS



O dr. Mário Ribeiro saúda os criadores. A direita, o diretor da Remonta, gen. César Cezimbra, e o ministro Luiz Gallotti, e, à esquerda, o dr. A. J. Peixoto de Castro e o ministro A. Trompowsky.



O embaixador Oswaldo Aranha agradeceu a homenagem, em nome dos criadores, tendo à direita o doutor Francisco Eduardo de Paula Machado e à esquerda o doutor Gilberto Rocha Faria.

O JOCKEY CLUB BRASILEIRO, conforme bem acentuou o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, seu ilustre presidente, na saudação proferida no almoço realizado no dia primeiro do mês corrente: "escolhe propositadamente o dia do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul para renovar as felicitações calorosas aos criadores do puro sangue no Brasil". É assim que, em torno dos dirigentes da nossa maior sociedade turfista, reuniram-se num belo ágape as maiores ex-

pressões de criadores da nossa metrópole e de outras unidades do país.

Num ambiente de muita cordialidade, as palavras proferidas pelo intérprete dos homenageados, como as expressões do representante dos homenageados, evidenciaram o propósito de todos, unidos sob a bandeira do Jockey Club Brasileiro, coordenarem os esforços dispersos que "realizam nos campos e em todos os pontos do Brasil", conforme clamou na sua brilhante oração o embai-

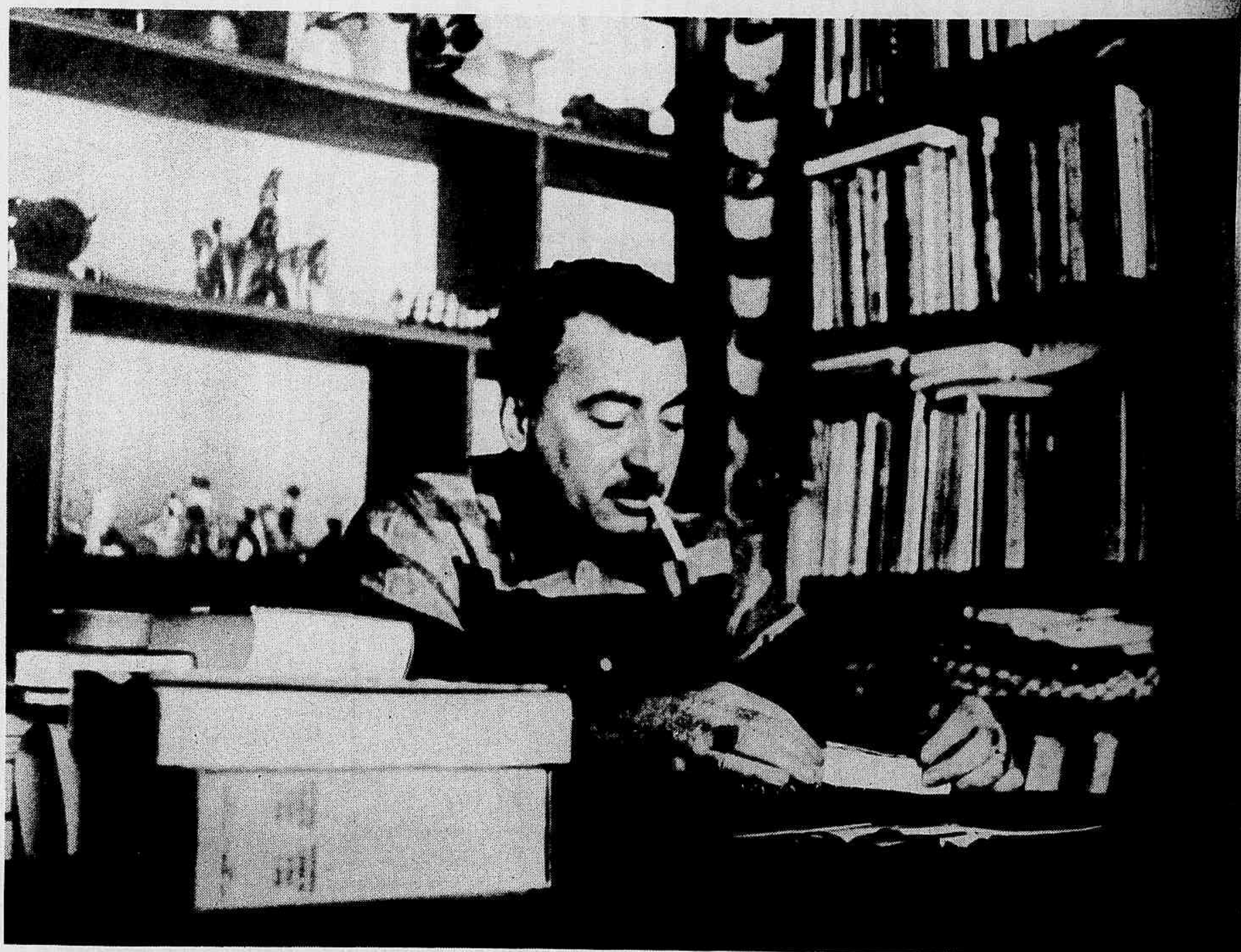
xador Oswaldo Aranha, que foi o intérprete dos criadores nacionais. Já no mesmo sentido falara o dr. José Homem de Mello, criador e também diretor do Stud Book de São Paulo. Da bela festa que foi o "Grande Prêmio Cruzeiro do Sul", na linda tarde do primeiro domingo deste mês, apresentamos alguns flagrantes, que fixam principalmente o almoço oferecido pela diretoria do Jockey Club Brasileiro aos líderes da criação nacional.



O criador e diretor do Stud Book de S. Paulo, dr. José Homem de Mello, falando em nome dos seus colegas bandeirantes, ladeado pelo ministro Armando Trompowsky e pelo sr. Álvaro Carijó.



Na Tribuna de Honra do Hipódromo Brasileiro, as senhoras Mário de Azevedo Ribeiro, Adhemar Fonseca e Ibsen de Rosal abrilhantam com sua presença, a festa dos criadores nacionais.



JORGE AMADO

REALIDADE E FICÇÃO

JOSÉ CONDÉ

É um domingo de maio. Um sino qualquer — e como os há na Bahia: tristes, alegres, finos, graves — acompanha o cair da chuva aqui no Largo do Pelourinho com seu casario sombrio, suas fachadas e cornijas, seu silêncio antigo como os próprios sobrados. Da janela do edifício onde funciona a Academia Angola, do capoeirista Mestre Pastinha, Jorge Amado e eu (estamos na Bahia para assistir ao lançamento do livro de Darwin Brandão e Motta e Silva, "Cidade do Salvador — Caminho do Encantamento") vemos do outro lado — alto, escuro e triste — o cortiço

onde o escritor residiu durante todo o ano de 1929 e que lhe inspirou as pungentes histórias do romance "Suor".

"Um velho sobrado como os outros — escreveu o romancista — aportado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos (raros). Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço, uma padaria árabe clandestina. 116 quartos, mais de 600 pessoas. Um mundo".

Indago de Jorge:

— Que sente?



Pelas ruas noturnas de Salvador, Jorge Amado revive os

— Estou emocionado — responde. Não pelo livro que saiu do sobrado e das criaturas que nêle habitavam. Mas saudade do tempo em que aqui morei, dos companheiros, da vida de então, quando mal me iniciava nas letras trabalhando no velho “Diário da Bahia”.

Faz uma pausa:

— Embora a cidade de hoje continue guardando tôda a atmosfera que sempre a caracterizou, sinto que já não é a mesma daqueles anos. Alguma coisa morreu para sempre.

* * *

Estamos agora no Largo da Sé. Foi aqui que o negro Antônio Balduino (do romance “Jubiabá”) viveu noites gloriosas lutando boxe e capoeira; foi aqui que, certa vez, derrubou Ergin, o alemão.

“A sombra da igreja centenária se estendia sobre os homens. Raras lâmpadas iluminavam o tablado. Soldados, estivadores, estudantes, operários, homens que vestiam apenas camisa e calça, seguiam ansiosos a luta. Pretos, brancos e mulatos torciam todos pelo negro Antônio Balduino que já derrubara o adversário duas vezes”.

Jorge explica:

— Do tempo em que o livro foi escrito, só existem o antigo palácio do Arcebispado (hoje Faculdade Católica) e o outro lado da rua, com as mesmas casas. Já não existe, porém, a Sé, com suas pedras enormes e negras, igreja onde o padre Antônio Vieira pregou tantas vezes contra os invasores holandeses.

No local em que está o Belvedere — prossegue o romancista — havia um pequeno parque com árvores e um bar. Exibiam-se aí dançarinos, mágicos e lutadores de boxe e capoeira. Lembro-me, por exemplo, de um lutador chamado “Euclides, o Psicólogo”, campeão baiano de todos os pesos. Foi nesse local que situei as lutas do meu personagem Antônio Balduino.

— O negro Baldo existiu de verdade? — indago.

Jorge:

— Não. Foi resultado de uma porção de negros que conheci, mas, especialmente do Vicente, um estivador.

* * *

Ainda o romance “Jubiabá”.

Explica-me Jorge Amado a escolha do título:

— Vivia na Bahia um pai de santo chamado Jubiabá, sujeito finório que se utilizava da macumba para fazer política. Dêle, só aproveitei o nome. Quem inspirou realmente a figura de Jubiabá, foi o professor e babalaô Martiniano do Bonfim, negro de seus setenta anos, homem de muitos conhecimentos, bom, puro, que estudou religião feticista em Lagos, na África. Devo acrescentar, porém, que o preto Martiniano era bem mais culto do que o meu Jubiabá. Conheci o professor intimamente. Recordo mesmo que êle participou, com alguns trabalhos interessantes, do II Congresso Afro-Brasileiro, realizado na Bahia em 1936.

Há uma cena em “Jubiabá”, que começa assim:



personagens de seus grandes romances

"A noite caía pelos fundos das casas e era aquela noite calma e religiosa da Bahia de Todos os Santos.

Da casa do pai de santo Jubiabá vinham sons de atabaque, agogô, chocalho, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no pisca-pisca das estrêlas, na noite silenciosa da cidade".

Esclarece o escritor:

— O terreiro descrito no romance e atribuído ao pai de santo Jubiabá, pertencia, na verdade, à mãe de Santo Aninha que aparece nas páginas de "Capitães de Areia"). Aninha foi uma beleza de pessoa. E queridíssima. Será bastante dizer que, quando morreu, o entêrrô foi acompanhado por mais de cinco mil pessoas. Seu terreiro, famoso na Bahia, pertence hoje à sua filha, a negra Senhora.

• • •

— Na Cidade Baixa, para os lados do Mercado Modelo e próximo do Cais dos Saveiros — diz Jorge — havia o areal que se estendia até a Gamboa de Baixo. Aí ficava o trapiche onde situei os pequenos personagens de "Capitães de Areia".

Hoje, o areal já não existe; ergueram-se sôbre o calçamento casas comerciais. Mas o Cais dos Saveiros, diante do Mercado, ainda é o mesmo da época descrita em "Mar Morto".

— A propósito — pergunto — Guma existiu?

— Não. Foi a idealização de certos mestres de saveiros que conheci.

Mas a negra, alta e corpulenta, Rosa Palmeirão, existiu mesmo.

— Conheci-a — diz Jorge — em Ilhéus, embora ela fôsse de

Salvador. Em 1944, estando na Bahia, recebi a visita de um soldado do Exército, filho de Rosa.

• • •

Agora estamos juntos, Jorge Amado, Marques Rebelo e eu. Saímos para um novo encontro com as ruas noturnas. De um sobrado qualquer, na Ladeira da Montanha (aí também morou um personagem de "Jubiabá", Jesuíno, que fôra mendigo e moleque, companheiro de Baldo nas andanças pela cidade) vem a voz de um rádio. Na esquina, uma preta velha vende mingau de puba e de farinha.

Lembro-me da Travessa Zumbi dos Palmares:

"O silêncio e o sossêgo desciam de tudo e subiam de tudo".

Teria existido?

Jorge responde:

— Creio que ainda existe. Ficava perto do morro, no bairro das Pitangueiras, onde morava Baldo, e de onde êle podia avistar e ouvir a Baixa do Sapateiro, quando a cidade anoitecia.

• • •

Embora dentro dêste mundo que transportou para romances admiráveis — mistério e poesia da cidade negra e religiosa da Bahia — Jorge Amado torna a repetir o que me havia dito quando estivemos, sob a chuva, no Largo do Pelourinho:

— Sinto-me emocionado revendo essas coisas. Não pelos livros que escrevi inspirado em tudo isso; mas pelo fato de ter vivido tudo isso, um dia.

ENCONTRO... com vocês, com a vida, com o Rio... "que vai para o trabalho e é feliz"... encontro com a Noite. Encontro, hora marcada, dia fixo... dia fixo e hora marcada com esta revista, com vocês... e só palavras. Palavras que não trazem novidades. Nada além do antigo... que se repetirá sempre: sorte, políticos comendo (ou comida política?), declarações de celebridades internacionais (que tomam conhecimento das declarações feitas através de agentes de publicidade ao mesmo tempo que o público), sonhos e até preces (que passam).

SORTE é uma palavra muito grande. Abrange muita coisa, em geral as vitórias dos outros... e de vez em quando (*de vez em quando!*) serve de modéstia nas nossas. A menina é muito moça, na verdade é uma criança... Seu nome é Marly Tavares, carioca. Há poucos meses entrou para o "Night and Day" sendo vista pelo público durante exatamente 42 segundos: descendo vestida de índia, com uma arara na mão, no disco suspenso ao final do espetáculo. Depois apareceu mais um pouco: dançava na terceira (portanto, última) fila de "show-girls". Há dois meses atrás, já cantava em cena juntamente com outras três moças. Mas a parte do solo era sua. Há quinze dias Marly passou a usar plumas. Vem à frente no final entre Norma Tamar e Norma Benguel. Foi uma questão de sorte: Marina Marcel saiu do elenco e Marly ficou no seu lugar.

Sorte? Depende... julguem vocês! Marly quando sai do "Night and Day" vai direto para casa: no dia seguinte, cedo, tem aula de "ballet" no Teatro Municipal. Marly canta em casa, (todo mundo canta um pouco). Mas quantas candidatas a vedeta aceitam cantar como "crooner" com a orquestra antes da vespéral? "Eu? Bailarina e futura grande estrêla, cantar de tarde, na orquestra??? Eu não!" Só que Marly não disse isto. Cantou mesmo e conseguiu prática diante do público.

Quando disposições contratuais e motivos pessoais (casamento, por exemplo) afastaram Marina Marcel do elenco, Marly foi colocada em seu lugar. Havia tantas outras que poderiam ter sido escolhidas, que estavam no elenco há mais tempo, que dançavam, inclusive, na frente dela quando faziam conjunto. Por que? Talvez porque Marly, quando dançava no fundo do palco — onde tantas pensam que o produtor não as está observando — sempre dava o máximo, sempre sorria. Talvez porque Marly havia tido o trabalho de observar Marina Marcel dançando e aprendendo todos os passos da estrêla...

E'... foi sorte! Se vocês acham que disciplina, estudo e trabalho (aliados a talento, é claro) podem ser chamados de "sorte".



encontro

com chuck



DECLARAÇÕES de Sophia Loren... sobre o que ela chama de "meus homens". Isto é, aqueles com os quais trabalhou. "Começo com *Marcello Mastroianni*. Com ele fiz três filmes. Ele não é um ator no sentido profissional da palavra. E' apenas um homem que sabe recitar bem. Na vida ou na tela, é sempre o mesmo. Não interpreta nada, seus gestos são lentos, é preguiçoso. Considero-o o melhor artista jovem da Itália..." (Sophia, por favor não seja confusa!).

VITTORIO DE SICCA é uma espécie de "Pai-de-Santo": tudo quando faz e diz só pode ser milagre. Tenho muita gratidão a ele. E respeito profissional: paciência, gênio excelente, memória fantástica, cada cena é estudada cuidadosamente. Vittorio é a prova de que um "gentleman" também sabe fazer as coisas bem..."

FRANK SINATRA é sobretudo um homem muito... mas muito, mesmo... interessante. Além de excelente artista. Sou obrigada a falar dele como artista, mas prefiro pensar nele como homem..."

CARY GRANT me fascinou... embora não seja verdade que eu tenha traído o amor de Carlo Ponti com ele. Tudo o que disseram sobre mim em relação a Cary Grant é mentira. Ele apenas é um bom amigo e me ensinou a praticar o hipnotismo... e ninguém comete, sob influência do hipnotismo, ações com as quais já não esteja de acordo subconscientemente..." (E como você sabe o que se passa no seu subconsciente, Sophia meu bem?...)

WILLIAM HOLDEN é um americano típico: gosta um pouco de bebidas, um pouco de fumo, um pouco de diversões e não gosta de responsabilidades muito pesadas. Seria um bom marido: não se daria ao trabalho de trair a esposa..."

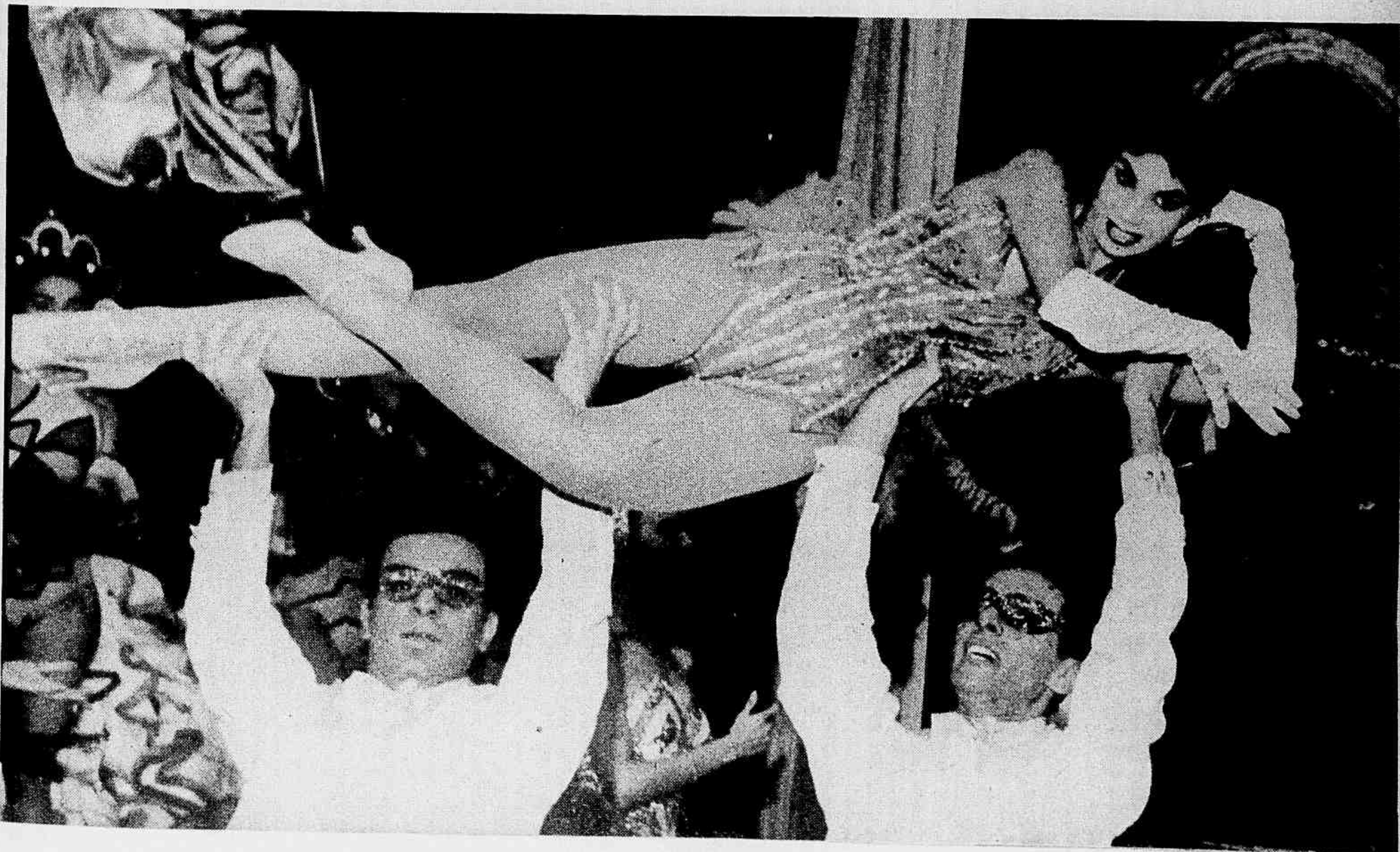
JOHN WAYNE, admiro e respeito profundamente. Mas já fiquei furiosa com ele, como jamais havia ficado com um colega. Durante a filmagem de "Timbuctu" quando eu estava completamente enlevada por uma cena romântica, Wayne, que não estava sendo filmado, gritou subitamente: "Raio! Caiu minha peruca". Naturalmente, a cena foi cortada e eu perdi a inspiração. Quando reclamei com Wayne, furiosa, ele gritou para mim: "E daí? Você não teria uma explosão se seus "falsies" tivessem caído?". Isto, além de grosseiro, foi infame: ele sabe muito bem que eu não uso artifícios..." (Como?...).

ALAN LADD também já me deixou furiosa, mas se portou como um cavalheiro, reconhecendo que eu tinha razão em reclamar o fato de determinada cena ter que ser repetida porque ele não decorava as frases. Pediu desculpas e nunca mais deixou de decorar suas falas".

Finalmente, não posso deixar de falar em **CHARLES BOYER**. Eu tenho que falar num homem francês, não acham? Com ele tive meu maior problema sob o ponto de vista de ângulo da câmara. Eu sou mais fotogênica do lado direito, mas ele também tem um lado "bom" e um lado "ruim"... e exige que seja filmado da direita, em cláusula nos contratos. Pedi, implorei, ele beijou minhas mãos, mandou flores, foi carinhoso, mas insistiu: "Sophia, a senhora é uma esplêndida mulher e uma atriz ainda melhor... mas meu rosto não desce a compromissos..."

PRECE na noite... noctívago velho, menina-moça... chuva à beira, bebida: um pouco,... e a esperança de que os dois pedidos formem um pleonasmo: "Meu Deus, fazel que ela seja minha e que sejamos felizes..."

Mas a prece só forma um paradoxo.





MAYSA

NOVA GRANDE

ATRAÇÃO

DA MAYRINK

AUDIÇÃO EXCLUSIVA DA
GRANDE CANTORA,
AS 22 HORAS DAS
SEXTAS-FEIRAS, SOB
O PATROCÍNIO DA
«ÁGUA INGLÊSA GRANADO»

Maysa, no coquetel que a PRA-9 ofereceu à crônica especializada, para a apresentação da sua nova grande estrêla.

CANTORA que se projetou rapidamente na constelação radiofônica, mercê ao seu incontestado talento, Maysa é hoje um nome de grande evidência no mundo artístico. Seus discos vendem-se, rapidamente, aos milhares. E seu nome se fixou, definitivamente, entre os dos maiores do rádio e televisão. Por isso mesmo a Rádio Mayrink Veiga a absorveu para o seu grande elenco, a trôco de um dos salários de maior expressão no rádio. E lêz bem a PRA-9: a evidência de Maysa, o seu talento e a sua imensa comunicabilidade com o público têm levado para a emissora dos 1.220 quilociclos o aplauso dos ouvintes. E é tal o sucesso

da cantora que a PRA-9 decidiu apresentá-la em um programa exclusivo, sempre às 22 horas das sextas-feiras. Acompanhada pelo Orquestra Tabajara, sob a regência de Severino Araújo Maysa se apresenta, então, pelas ondas curtas e médias da Rádio Mayrink Veiga, numa gentileza da «Água Inglesa Granado». Para se ter uma ideia do prestígio da cantora e a importância da emissora, basta que se diga que o contrato com a «Água Inglesa Granado» para a apresentação das audições de Maysa, foi um dos mais caros dos quanto já se efetuaram no rádio.

A nova contratada da Rádio Mayrink Veiga, ladeada pelos maestros Severino Araújo e Edmundo Peruzzi, e o sr. Renato Baptista diretor-comercial da Mayrink.





Um desfile de modas em Nova Iorque. Note-se a elegância do andar da modelo.

DENTRE as profissões femininas mais bem remuneradas no Brasil e no exterior, a de modelo é uma das primeiras da lista. E é no mundo glamouroso das modelos de exibição e das garôtas-propaganda, que penetramos hoje com a nossa máquina de escrever.

Quase todas as modelos têm sua profissão como trampolim para uma de duas metas: ou se tornar esposa ou se tornar atriz e não há melhor vitrine para ambos os casos. A atual princesa dos muçulmanos e Marilyn Monroe começaram como modelos. Naturalmente que para uma profissão altamente remunerada como é a de modelo, as exigências são tantas, os dotes naturais requeridos são de tal monta que é quase necessário uma criatura ser abençoada para poder desfilar durante 5 minutos numa sala de exibição de modas. Muitas moças pensam que basta ter um porte elegante e um rosto bonito para poder penetrar num estúdio, pôr-se em frente da "câmera" e pronto, seu retrato sai nas revistas, na televisão, em cartazes e em toda parte e depois esperar um contrato de 8 anos em Hollywood ou receber 200 propostas de casamento por dia. Até certo ponto isso é verdade mas há sempre muito exagero em torno do assunto. Geralmente só se fala nas vantagens da profissão; nunca se diz nada sobre o trabalho árduo e da ríida autodisciplina que a modelo tem de se submeter. E aqui estão alguns fatos francos sobre a glamourosa profissão, divididos nas suas várias categorias.

VOCÊ
QUER SER
MODÉLO ?

Se você tem 1m. 85, candidate-se

SE V. TEM 1M 85, CANDIDATE-SE

Uma modelo de modas deve ter cerca de 1m 85 de altura. Deve ser espadaúda e delgada de cintura. Não é necessário ser fotogênica, mas é mister que possua um porte gracioso. Um ar de distinção é um dos mais sérios requisitos. Os ordenados são pagos por hora e geralmente são bem altos. Uma boa modelo pode ganhar até 2 mil cruzeiros por hora e há modelos que trabalham 5 horas por dia.

A "PRIMA POBRE" DA ARTE

A modelo de loja ou departamento é naturalmente mais modesta. Elas têm a missão de perambular pelo interior da loja usando as mercadorias que ali se acham expostas. Seu salário é bastante inferior ao das modelos de desfile: ganham aproximadamente mil cruzeiros em seis dias de trabalho. Geralmente tal emprego serve apenas para se tornar uma modelo de maior categoria. Dentro desse mesmo plano existe a modelo de exposições especiais que trabalha para campanhas de promoções de vendas. Sua função é fazer demonstrações do produto e ajudar o propagandista.

GARÔTA-PROPAGANDA — UMA OPORTUNIDADE PARA TODAS

As propagandas comerciais para televisão geralmente usam modelos fotográficos. O pagamento é considerado excelente, mas o trabalho é ingrato; para um anúncio de apenas 30 segundos, são



Duas graciosas modelos fotográficas exibindo a última criação norte-americana em trajes para chuva.



A modelo de chapéu não precisa ser muito bonita... o chapéu, sim.

às vezes necessárias 8 horas para a filmagem e outro tanto de ensaios. O critério adotado atualmente nos Estados Unidos para a seleção de modelos para a televisão é bem diverso do adotado para outros ramos do modelismo. A garôta-propaganda não deve ser linda nem deve ser vampiresca. A beleza distrai a atenção do telespectador do artigo propagandeado para o rosto da mulher que o anuncia. A sofisticação tira aos olhos da dona de casa a autoridade da garôta-propaganda de dar conselhos sobre atividades que, é visível, não pratica, tais como lavar a roupa com o detergente A ou preparar o saboroso café B. Assim sendo, as exigências para a garôta-propaganda são materialmente menores mas bem maiores no que tange a personalidade. Esse tipo de modelo deve ser mais baixa, mais cheia de corpo; mais mulher e menos boneca. Deve ter sobretudo a força da persuasão de que nenhuma outra precisa.

VOCÊ É GORDA? ÓTIMO!

Para as modelos de calendário, a moda atual é mulher "cheia de corpo", em vez do tipo palito, tão em voga no ano passado. Brow & Bigelow, os mais famosos editores de calendários dos EE.UU., os mesmos lançadores da famosa folhinha que projetou Marilyn Monroe em trajes de Eva, são os inovadores dessa nova tendência. Malcolm Myers, professor de desenho da Universidade de Minnesota, também aderiu ao tipo de mulher "acolchoada". Essa tendência, por sinal, está em linha com as "mulheres" de Renoir e Picasso.

QUANDO A MODELO PRECISA SER CASADA

"Precisa-se de uma moça de boa aparência e com algumas qualidades vocais. É indispensável que esteja grávida". Esse é o teor do anúncio publicado num jornal norte-americano recentemente. A modelo em questão iria atuar num programa publicitário de televisão em propaganda de artigos para bebês. Naturalmente, o número de candidatas foi enorme e uma excelente modelo foi es-



Modelos existem de todos os tipos e de tôdas as raças. Na foto, uma norte-americana, com sangue oriental, exibindo um traje de primavera.

colhida. O êxito do programa foi tão grande que muitas firmas estão atualmente imitando aquela curiosa iniciativa. Hoje em dia, muitas mulheres que estão esperando a visita da ave pernilonga podem ganhar uma pequena fortuna e se iniciar numa grande carreira.

A MAQUINA FOTOGRAFICA — ESSE MONSTRO INFERNAL

A modelo fotográfica é a fina flor da profissão e sempre quando alguma moça pensa em ser modelo, a primeira coisa que lhe ocorre é ingressar nesse ramo da profissão. No seu sonho cinderesco ela se imagina ornamentando a capa de uma revista ou atuando como garôta-propaganda na televisão. Existe uma boa razão para isso pois a modelo fotográfica é a mais bem paga de tôdas. A rigor não existe uma fórmula meticulosa para que uma moça venha a ser modelo fotográfica. Beleza só não basta; muitas vezes a beleza fica perdida no interior da "câmera" fotográfica. E é justamente na "câmera" que se encontra a grande incógnita. Para muitas, a máquina do fotógrafo é um verdadeiro monstro e para outras é uma glorificadora. Uma bonita moça pode ser um verdadeiro fracasso através das lentes e uma criatura de poucos atrativos pode obter um divino efeito fotográfico. Assim, uma modelo deve ter como característica principal aquela qualidade indefinível que se chama fotogenia. Isso em termos mais técnicos quer dizer que a estrutura facial é captada com maiores detalhes de luz e sombra pela objetiva, dando um aspecto mais interessante à fotografia. Ainda que esse seja um dos requisitos mais importantes — se não o mais importante — a fotogenia não é o bastante; é necessário que a candidata possua um rosto esculturalmente perfeito; o nariz deve ser reto (não redondo), lábios que não sejam nem grossos nem finos, as maçãs do rosto devem ser contornadas, pescoço mais ou menos comprido, cintura delgada e tornozelos esguios. A modelo deve ainda possuir habilidade para realçar sua personalidade e até mesmo fazer um simples desfile de modas parecer um sonho executado por Dior. E não é só...

NO MUNDO DOS CENTÍMETROS E DOS MILÍMETROS

O peso e a altura são também levados em séria consideração. Assim, para uma modelo adulta é indispensável que tenha aproximadamente 1m85, sendo que cada agência exige uma medida absolutamente precisa. Para os chamados modelos juvenis, a altura exigida é de 1 metro, 77 centímetros e 7 milímetros. Se a moça tiver 4 centímetros menos já é considerada **demasiadamente** baixa. Não serve para modelo! O peso máximo é de 50 quilos e 700 gramas. Porém as moças de alta moda são consideravelmente mais leves! (a "câmera" fotográfica adiciona, pelo menos, mais 4 quilos e meio). Uma modelo ideal deve ter um busto de 73 centímetros e 8 milímetros, a cintura não deve medir nunca menos de 50,8 e nunca mais de 51. Quanto aos quadris, devem ter a medida exata do busto, isto é, 73,8. Entretanto, se a moça tiver 74, pode ser aproveitada. Geralmente, as modelos fotográficas começam ganhando 500 cruzeiros por hora e há as que ganham 2.500 desde que estejam dispostas a posar com "lingerie".

AS VICISSITUDE DO OFÍCIO

Não existe praticamente uma fórmula para uma moça tornar-se modelo. Entretanto, Audrey Hepbrun dá uma verdadeira "aula" no filme "Cinderela em Paris". Geralmente a moça procura uma agência e leva sua ficha de medidas, vários retratos (um de busto e outro de corpo inteiro). Se os funcionários da agência acharem que ela tem aptidões para a profissão imediatamente lhe darão conselhos quanto à maquilagem que deve usar ou o penteado mais adequado para o formato de seu rosto; lhe dirão se deve procurar diminuir de peso (raramente lhe dirão para aumentar) e em seguida recomendar-lhe-ão um bom fotógrafo para obter as provas do teste. Uma vez passada no teste, é admitida na escola da agência onde a candidata aprende a vestir-se com sobriedade, pentear-se com bom gosto e sobretudo andar com elegância. Nesse particular vale notar que um dos mais sérios exercícios praticados nas escolas de modelos dos EE.UU. se refere não tanto ao "donner" do andar mas o número preciso de centímetros de distância de cada passo por minuto. Esse exercício que se pratica até se tornar automático, requer que a aluna tenha os calcanhares presos com uma fita que determina com precisão de milímetros a extensão de cada passo. Um metrônomo, por outro lado, determina o ritmo do andar. A escola fornece também contactos com casas de modas e ajuda a principiante a obter colocação. O grande dia de uma aluna é quando a gerência de uma loja lhe contrata para uma pôse fotográfica. A candidata deve apresentar-se ao estúdio já maquilada; leva uma maleta carregada com uma variedade de roupas íntimas: "soutiens" com e sem alça, almofadas para encher... o "soutien", meias, uma cinturita, algumas jóias, sapatos pretos sem desenho e o que mais fôr necessário. Antes da hora, deve apresentar-se e lá, então, a modelo se submete a verdadeiras torturas: é despida, vestida, espetada, empurrada, troca de roupa numa sala com corrente de ar e às vezes ante os olhos de uma dezena de pessoas que apressadamente se movimentam; endireitando, ajustando e também desajustando. Depois de tudo pronto o gerente não acha bom e manda começar tudo de novo. A seguir outro suplício lhe está reservado: o fotógrafo — o terrível fotógrafo com cara de poucos amigos — prepara as luzes e milhares de "watts" lhes são projetados nos olhos mas... não está bom, o homenzinho deixa a máquina, apaga as luzes, e ajeita, sem muita delicadeza, o rosto da pobre moça. Acende as luzes novamente e a tortura continua. A essa altura os milhares de "watts" já lhe deixaram cega, o suor começa a lhe brotar do rosto. Mas é preciso que ela demonstre estar recebendo ar puro do campo; um sorriso de felicidade deve transparecer em seu semblante; deve estar "feliz como um passarinho". Passada por essa "prova de fogo" a modelo é contratada para outros trabalhos. E eis a nossa heroína envergando um "tailleur" de lã grossa ou um pesadíssimo casaco em pleno verão com o termômetro marcando 38° ou então numa praia arenosa trajando um "maillot" e "deliciando-se" com a água super-gelada do mar durante um rigoroso inverno estadunidense.

A vida particular de uma modelo está intimamente ligada à sua atividade profissional. Assim, uma modelo deve observar rigorosamente as regras de dieta; não pode engordar 10 gramas sequer; a vida noturna lhe é vedada pois uma modelo deve deitar-se cedo e dormir um mínimo de 8 horas por dia, pois as modernas "câmeras" fotográficas registram os mínimos detalhes e uma moça com olheiras profundas — convenhamos — não fica bem numa glamourosa fotografia.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

RESUMO: Casara-se o escritor Georges Meller com a rica viúva Stelle Vernon, proprietária do "Arayado" e se tornara, com a morte desta, senhor da metade de sua fortuna.

Por sua vez, a audaciosa Lydia Moreau, governanta do "Arayado", tudo fazia para casar-se com o novo proprietário, para desespero dos enteados de Meller — Nick, Nane e Isabelle — que previam, desse modo, aquela parte da fortuna escapar-se definitivamente de suas mãos, caso Meller tivesse descendência direta.

Por sua vez, Meller tinha planos para que a sua sobrinha, Claire Brémont, se casasse com Nick, reforçando assim, para o seu sangue, aquela fortuna. Mas ignorava ele que Claire se apaixonara por um pobre corretor, e o jovem Nick encontrara inesperadamente o amor na pessoa da bela Sylvie Dormeuil...

M. B. ENDREBE

A EXPECTATIVA do encontro com Sylvie Dormeuil fez com que Nick descesse a Pau, naquele dia, logo depois do almoço. Mas, uma vez na cidade, não soube como matar o tempo até às cinco horas e foi visitar o Museu, coisa que jamais tinha feito.

Quando finalmente de lá saiu, perto da hora tão esperada, a vitrina de um florista atraiu-lhe o olhar, e censurou-se por não ter pensado numa coisa tão elementar. Que opinião faria dele Sylvie, ao vê-lo entrar de mãos vazias? E não teria sido preferível fazer-se preceder pelas flores? Paciência. Saberia desculpar-se pretextando os "negócios".

Nick entrou no florista e ficou perplexo ante a escolha que se lhe oferecia. Decidiu-se, finalmente, por uma dúzia de rosas vermelhas, lembrando-se de que elas são uma dádiva de amor ardente.

Sylvie Dormeuil, que habitava no alto do imenso prédio, veio rapidamente abrir a porta ao rapaz:

— Estava certa de que era você! disse ela, acolhendo-o. É estranho, mas a impressão de reconhecer o seu toque!

— Oh, realmente? balbuciou Nick, mais embaraçado do que nunca. Depois, bruscamente, lembrou-se das rosas que trazia e estendeu-as a Mlle. Dormeuil.

Esta, como se até então não as tivesse notado, logo exclamou que eram magníficas, mas que ele não devia... enquanto tomava, de sobre uma arca um grande vaso que, por uma dessas coincidências que ninguém saberia explicar, achava-se justamente cheio d'água.

— Não sei... não sei se gosta de rosas...

— Se gosto de rosas? São as minhas flores preferidas. É de crer que, realmente, existem entre nós misteriosas afinidades!

Nick olhava em volta, timidamente. A peça na qual Sylvie o introduzira, depois de ter atravessado um vestibulo do tamanho de um lenço de bolso, era de belas proporções e, com certeza, devia constituir o essencial do apartamento. As paredes eram forradas de papel cremoso, sobre o qual se destacava o cretone que dava ao recanto um aspecto muito feminino. Havia poucos móveis e muitos bibelôs. Nick não era conhecedor de objetos antigos, mas percebia que, se aqueles não tinham valor, possuíam ao menos encanto.

— Engraçados meus bibelôs, não acha? disse Sylvie, arranjando as flores no vaso.

— Sim... Gosta... gosta de coisas antigas? — Cada vez mais

embaraçado, agarrava-se o rapaz ao primeiro assunto de conversa oferecido.

— Muito. Gosto de misturá-los aos móveis modernos. Atenuam-lhes a rigidez... Passo horas a rebuscar nos antiquários... Mas não fique de pé, vejamos! Olhe, estará muito bem nesta poltrona... Vai desculpar-me um minuto: a água está fervendo e o chá estará logo pronto.

O rapaz tinha a impressão de viver um sonho acordado. Muitas vezes, nos filmes, ele assistira a cenas semelhantes... o próprio cenário não divergia quase daquele em que vivem as moças virtuosas, segundo Hollywood.

Sylvie reapareceu, sorridente, trazendo uma bandeja guarnecida de todos os acessórios indispensáveis à cerimônia do chá:

— Não fui muito demorada... Leite ou limão?

— Leite, por favor.

— Decididamente, temos os mesmos gostos! Acho uma heresia pôr limão no chá... Não forte demais, não é?

— Sim... por favor.

Sylvie agitava-se em volta à bandeja:

— Se soubesse como me senti feliz em ouvir sua voz ao telefone! Quando ele tocou, alguma coisa me disse:

"É uma boa nova!" E meu pressentimento não me enganou! Desde o nosso encontro, eu esperava esta chamada, mas dizia a mim mesma: "Tu te conduziste de maneira inqualificável... Jamais esse senhor desejará tornar a ver-te!"

— Oh! sim... Apenas eu não ousava... tinha receio...

O riso de Sylvie, aquele riso de gorgolejos que fazia com que ela curvasse levemente a cabeça esticando a blusa branca, encheu Nick de estranha perturbação.

— Se deseja fumar, não faça cerimônia — disse ela. Talvez deseje experimentar meus cigarros? Vêm da Espanha... No cofre-zinho, aí atrás... Espere, vou apanhá-lo.

— Não, não se incomode, eu...

Nick voltara-se para apanhar a caixa, mas Sylvie quis avançar, e seus braços tocaram-se. Ouviu-se um ruído de porcelana partida: um pássaro de Saxe espalhava seus restos pelo chão encerado.

— Oh! bradou Nick, desesperado.

— A culpa foi minha, bati nele — disse Sylvie. Mas não faz mal, não fazia questão dele...

Entretanto, os belos olhos estavam úmidos e Nick adivinhou que a moça lhe mentia.

BE

rsa

am-
Mas
ro-
chá
lui-
ró-
ças

eci-

sia

fo-
es-
im
ais

ela
teu

de-
re-

ar,
ti-
do.

faz

que



Nick tinha a impressão de viver um sonho acordado, m

— Não poderia evidentemente ser o mesmo... mas faço absolutamente questão de oferecer-lhe outro bibelô, para que não note o vazio deixado por êste — disse Nicolas, quase a chorar também.

Sylvie sentou-se no divã, um pouco reclinada sobre as almofadas.

— É gentil... — E depois de uma pausa: Embora tolo de minha parte, tenho a impressão de ter visto morrer um pássaro de verdade... Sou muito sensível... Sinta como o meu coração bate!

Sem ter consciência de abandonar a poltrona, Nick encontrou-se debruçado sobre a moça.

Algum tempo depois, encontrando-se de novo com Sylvie, Nick suplicava:

— Peço-lhe, Sylvie! se lhe causei pesar quebrando o bibelô de Saxe, dê-me um meio de resgatá-lo...

Mlle. Dormeuil teve um amuozinho triste, e êsse leve dar de ombros significativo de que cada um responde por si mesmo naquilo que sucede:

— Oh! não falemos mais nisto, Nick. Não era nada... apenas um vaso de opalina... pequeno vaso que eu poderia obter por dez mil francos no meu antiquário de Biarritz...

Com o coração aliviado de grande pêso, Nick deu-lhe a importância. Sabia agora como fazer-se perdoar...

Juliette Livel estava feliz.

Era o quinto dia em que despertava em seu quarto do *Arayado* e já estava inteiramente habituada ao aposento. Esta estabilidade era algo que há muito não conhecia e gozava-lhe todo o prazer.

Olhando-se ao espelho que encimava a prateleira, a atriz observou-se sem indulgência. Sobre o rosto, onde a maestria da maquilagem conseguia roubar algumas unidades aos seus cinquenta anos, Juliette descobria os traços das inúmeras noites nos trens, das chegadas de madrugada numa nova cidade, onde se ia às pressas em busca de um hotel barato. Juliette acabara por esquecer até mesmo êsse gesto tão natural, que, antes que nos tenhamos completamente libertado do sono, faz com que procuremos em seu lugar imutável o interruptor da lâmpada de cabeceira. Fazia anos, seu despertador só tocava ao aproximar-se o meio-dia, quando a luz crua se filtrava por todos os interstícios das venezianas — em uma série de quartos diferentes...

A memória de Juliette — essa memória que tinha sido seu único trunfo sólido — restituía-lhe, como num caleidoscópio cujas côres tivessem sido desbotadas e sujas, a sombria guirlanda traçada ao longo de sua vida por êsses asilos de um dia.

Ah! por que não tivera ela algum aviso dêsse futuro, quando, no seio de sua austera família provinciana, sonhava ser uma nova Réjane!

Juliette Livel — chamava-se então Suzanne Morand — tinha querido tentar a sorte e esta fôra má. Como era bonita e menos tôla do que a maioria daquelas que solicitavam "utilidades" junto aos diretores, tinha podido rapidamente representar à sombra de Spinelly ou de Falconetti, mas nunca o seu nome tinha saído do bloco maciço que forma, nos anúncios, os pequenos papéis; só conhecera o lugar de estrêla nessas horríveis "tournées" de província que, uma noite aqui, outra ali, arrastam com elas incriveis revistas e melodramas.

Juliette Livel tinha, pois, renunciado à ilusão de que, um dia... Mas à medida que envelhecia, tudo se tornava mais difícil. O cinema tinha acabado por penetrar até nas menores cidadezinhas, e as "tournées" que a contratavam, iam se enterrando mais e mais cada ano — até nas aldeias. Mesmo aí o público, outrora tão fiel, informado agora pelas revistas ilustradas, desdenhava as desven-

turas das órfãs e os dramas das espôsas adúlteras que não possuíam os traços de Dany Robin ou de Martine Carol... Lembrou-se Juliette de um primo afastado que encontrara em Paris e na companhia de quem frequentara, antes da guerra, os ateliers de Montparnasse. Quando, mais tarde, soube de seu casamento rico, escreveu uma palavra de felicitações, que Meller respondeu muito cordialmente, evocando o bom tempo passado. No entanto, nunca a atriz o considerara um verdadeiro boêmio; só ia às reuniões ruidosas para ver seu nome citado nos artigos de jornais indignados, sabendo bem que um pouquinho de escândalo tem sempre um atrativo irresistível para certas mulheres que pretendem fazer certas carreiras. E para alguns homens, também...

A falta de consumada psicologia, tinha Juliette experiência da vida adquirida a bom preço. Compreendeu que um claro relato de sua situação não despertaria ressonância complacente em Georges Meller, agora cumulado. Por isto, faltou à verdade sob uma amável ficção: uma depressão nervosa obrigava-a a anular seus contratos até à nova estação e, assim, indagava se o primo conhecia, na aldeia vizinha à sua propriedade, um albergue decente no qual ela pudesse ir repousar "no bom clima dos Pirineus"...

A carta de Juliette chegara em boa ocasião. Meller não deixara de ter consciência das correntes contrárias que o cercavam desde a vinda de Isabelle e de seu marido. Pensou que a presença de Juliette impediria, talvez, que êsse conflito latente mais se exteriorizasse.

Foi a êsse concurso de circunstâncias que a atriz ficou devendo a resposta tão amável que Georges lhe enviou, oferecendo-lhe uma estadia de repouso em *Arayado*.

Juliette não esperou segundo convite. Muito cortêsmente, Georges foi buscá-la de automóvel em Pau. Depois lera-lhe o primeiro ato da peça na qual trabalhava, onde havia um papel de mulher, já madura, que parecia à Juliette ter sido escrito para ela. Desde então, a atriz vivia em pleno otimismo.

Mas Juliette, que conhecia a preguiçosa inspiração de Georges, não excluía a possibilidade da peça ficar inacabada; ainda assim, via o futuro com risos e cores. Georges tinha para ela tôdas as atenções; talvez tivesse projetos que não tardaria em revelar à prima. Afinal, eram sensivelmente da mesma idade — a idade confessada pela atriz...

Folgava Juliette por ter podido, numa boa "tournée" na África do Norte, renovar o seu guarda-roupa. Um "fourreau" de cetim preto faz sempre "noite" e nunca está fora de moda. Por outro lado, a vida errante de Juliette tivera pelo menos uma vantagem; as restrições forçadas, as insônias, as fatigantes viagens em terceira classe, tinham-lhe assegurado a conservação da linha! Olhando-se de novo ao espelho, a atriz pensou que podia ainda fazer bonita figura, tanto em cena quanto na cidade.

E eis porque Juliette estava feliz, ignorando, bem entendido, que aquêle sábado de agosto não terminaria sem que um crime fôsse cometido, embora nem a vítima, nem o assassino, ninguém soubesse de coisa alguma.

O pequeno relógio que, sobre a chaminé, distilava impassivelmente o tempo, tilintou sete pancadas hesitantes.

Isabelle voltou-se vivamente, depois deu de ombros. Desde que conhecia aquêle relógio, sabia que seu mecanismo, triunfando dos esforços de múltiplos relojoeiros, obstinava-se em fazê-lo adiantar-se um quarto de hora. Mme. Delancy lembrava-se que sua mãe o tinha apelidado, de modo inesperado, o "bom relógio", porque — dizia Estelle — "êle nos concede sempre a graça de quinze minutos"...

A moça retomou o potezinho de pintura pousado sobre a penteadeira e começou a sombrear as pálpebras com um leve azul que ia bem com a sua carnação de loura.

do, muitas vezes, nos filmes, êle assistira a cenas semelhantes.

Durante sua estadia em *Arayado*, estava Isabelle resolvida a impor-se, ao *usurpador*, por sua beleza e sua elegância. Este sobrenome fôra outorgado a Georges Meller no dia em que, deixando o pavilhão, instalara-se definitivamente no *Arayado* e no coração de Estelle Vernon.

Isabelle jamais pudera perdoar ao escritor por tê-la substituído, em certos pontos, nesses dois lugares. Chegava mesmo a pensar que, se fôsse possível prever tais conseqüências, teria antes renunciado a casar-se com Jacques. Mas, claro, nunca o confessara ao marido, que poderia achar excessiva aquela manifestação de amor filial.

No entanto, depois da morte da mãe, tendo Isabelle examinado a gestão do *usurpador*, evitara destruir qualquer ponte — o que permitia que ela pudesse intervir nos negócios do *Arayado*. Jacques partilhava a antipatia da mulher por Meller e aprovava a atitude de Isabelle. Aliás, fora dos seus trabalhos de arquiteto, deixava tudo por conta da espôsa.

A raiva fria de Isabelle atingira seu paroxismo quando Lydia Moreau tomou posse de favorita. A partir dêsse instante, Mme Delancy não cessou de profetizar as piores catástrofes aos irmãos, acusando-os, a êles que ali estavam, de não reagirem contra a escandalosa situação.

Nick, que tinha o espírito ocupado por outros assuntos, não fazia esforço algum para modificar o curso das coisas. Nane, porém, saía em lágrimas dessas entrevistas tempestuosas, nas quais Isabelle, inconscientemente cruel pois que muito queria à caçula, não hesitava em tocar, como numa harpa, na sensibilidade da irmã. Quando a mãe morreu, Isabelle encontrou o clima dramático que lhe convinha e logo soube tirar partido das circunstâncias:

— Pobre mamãe! declarava à Nane saindo do quarto fúnebre. Como deve ter sofrido antes de morrer... Foi o desgosto que a matou... Esta Lydia Moreau foi a causa de sua morte!

Ao primeiro rumor de um possível casamento entre os dois amantes, Mme Delancy voltou à carga:

— Este usurpador não tem pudor algum! Profana uma lembrança que o remorso devia tornar-lhe duplamente cara!

Embora não tivesse perdido ocasião de aumentar, através de cartas, a tensão existente entre Meller e os dois jovens, Isabelle achou ainda mais seguro instalar-se ela própria em *Arayado*, arranjando-se para que o trabalho do marido não ficasse desorganizado. Isabelle agira prudentemente tomando esta medida que lhe permitia eliminar o fator *tempo* de seus cálculos, porque tinha que agir com mil precauções e um tato que não se acomodariam à precipitação.

Com efeito, desde que chegou a *Arayado*, o casal pôde vencer-se, só em ver Lydia Moreau ostentar seu triunfo, que Meller estava perfeitamente resolvido a desposar a governanta. No entanto, nada fôra dito sobre o assunto, e Isabelle, forçada a tudo ignorar, não podia conduzir abertamente o ataque. Dominando a cólera, tinha que usar de paciência e espreitar tôda palavra que escapasse ao inimigo, para agarrá-la — e então exteriorizar as hostilidades.

Esperando o momento em que uma fagulha acenderia o fogo, Mme. Delancy fingia a maior cordialidade com Georges e Claire, assim como com Lydia Moreau. Mas, não tendo oficialmente nenhuma razão de agir de maneira diversa, Isabelle tinha grande cuidado em marcar sempre a distância que devia separá-la de Lydia — distância esta que existe entre a dona da casa e a primeira de suas empregadas. Por tal atitude, esperava Isabelle provocar em Lydia uma violenta reação, da qual se aproveitaria.

No mesmo dia de sua chegada, resolvida a retomar o "pêlo do animal", informou-se Isabelle, junto a Nane, quanto à disposição da mesa. Soube que a governanta ocupava habitualmente, à hora das refeições, o lugar oposto ao de Meller, ou seja, o lugar da dona da casa. Por isto, ao almoço, Isabelle apressou-se em sentar-se nesse lugar, pronta a espantar-se de qualquer reparo que lhe fizessem. Mas perdeu seus esforços estratégicos. Mlle. Moreau tomara

muito naturalmente a cadeira livre à direita de Meller e a refeição começou sem que ninguém, mesmo os criados, parecesse notar uma mudança nos hábitos.

Ao ver assim desaparecer, como bôlhas de sabão, pretextos que levava dias a buscar, Isabelle sentia crescer sua exasperação. Mas não ousava iniciar o ataque, pondo sobre o tapete um assunto que não possuía realidade oficial. Seria expor-se a uma formal negativa da parte dos interessados e, ao mesmo tempo, revelar que sua presença no *Arayado* era motivada por uma questão de interesse. Isto não deixaria de enfraquecer, singularmente, a posição moral da qual entendia prevalecer-se, agora que seu estado permitia-lhe prolongar, indefinidamente, sua estadia em Lescar.

Estavam as coisas neste ponto, e Mme. Delancy acabava de empoeirar-se, quando, amarrando a gravata do smoking, Jacques saiu da sala de banho.

— O que há de novo, hoje? — indagou, tomando uma escôva na penteadeira e passando-a vigorosamente nos cabelos úmidos.

Isabelle escolheu um dos frascos de perfume expostos diante dela, passou metódicamente a haste de vidro atrás das orelhas, na abertura do decote e nas mãos:

— Nada a assinalar no conjunto do *front*. A Moreau permaneceu invisível desde o almoço. Georges retirou-se logo a seguir ao pavilhão para trabalhar na sua famosa peça, e vi Claire sair no carro de Nane. Obstinam-se realmente em recusar o combate!

Delancy deu de ombros:

— Tática pueril, pois não poderão utilizá-la indefinidamente. Cedo ou tarde, devem informar-nos dêsse casamento... a menos, bem entendido, que se casem... de outro modo... se ousou dizer. Neste caso, talvez nem mesmo exista, nesta hora, uma senhorita Moreau!

— Sobre êste ponto estou tranqüila — assegurou Isabelle voltando-se diante do espelho, para verificar a linha de seu vestido de noite — um modelo Balenciaga copiado pela sua costureirinha! — Não pretende Lydia ser heroína de um novo *Back Street*. É coisa de amor desinteressado e tudo que é desinteressado lhe é estranho. Sim, é evidente que a Moreau entende ser disposta a dia claro e tornar-se aos olhos de todos a dona do *Arayado*, depois de ter aqui representado papel de subalterna. Atingido êste fito, ela terá um filho a fim de que o quarto da nossa fortuna que Stella teve a incrível fraqueza de legar a êsse usurpador, nos escape definitivamente.

Jacques olhou a mulher com espanto admirativo:

— Você parece ler nela, disse.

Com as duas mãos, Mme. Delancy pôs-se a erguer uma mecha que se perdia na nuca:

— É fácil — disse, com inconsciente cinismo. Bem sei o que faria em seu lugar!

Jacques quis provar que não ficava atrás em imaginação:

— Se lhe propuséssemos uma certa soma imediatamente, talvez ela não achasse mais necessário casar-se com Meller...

Isabelle imobilizou-se e olhou o marido no espelho:

— Está brincando, Jacques? Tal proposta seria ridícula, inconveniente e, pior que tudo, inútil. Lydia pode ter a totalidade da fortuna tornando-se mulher de Georges e você lhe imporá um negócio por uma simples parte? Meu pobre amigo, ela riria de você!

Delancy teve de reconhecer, mais uma vez, que sua mulher tinha razão:

— Seja, mas que meio vê você para sair desta situação? Eles podem prolongar o brinquedo por alguns meses ainda, e nós não podemos ficar eternamente aqui! Não vejo você tendo um filho em *Arayado*!

A frase espicou Isabelle:

— Sim? Pois eu me vejo muito bem! Estou mais em minha casa, aqui, do que êsse usurpador!

— Oh, peço-lhe, não vamos discutir êste ponto. Fique tranqüila, a situação será em breve resolvida!

O gongo, chamando para o jantar, pareceu lavrar a ata da declaração.

CONTINUA



Atrações de todos os tipos vieram dar novo impulso às boites de Copacabana. E os grandes cartazes justificam plenamente os "couverts" de 400 cruzeiros.



Depois de muitas "noites vazias"...

ALTA DO DÓLAR PROVOCA O TURISMO COPACABANA

Reportagem de SAMUEL CUNHA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ATÉ HÁ bem pouco tempo o Rio noturno era um "mau negócio". Para os donos de "boites" e para os notivagos. Os primeiros não tinham mãos a medir para cobrir o "deficit" diário que suas casas ofereciam, porque os segundos só circulavam em número de 200 ou 300, que revessavam na frequência boêmia. Casa que enchia uma vez na semana, soltava até fogos de artifício. Os bancos que o digam. Era um nunca mais acabar de reformar títulos vencidos. Explica-se o porque da "noite vazia": é que o dólar, da posição de 60 cruzeiros, foi subindo assustadoramente, o uísque ficando mais caro e suas doses diminuindo cada vez mais. Os homens que podem gastar sempre, viajavam daqui para Punta Del Este, para Paris, Hollywood, Cannes ou Roma. Nessa "maré baixa", sobreviviam com segurança apenas o Copacabana (sem nenhuma atração) com seus desfiles de modas, o "Sacha's", que sempre funciona bem e o "Night and Day", com os "shows" de Carlos Machado, maior autoridade do "show-business" brasileiro.

NOITE X DÓLAR

Mas o dólar chegou a um ponto inesperado. Ultrapassou a barreira dos 100, atingindo a casa dos 140. Tornou-se impossível viajar para o exterior com a facilidade de sempre. E o jeito era frequentar o Rio noturno. O meio circulante de frequentadores, por sua vez, aumentou consideravelmente, favorecendo aos proprietários de "boites". A alta do dólar provocou o que se pode chamar de "turismo-Copacabana". E uma corrida original se verificou: a procura de atrações para as casas. Ganhou com isso, o público.

São poucos os artistas nacionais que podem ser considerados verdadeiras atrações para qualquer casa. Temos Silvio Caldas, o melhor de todos, Elizete Cardoso, Dorival Caymi e, mais recentemente, Maysa (ex-Matarazzo), maior fenômeno que a noite carioca já apresentou. Também surgiu, como bom cantor, o "Rei das macacas", Cauby Peixoto, revelado pelo "Little Club". E o preço dos nossos artistas condizia perfeitamente com o "dólar-turismo".

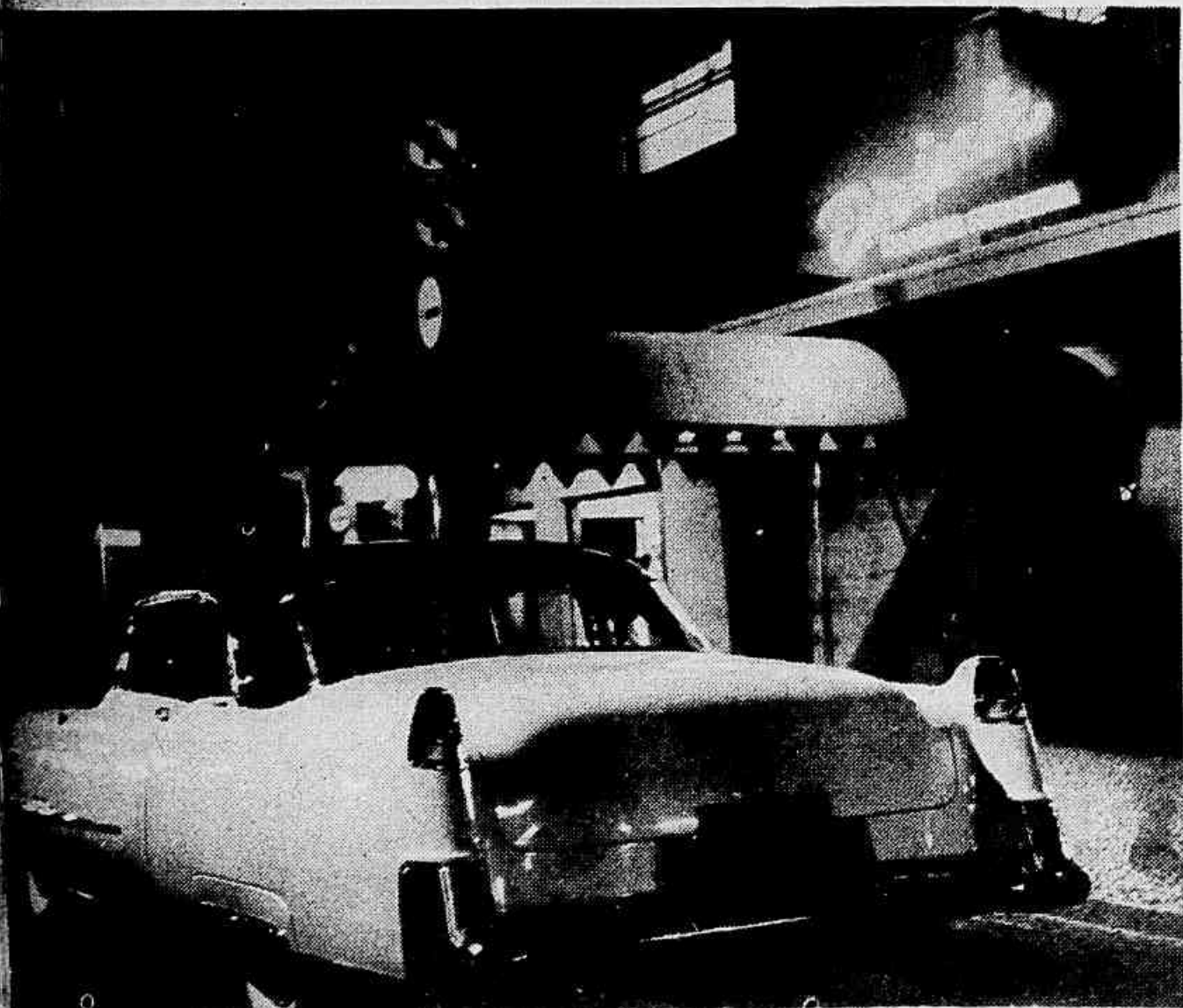
Comecemos pelo velho Silvio Caldas. Encontrava-se em São Paulo, quando iniciaram a sua procura. Todas as casas desejavam tê-lo como contratado. Mas seu preço era alto. E a maior prova de que a alta do dólar estava provocando uma "enchente" na noite carioca foi a atitude corajosa do "Club 36", uma casa de 45 lugares apenas, contratando o "Titio" por 15 mil cruzeiros diários. E, note-se: para isso, contou apenas com a venda de uísque e sua receita diária não poderia ser menor do que 30 mil cruzeiros. A temporada rendeu, tanto que foi proposta uma prorrogação contratual. Mas Silvio Caldas foi para o "Au Bon Gourmet", que vivia "às mósas" depois da temporada de Elizete Cardoso, até que ele lá chegasse. 20 mil cruzeiros diários foi o contrato do grande seresteiro. Um garçon chegou a dizer francamente após a primeira noite de Silvio na casa: "Titio, isso aqui nunca teve uma frequência tão boa. E olha que o "velhinho" já cantou um mês no "36". De fato. Silvio Caldas teve uma "prova de fogo" ao estreiar em "Au Bon Gourmet": no dia de sua primeira apresentação, estreavam Amália Rodrigues no Copa e "Bill Halley e seus Cometas" no "Fred's". Pois mesmo assim, o antigo "Fiesta" ficou lotado, com gente voltando por falta de lugar. "Au Bon Gourmet" é uma casa de 180 lugares. Antes do velho Silvio (excluindo Elizete, de quem falaremos mais abaixo), o ex-"cumin" do "Vogue", José Fernandes, andou apresentando as piores atrações possíveis para uma casa que se orgulhava de ser uma das mais "grã-finas" e dona da "melhor" comida da noite. (Não é tanto assim, aliás. Não se come mal. Mas no Copa e no "Sacha's, a cozinha é mais especializada). A temporada de Silvio Caldas obteve êxito e a "boite" melhorou nesses dias.

Elizete Cardoso repetiu sucessos anteriores. Ficou três meses em "Au Bon Gourmet", com casas regulares e boas. Vovó Elizete manteve seu bom nome como atração noturna, percebendo 10 mil cruzeiros por dia. Valia mais, mas não teve coragem de cobrar.

Dorival Caymi também não ficou para trás. O bom baiano repetiu suas grandes noites, apresentando-se no "36" depois da alta do dólar, levando gente para a casa que, nesse tempo, andava por um fio, sem atração nenhuma.

O FENÔMENO MAYSA

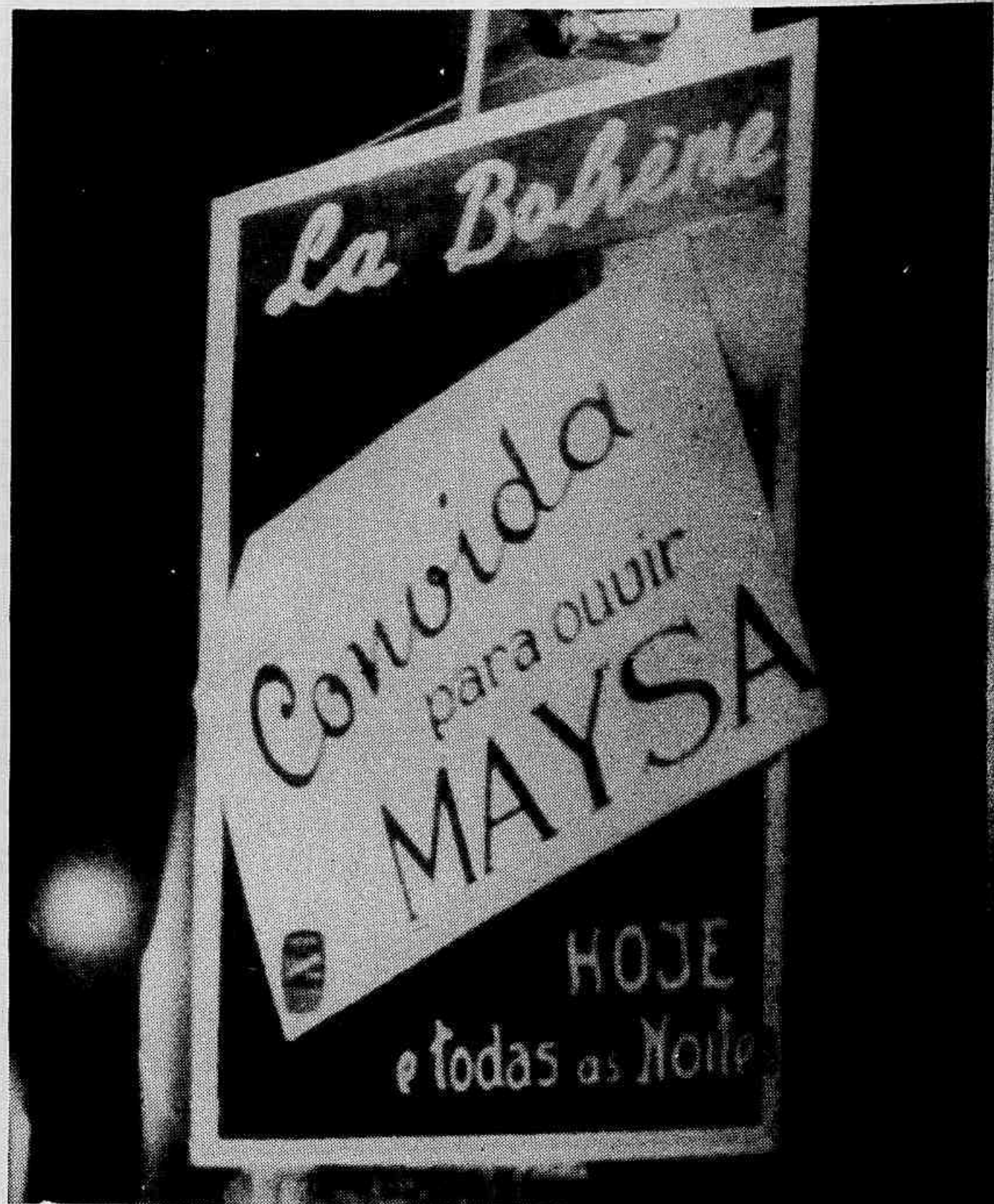
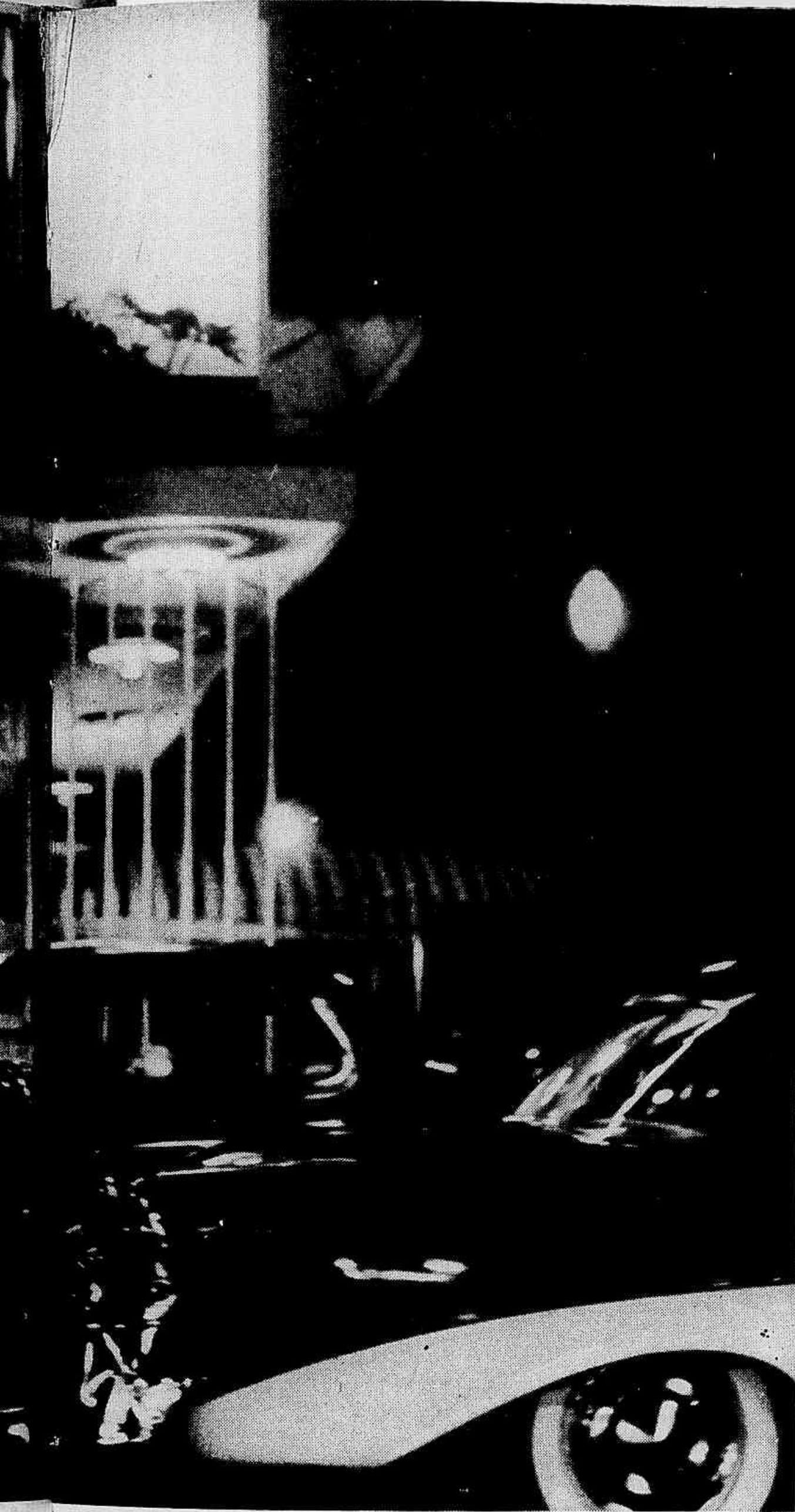
Maysa foi o maior fenômeno já apresentado na noite carioca. Não sabemos se foi consequência do "turismo" interno. A verdade é que a ex-senhora Matarazzo tornou-se um centro de curiosidade popular. Apareceu primeiramente no "Club 36". A sociedade carioca foi vê-la. Diariamente, com casas cheias. Depois, lançou a "boite" "La Bohème", repetindo o sucesso. Hoje, voltou à mesma casa. Diariamente, seus dois "shows" são assistidos por gente da sociedade e a "boite" se mantém lotada. Revelou-se e, apesar de todo o noticiário maldoso a seu respeito, mantém o brilho de sempre. Por outro lado, é uma grande artista, feita para o público de "boite". Seu último contrato é no valor de 500 mil cruzeiros por 30 dias de apresentações.



A alta do dólar veio beneficiar a noite carioca. As pequenas

DO ESTRANGEIRO TAMBÉM

Outra demonstração de que a alta do dólar favoreceu às "boites" é a contratação de atrações estrangeiras. O pequeno "Club 36" trouxe de Paris Annabelle, uma francesinha desconhecida, com um único argumento: "a amiga íntima de Françoise Sagan". O Copa apresentou Amália Rodrigues e, depois, Diahann Carroll. Esta, desconhecida entre nós, mas uma artista de reais méritos. Obteve mais êxito do que "Les Compagnons de la Chanson", que vieram precedidos de grande fama. E o "Fred's", a "boite" do homem da bomba de gasolina, entrou no páreo contratando um verdadeiro time estrangeiro: alguns mexicanos dos quais nem sabemos o nome, "Bill Halley e seus Cometas" e o "Calypso Steel Band". Brevemente, apresentará Frankie Laine, ao que se diz. São atrações que custam de 30 a 60 mil cruzeiros, por dia de apresentação. No entanto, as casas estiveram lotadas, correspondendo plenamente aos "couverts" de 300 e 400 cruzeiros por pessoa. A dose de uísque, a 110 e 120 cruzeiros, não foi considerada



Maysa, o grande fenômeno da noite carioca.

Diahann Carroll: casas cheias no "Copa".



boites, antes vazias, já não dão vazão à boemia de Copacabana.

excessiva para os notivagos, porque em qualquer botequim de esquina, se cobra 100 cruzeiros.

Para trazer uma atração estrangeira, o contratante se obriga a pagar as passagens. Já imaginaram por exemplo, quando aqui esteve a primeira turma do "Rock and Roll", comandada pelos "The Platters", que eram em número de 80? Mas a margem de lucro foi boa, porque as apresentações em teatros e estações de TV ajudaram bem.

E assim está a noite carioca. Beneficiada com a alta do dólar, paga 2 e 3 mil cruzeiros por dia a qualquer atraçãozinha que aparece. Mas o que lhes interessa são os "caros". Porque se paga como os estrangeiros, como Silvio Caldas, Elizete, Maysa e Dorival Caymi.

O faturamento das casas chegou a tal ponto, que o "Sacha's" pôde anunciar, em dias da semana passada, que sua receita está atingindo a cifra mensal de 2 milhões e quinhentos mil cruzeiros. Para uma casa que vive sem atrações, convenhamos que os notivagos do Rio andam gastando os cruzeiros que a Europa levava em outros tempos...

Sete garfos

Orígenes Lessa

A VOCAÇÃO muito cedo acordou... Mariana, Deus louvado, tinha os peitos amplos e fartos. O menino começava o choro grosso, de fome insaciável.

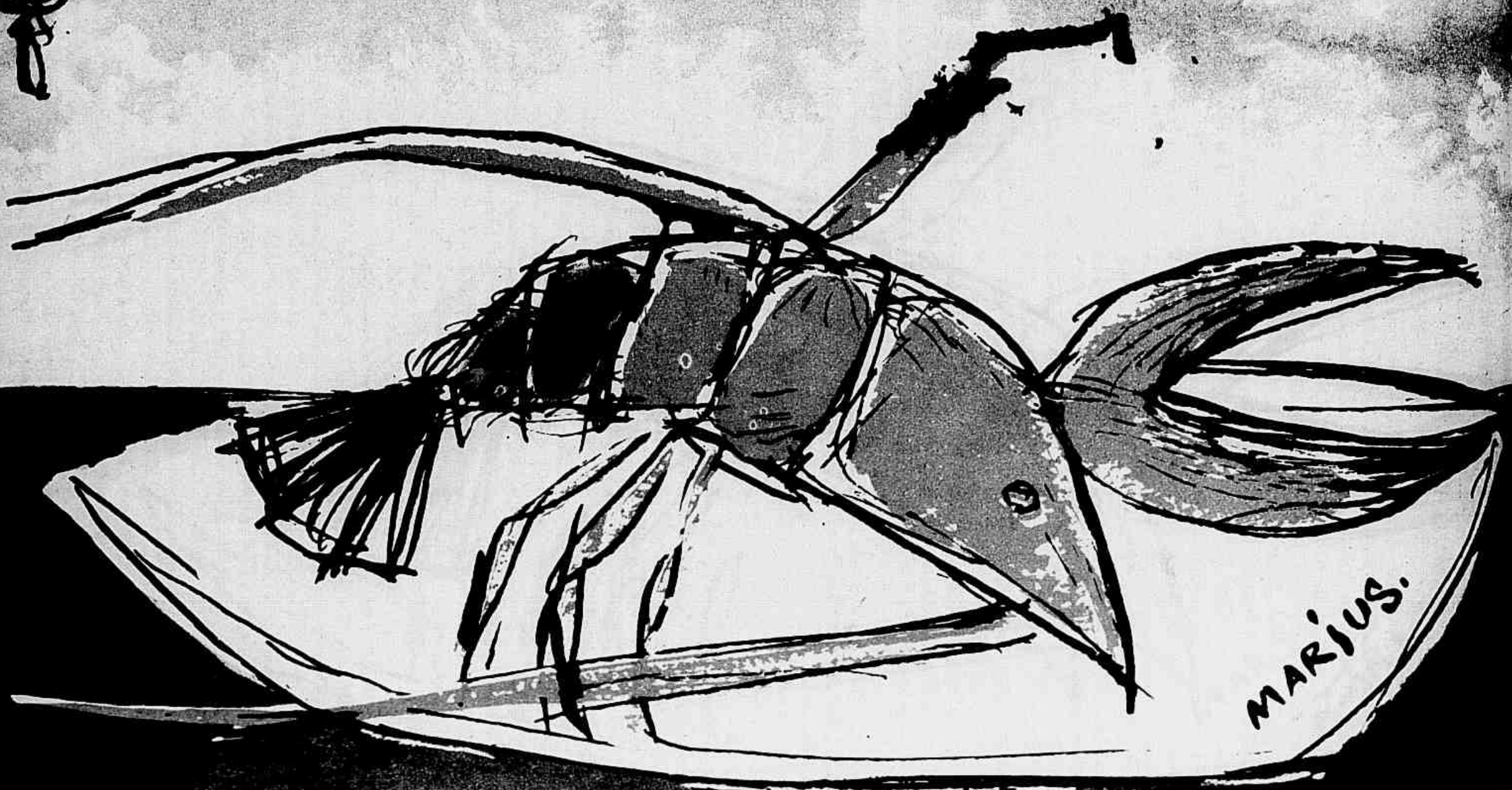
— Outra vez, demônio?

Tapava o choro com o ubre pojado.

— Não morde, criatura de Deus!

Passava-lhe o outro seio.

— Me deixa pelo menos o bico, dizia, vendo que a criança continuava a sugar o seio vazio, as gengivas num esforço derradeiro de extração.





Tentou ser garçon num botequim. Foi expulso. Não sobrava

Assim cresceu: com fome. E realizando o quase impossível: comendo. O pai biscateiro ganhava pouco, a mãe costureira, arrumando, lavando e cozinhando em casa, mal podia ajudar o marido.

— Não tem mais farinha?

Com farinha ele aumentava a montanha no prato de fôlha, tinha a impressão de um bôlo maior. Raspava as panelas.

— Deixa um pouco pros outros, filho da fome!

Os olhos esgazeados pediam mais. Devorava depressa, que nos outros barracos se comia à mesma hora.

— É servido, Geraldo?

— Eu já almocei, dona Conceição.

— Então pega uma laranja.

Pegava duas.

Passava a outro barraco.

— É servido?

— Só se fôr pra experimentar a farofa.

Mais adiante:

— Seu Florêncio melhorou da facada?

— Graças a Deus, Geraldo. Puxa aquele caixote, senta.

— Hum! que cheiro bom...

— Tá às ordens...

Recusava, agradecido.

— Cerimônia com a gente?

— Bom, só pra não pensar que é cerimônia...

Continuava a girar.

— Viu, dona Cidinha? O cacho de banana já maturou.

— É. Quinzinho vai cortar amanhã.

— A senhora querendo, eu corto.

Dona Cidinha sorria.

— Tá querendo comer?

— Não. Era só pra ajudar. Seu Quinzinho chega tarde, sai de madrugada.

— Prova aquele 'dali. É o da semana passada.

Geraldo entrava, comia o restante, esticava o pescoço.

— Querendo, eu corto o outro.

— Puxa! Tu tem uma barriga!

— Eu não tou falando por interesse. Já comi.

— Então deixa. Quinzinho faz gosto em cortar.

E maliciosa:

— Corre que tu ainda pega o pirão no barraco da Marlene.

* *

Veio logo o apelido. Não tinha dez anos. Havia o Sete Dedos, havia o Sete Facadas. Sete Dedos, negro. Sete Facadas, mulato. Sete Garfos, quase branco. Ternura do morro. Nos barracos, onde a fome cantava, Geraldo era uma espécie de sublimação. Ele comia, herói, afinal, para tanta barriga no fundo.

— Guarda um pouco pro Geraldo, que ele não demora...

Era como se comesse pelo morro todo.

Uma bananeira aparecia despojada numa encosta.

— Vai ver que ele comeu tôdas sôzinho! Ôta menino dos diabos! Crescia sem se dar conta da grandeza nascente. Sentia mesmo fome. Festa de Cosme e Damião era o seu carnaval. Chegavam os pratos coloridos, enfeitados, com os doces e guloseimas para os Dois-Dois.

— Hora de avançar, criançada!

Bracinhos negros, bracinhos mulatos, bracinhos morenos, bracinhos magros se estendiam. Encolhiam-se aos poucos, espanto nos olhos.

— Deixa ele com a bola...

E pais e filhos ficavam assistindo Geraldo comer.

— Nossa! Lá foi o prato de batata doce!

— Virgem Maria! Eu contei: doce de abóbora ele virou vinte!

— Pára, Geraldo, que tu morre!

Ele já começava a ter sentido de humor.

— Eu só morro se parar...

Uma gargalhada saudava a frase.

— Entra, Vasco!

— Ai, Flamengo!

Geraldo se concentrava. Em silêncio comia.

— Ele vai ter dor de barriga... Não é possível...

Mariana já consolada — o marido fugira com uma cabrocha para Nilópolis — afirmava orgulhosa:

— Graças a Deus nunca teve... Não há perigo. Vai comendo, meu filho.

Um bracinho se erguia. A própria mãe o continha.

— Deixa ele, Benedito. Vamos ver até onde.

Os pratos se esvaziavam. A bôca cheia, Geraldo sorria farelo de doce de côco:

— Ué! Ninguém ajuda?

— Não! Agora nós queremos ver. Você tem que comer tudo... Duvido que você agüente.

Agüentava.

* *

Com o tempo sua voracidade foi descendo o morro como voz de cantora. O morro estava ficando pequeno para a sua fome. O morro só podia compreender, não podia ajudar. O pai voltara de Nilópolis, abandonado pela cabrocha. Tivera um derrame, ficava jogado na esteira, de olho bôbo, a fala engrolada. A irmã menor trabalhava de babá num apartamento em Copacabana. Dia de folga abriam-lhe a bolsa e os pacotes, não podia trazer comida. E o dinheiro mal chegava para ajudar. Já fugiam dele também, taludão, sem a graça do menino precoce.

— Esconde a comida, que o Geraldo êvem...

Remédio era trabalhar.

— Tenho um azar com emprêgo!

Primeiro fôra uma quitanda.

— Isso também é demais! — gritara, poucos dias depois, o português. Tu me acabas as frutas, mal viro as costas, e ainda me comes as cenouras!

Tentou ser garção num botequim. Foi expulso. Não sobrava mais pão para sanduíche.

Conseguiu um restaurante, sonho de longa data. Sempre, no morro, pensara naquela oportunidade. Viver no meio de comida, sentindo cheiro de comida, com liberdade de ação. Imaginava os grandes caldeirões onde podia meter a colher à vontade, ou escolher o melhor prato, o filé maior, repetir livremente!

Teve a primeira surpresa ao ver que os garções comiam sob as vistas do proprietário. Vinha o prato feito da cozinha. Quando pediu mais, os companheiros baixaram os olhos, o patrão limpou a garganta. Mas ia se distraíndo com os restos das mesas. Com o tempo, foi ganhando malícia. O freguês pedia carne bem passada, encomendava sangrenta. O freguês reclamava, ele pedia desculpas, sempre sobrava um pedaço maior, que aproveitava no rápido recolher dos pratos. Foi perdendo a cerimônia e devorava tudo, até que um dia alguém o denunciou. Geraldo ignorava que as sobras se aproveitavam. Foi advertido. Passou a ser vigiado, a fome crescia, estimulada pelo espetáculo de outros homens comendo. Distraía-se às vezes.

— Ó Geraldo! Olha a segunda à esquerda.

É que estava acompanhando a faca em movimento, o garfo entrando, o garfo saindo, a bôca recebendo, a bôca mastigando, o peixe descendo, mais peixe subindo.

De outras vezes tomava-o uma sensação de vertigem, quando o restaurante se enchia e, nas vinte ou trinta mesas, quarenta, cinquenta, sessenta pessoas ao mesmo tempo, naquela orgia coletiva — garfo espeta, colher se equilibra, faca divide (pra que faca?) — tranquilos comiam, senhores do mundo.

Claro que se defendia, no ir e vir. Entre a cozinha e o freguês, batatas fritas pagavam comissão, iscas à lisboeta sofriam descontos.

— Que diabo é isso, que você anda sempre com o paletó emporcalhado? — perguntou seu Neco.

Geraldo caiu em si. Havia que limpar as mãos no bôlso da calça, após cada um daqueles pequenos assaltos ao pirão alheio.

Um dia o patrão o apanhou com a bôca na botija. Ou no prato. Geraldo se antecipava a um cliente no peixe de escabeche. Foi despedido na hora.

— Vá roubar a...

O patrão não concluiu a frase. Não se manda ninguém a parte alguma, quando uma freguesa chega, de espôso no braço.

mais pão para sanduíche...

O segundo restaurante foi difícil. Já sua fama circulava no bairro. O apelido se espalhara. Geraldo subia, disputava aos irmãos os magros ossos, visitava os amigos, descia de novo. Passava, de água na boca, em frente aos restaurantes, via com o ódio gente que entrava. Ah! ser freguês! Mas ele só poderia comer, se freguês, sendo milionário! Pelo preço das coisas, pela mesquinha porção oferecida, teria que pagar dez, vinte vezes mais que os outros. Como ganhar tanto dinheiro? Onde encontrá-lo? Havia um meio: roubar. Ladrões conhecia. Propostas recebera. Mas faltava-lhe a chama. Não amava o risco. Trabalho também não. Via o que ganhavam seus amigos, os companheiros de morro, os que freqüentava na cidade. Jamais o ordenado chegaria. Operário, porteiro de edifício, ajudante de pedreiro, carregador de aeroporto, guardador de automóveis, empregos havia, mas sem comida, sem poder aquisitivo. Solução era mesmo restaurante longe do bairro. Procurou o centro, viu os grandes restaurantes de luxo. A porta, em muitos, o grande mostruário de pôr sangue na boca: leitões enfeitados, perus, lagostas imensas, camarões de sonho, badejos resplandecentes. Entrava, trêmulo de emoção, garganta seca.

— Estão precisando de garção?

Nunca estavam.

Fechava os olhos para não ver outros comerem.

Saía cambaleando. A peregrinação recomeçava. A tentação do roubo voltava. Assaltar uma casa, levar cem mil cruzeiros de jóias, devorar tudo numa janta. Mas só nos momentos de desespero maior vinha-lhe a idéia. Não era medo, era prudência. Fora, sempre comia alguma coisa, aqui ou ali. Se tivesse o azar de ser preso — Sete Dedos, Sete Facadas, setenta amigos seus falavam de experiência própria — pancada não temia, temia o prato infecto da comida. Temia não por má, por pouca, a ora certa, sem esperança. Jóias, não. Carteira, não. Mas comida, se possível. E enquanto à tarde procurava emprêgo, pela manhã corria às feiras e foi aos poucos adquirindo uma destreza inesperada na arte de empalmar. Evoluiu na especialidade. Arranjou cesta, pôs na cabeça, ia servir de carregador. E um pouco das freguesas, um pouco dos barraqueiros, biscateava ao acaso, mestre no controlar a distração de uns e de outros, no atropêlo das compras, no clamor contra os preços.

Afinal, um amigo arranhou-lhe um restaurante na Rua Sete. Feliz, por algumas semanas.

— Não come assim que vai dar galho, profetizou o amigo.

Deu. Um freguês reclamava contra a pequena porção de camarões.

— Só isto por cento e vinte cruzeiros é desafôro!

O patrão se aproximou, espantado por ver um brasileiro que se atrevia a reclamar contra quantidade ou contra preço. Achou o animal raro e quis vê-lo de perto. Mas o homem excepcional abundava em razões. Era demais! Havia ordem de servir pouco, não tão pouco. Estranhou. Desculpou-se com o cliente e já de prato em punho se dirigia à cozinha quando notou que Geraldo ainda mastigava. Olhou-o, sério, e teve um relâmpago de intuição:

— Escuta: você não é o Sete Garfos?

— Eu, seu Joaquim?

E o português crescendo:

— É o Sete Garfos, sim, seu canalha! Rua!

Um remorso o acompanhava: o amigo também fôra expulso.

*
*
*

Felizmente Indalécio era veterano. Vinte anos de profissão. Relações não lhe faltavam. Botafogo, Laranjeiras, Flamengo, Copacabana. E sabia ser amigo. No primeiro emprêgo colocou também Geraldo, que durante mês e meio comeu. Não o abandonou.

— Você ainda está na churrascaria do Leme?

— Olha: tu vais agora tentar Ipanema.

— Está bem. No Largo do Machado ainda não te conhecem.

— Ouve lá: eu te arranjei uma buate. A comida é perfumaria, mas é quase tudo no escuro.

E Geraldo sempre naquele comer atormentado.

Nupcial

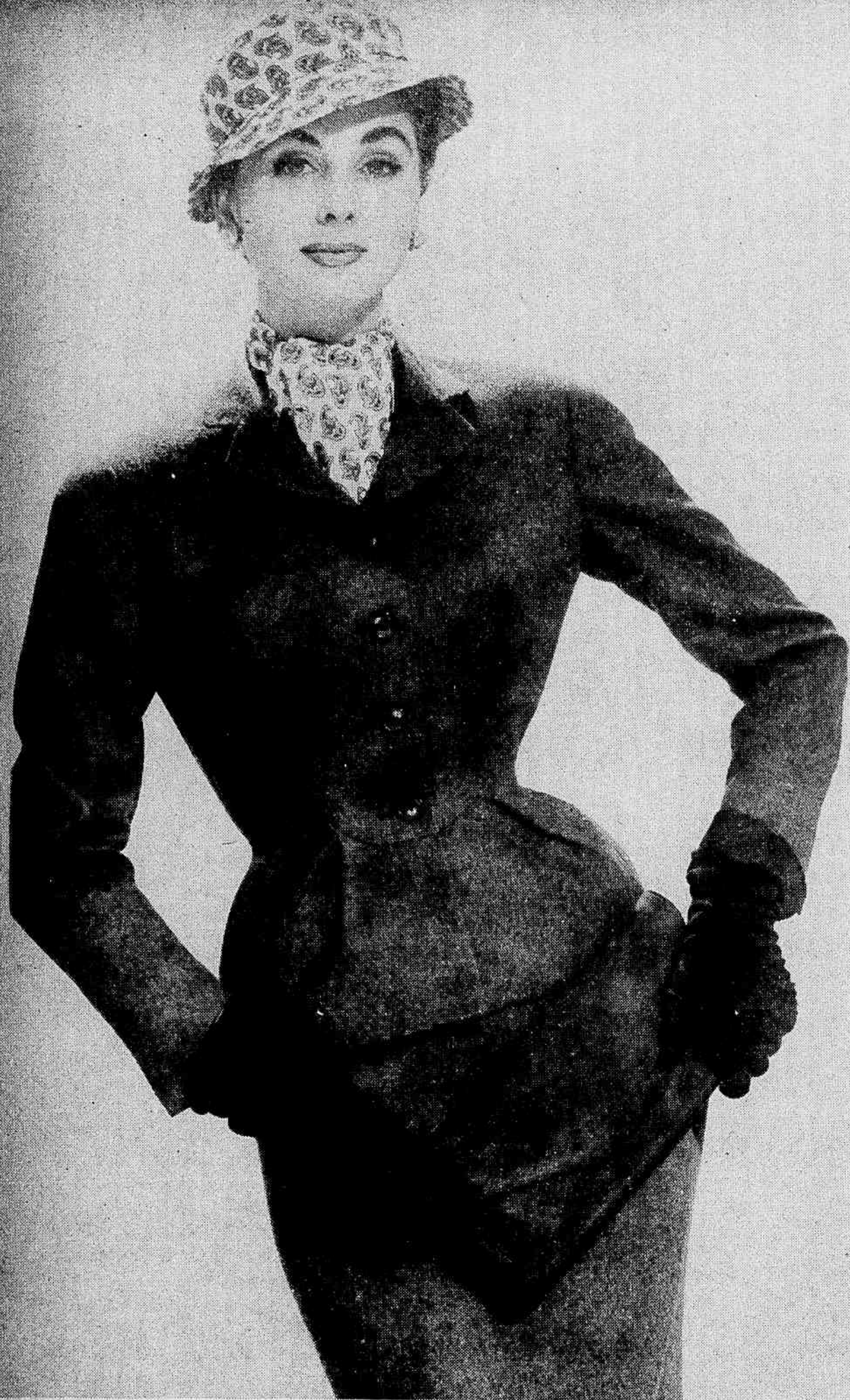


Pinheiro Pimenta —

Felício dos Santos

O MELHOR do melhor da sociedade belorizontina esteve presente, às 17 hs. de sábado, dia 10, na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, para as núpcias da srta. Déa Lúcia Pinheiro Pimenta, filha do sr. e sra. Dermeval José Pimenta, com o deputado Carlos Murilo Felício dos Santos, em bela cerimônia, oficiada por D. Nilton, Arcebispo de Diamantina. A nave principal do templo estava lindamente ornamentada de crisandálias brancas, formando uma alamêda pela qual, suavemente caminhou a noiva, conduzida pelo braço de seu pai para o altar, onde a esperavam sua mãe, d. Lúcia Pinheiro Pimenta, o noivo e os padrinhos: sr. e sra. Israel Pinheiro, sr. Divaldo Lacerda de Oliveira e d. Conceição Felício dos Santos, sr. e sra. João de Rezende Costa, por parte da noiva, e o sr. e sra. presidente Juscelino Kubitschek, sr. Júlio Soares e d. Terezinha Felício dos Santos Duarte e sr. e sra. Dermeval Pimenta, pelo noivo. Ao som da marcha nupcial, cantada pelo Côro dos Funcionários da Rêde, Déa Lúcia deu entrada naquele corredor florido. A frente caminhavam três pagens, lindas crianças, seguidas pelas "demoiselles d'honneur", senhoritas Nilza Maria e Josefina Lúcia. Entre tantas e tantas pessoas presentes à bela cerimônia, pudemos anotar: sr. e sra. Juscelino Kubitschek, sr. e sra. Vítor Leal Costa, sr. e sra. J. Pimenta de Veiga, representando o sr. governador Bias Fortes, o presidente da Assembléia, sr. José Augusto Ferreira Filho e sra., sra. Júlia Kubitschek, sr. Henrique Batista de Oliveira, representando seu pai desembargador Nísio Batista de Oliveira, sr. e sra. Israel Pinheiro, secretário e sra. Paulo Pinheiro Chagas, sr. e sra. Hebert Pimenta, desembargador Raimundo Gonçalves da Silva, sr. e sra. Pedro Braga, sr. e sra. Ranulfo Schettini, sr. e sra. Joaquim Costa, sra. Emília Perpétua de Oliveira, sr. e sra. deputado Pio Canedo, sr. e sra. deputado Renato Azeredo, sr. e sra. Brutus Cortez, sr. e sra. Juventino Dias Filho, senhoritas: Márcia e Maria Stela Kubitschek, Shirley Garzon, Leticia Lessa, Lúcia Maria Quadros, Mariazinha Correia de Sousa e muitas outras figuras dos meios políticos e sociais da Capital.

A noite, a bonita residência do sr. e sra. Dermeval Pimenta recebeu um grupo de parentes e padrinhos dos noivos, que ali foram cumprimentar o ilustre casal e, naturalmente, comentar o belíssimo acontecimento, que naquela tarde uniu para sempre duas tradicionais e ilustres famílias mineiras. Os noivos seguiram no mesmo dia para o Rio em companhia do presidente Juscelino, tendo jantado com o padrinho nas Laranjeiras e, recolhendo-se à Gávea Pequena, donde partiram no dia seguinte para Buenos Aires.



Tailleur cor de avelã, modelo de Amy Linker, estiliza e adelgaça a silhueta ao mesmo tempo que alonga o busto. Pode ser usado todo o dia. Muito prático e elegante.



Malhas, a grande moda. Casaquinho com efeito aparentam pregas. Criação de Jane Irwill de

SEU ROSTO É REDONDO? — Evite os cachinhos, que arredondam; os penteados compridos, rígidos, achatados em cima, ou repartidos no meio, os coques sobre as orelhas, que alargam; os movimentos para trás, as orelhas descobertas. Para romper o círculo: um penteado irregular, com repartido do lado, «mise en plis» alta de um lado, mergulhando do outro. Para alongar o rosto: curto sobre a nuca e os lados, movimento em

altura, enchendo para o alto da cabeça. Para afiná-lo, cabelos lisos, fôlos, indo para a frente enquadrando de perto o rosto, cercado de pequenas mechas curtas, irregulares sobre a fronte, os lados, as orelhas e as faces.

É QUADRADO, LARGO? — Será alongado por um movimento alto sobre a testa e dirigido de detrás para a frente sobre

os lados. Um repartido três quartos, um corte à meia altura entre olhos e queixo, nuca despida ou penteadada à página, o alinarão; e para quebrar a impressão de largura, você formará sobre a testa dois entalhes não muito pronunciados deixando cair uma mecha em larga vírgula.

É LONGO DEMAIS? — Um penteado longo, fôlo, com repartido bem baixo, dos la-

PENTEIE-SE DE ACÔRDO COM A FORMA DO ROSTO

Tailleur de linha «saco» em piqué bege. Dupla fileira de botões formando colete. Mangas quimono 3/4. Gola realçada por laço de faile preto. Criação Madeleine de Rauch.



de bordados e original gola. Saia cujas malhas Nova York.

dos, franja ou cachinhos na testa, um pouco no alto, têmporas cobertas, corte meio-longo, movimento em viés ou para trás, o encurtará, o arredondará.

TRIANGULAR? — Não chame a atenção para o alto. Dê volume à metade inferior deixando os cabelos lisos até às orelhas, depois enrolados ao nível dos maxilares, orelhas cobertas; ou por um repartido ao meio.



Para os dias frios, pequeno Cardigan de Breitschwantz preto com botões fantasia. Mangas montadas e bordadas de cetim. Criação Dessès.

os cabelos macios subindo em cascata à mesma altura.

Ou então, acentue bem seu tipo «gato»; penteado curto, repartido do lado.

COM UM ROSTO OVAL... — Tudo fica bem, menos os penteados em altura, que mergulham o oval, os achatados sobre os lados, que achatam as faces, e os cabelos compridos e crespos sobre os ombros, que diminuem a pureza da linha. Por exemplo, penteado meio longo, repartido do lado, cachos macios ou mechas sobre as orelhas, adoçando o rosto; repartido ao meio, bandós meio crespos sobre os lados (põe em realce o perfil regular mas dá um pouco de

severidade); ou cabeleira curta, cacheada à aiglon.

Atenção! a água oxigenada, empregada sem mistura, dá raramente um tom agradável. Além disso, sem emprêgo não é tão simples. É preciso estudar bem o tempo de aplicação, que varia de 5 a 20 minutos (em geral, os cabelos finos e secos absorvem mais depressa); não utilizar a mistura mais tempo sobre as pontas que sobre as raízes (o calor do couro cabeludo ativa a reação); fazer seguir a decoloração por uma cuidadosa lavagem com água morna e sabão ácido.



«Ferveur» é o nome deste conjunto, todo feito de couro de vitela, imitando veludo resedá. Saia preta, casaquinho e boina igualmente de couro cor de chumbo.

Para tricô: a saia é com efeitos de listras verticais e o casaquinho tricotado em horizontal, grandes botões brancos. Chapéu e luvas também brancos. Criação Banff.



"A RESPEITOSA"

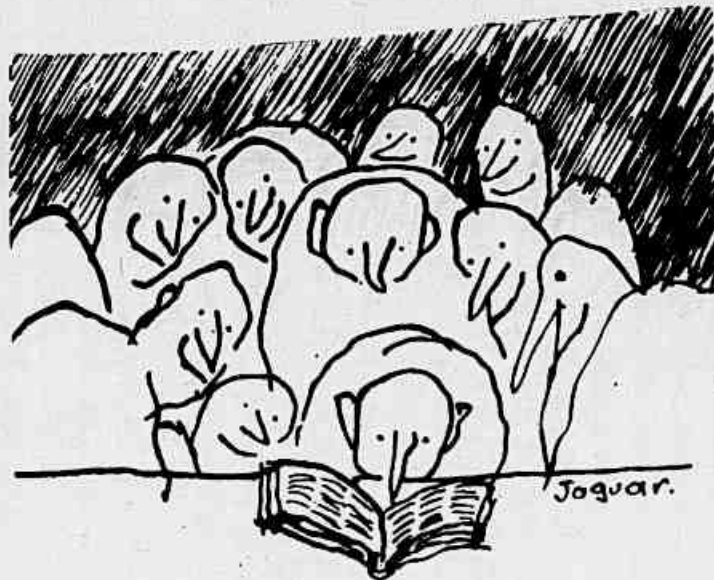
«A RESPEITOSA»

O TEATRO POPULAR de Arte atingiu um nível de espetáculos bastante satisfatório, tendo mesmo apresentado em São Paulo produções surpreendentes pela seriedade e cuidado. Em Portugal, conseguiu louvores do público e da crítica com a demonstração de teatro de classe. Entretanto, com «A Respeitosa», o Teatro Popular de Arte baixou de modo imprevisto as qualidades antes demonstradas.

Sartre pretendeu, com essa peça, criticar o abominável preconceito racial americano, não se importando com alguns clichês e um certo objetivo por demais dirigido.

Imaginou Lizzie, uma prostituta, como «pivot» de um incidente numa pequena cidade do sul dos Estados Unidos. No compartimento de um trem, viajavam dois negros, quatro brancos e a «heroína». Um dos brancos mata por motivos fúteis um dos negros e, para justificar o seu crime, acusa os negros de tentarem violar a moça. Lizzie absolutamente não pretende endossar a mentira, recusando vultosas importâncias. Vendo que por dinheiro não obteria o depoimento para inocentar o criminoso, um senador (tio do réu) coage a moça usando um torpe falatório, explorando-lhe o sentimento. Na história, Lizzie é uma vítima das circunstâncias e só capitula por ingenuidade.

Maria Della Costa soube interpretar o papel de «Lizzie», mas teve como galã Sandro, comprometendo bastante o espetáculo. Suas inflexões e gestos soaram falsamente a ponto de prejudicar a representação. Serafim Gonzales, com uma caracterização imperfeita, não se encontrou no «Negro». Eugenio Kusnet foi o «Senador», papel que desincumbiu com agrado; Benjamim Catan, Joaquim Guimarães e Antônio Ganzarolli figuram em inconseqüentes «pontas».



O texto de Sartre teve um tratamento muito displicente, tanto na interpretação, quanto direção e cenário.

A atual versão de «A Respeitosa» foram acrescentadas frases que, pretendendo dar cor local, só serviu para desvirtuar o espetáculo, muito de acordo com o gênero tradicional da Praça Tiradentes.

E' necessário que o Teatro Popular de Arte volte urgentemente à classe de suas produções anteriores, não só para a preservação do bom nome da companhia, como também para não desencaminhar os bons elementos que pretendem permanecer no teatro sério.

* * *

TEATRO EM CASA

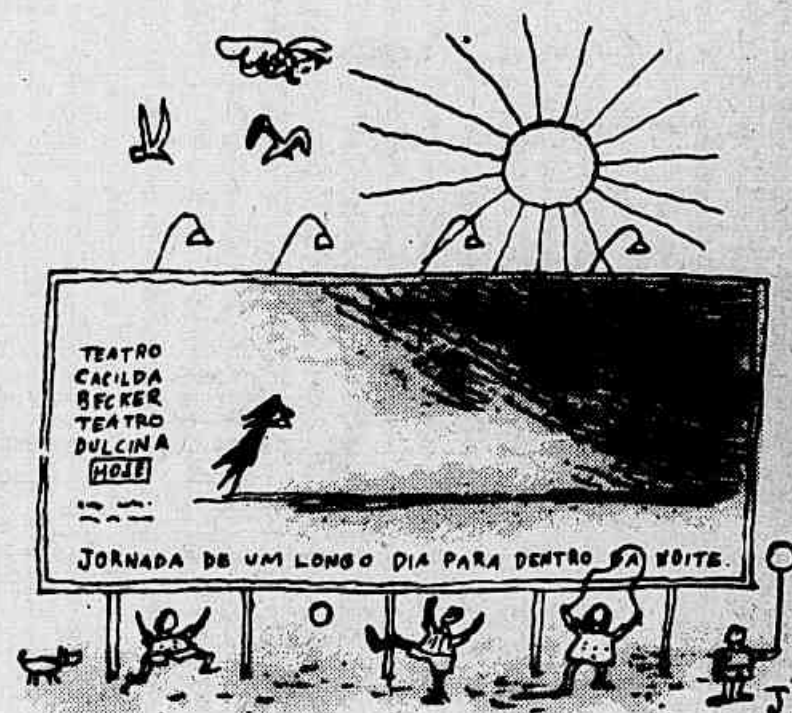
Carlos Perry salienta que a principal finalidade do «Teatro em Casa» é divertir os amigos. Para tanto não pretende lançar valores de espécie alguma. Acontece que essa sua «brincadeira» tem atingida plenamente o objetivo de diversão, a par do outro não programado, mas realizado — apresentar elementos com qualidade. Basta lembrarmos que Isolda de Souza iniciou-se no «Teatro em Casa», passando pelo Tablado, TNC e, agora, no Teatro da Praça. O espetáculo atual consta de três pecinhas de um ato: «Outra Saída», de Lawrence Langner, «A Força do Destino de Verde», de João Bittencourt e «Ve, Sr. Amigo», de Maria Luiza Amaral Peixoto. Principalmente as duas últimas divertem bastante. E, não desfazendo dos outros atores participantes, quem não vê que Camila Amado tem talento bastante para atuar no profissionalismo?

Nessa temporada, Carlos Perry e Alfredo Souto de Almeida funcionaram como eficientes diretores.

* * *

ESPERANÇA NA ABCT

A Associação Brasileira de Críticos Teatrais é uma entidade que prima pela discórdia entre muitos de seus associados. Os presidentes que se sucediam pertencem a uma ala tradicional

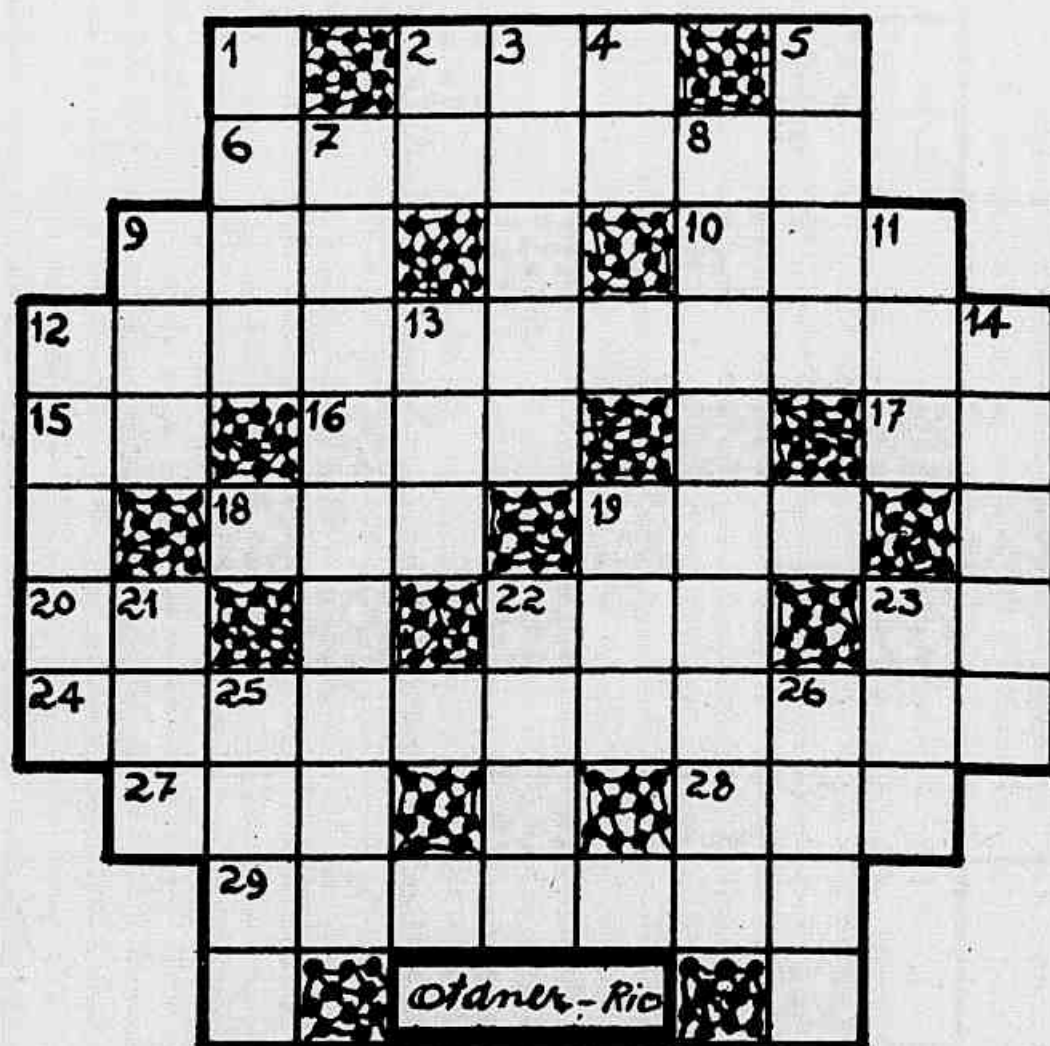
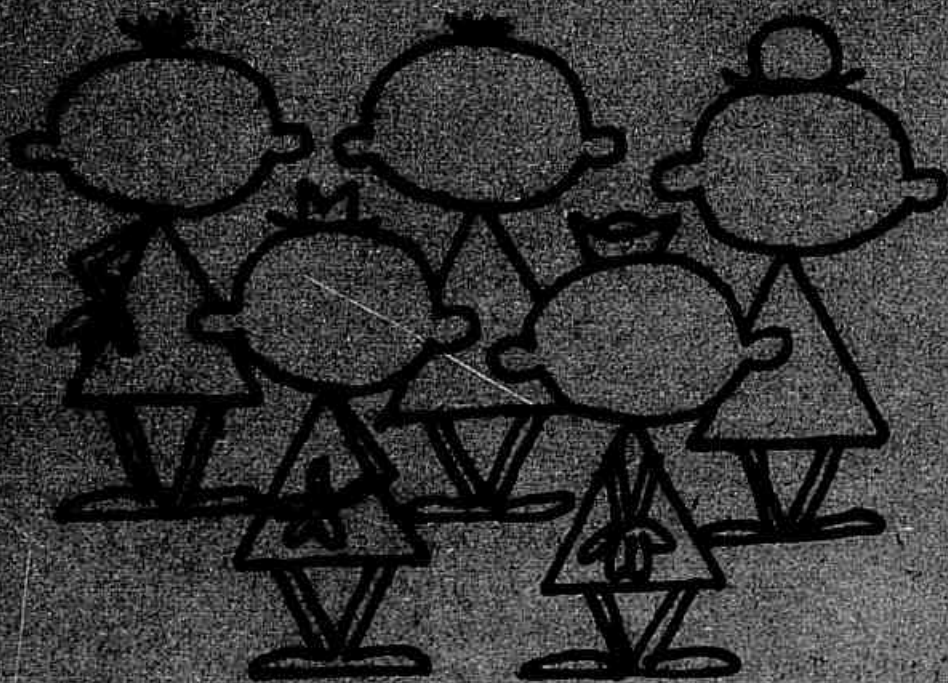
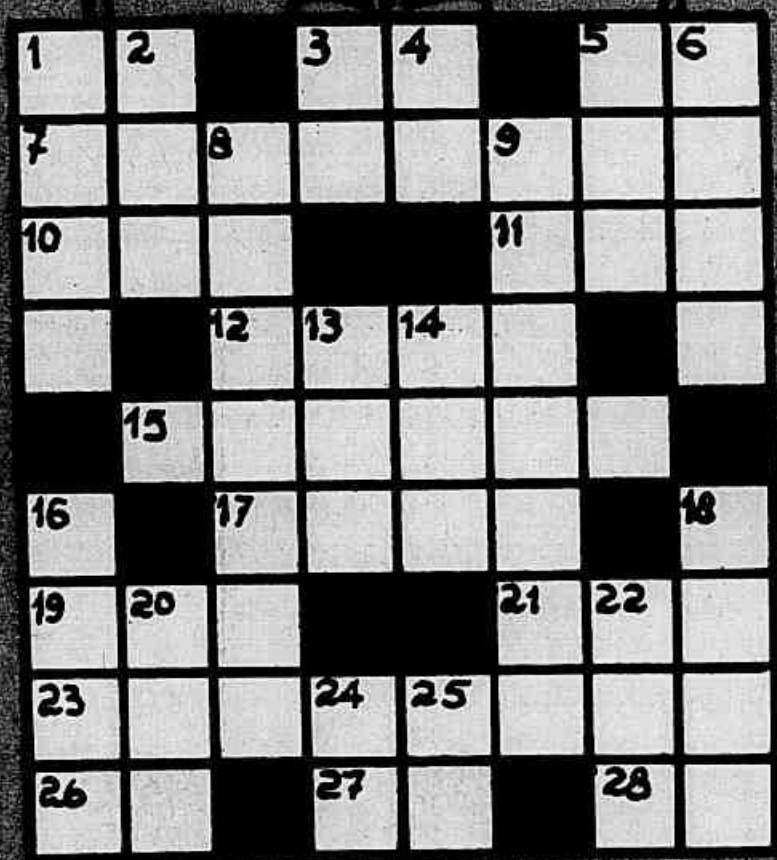
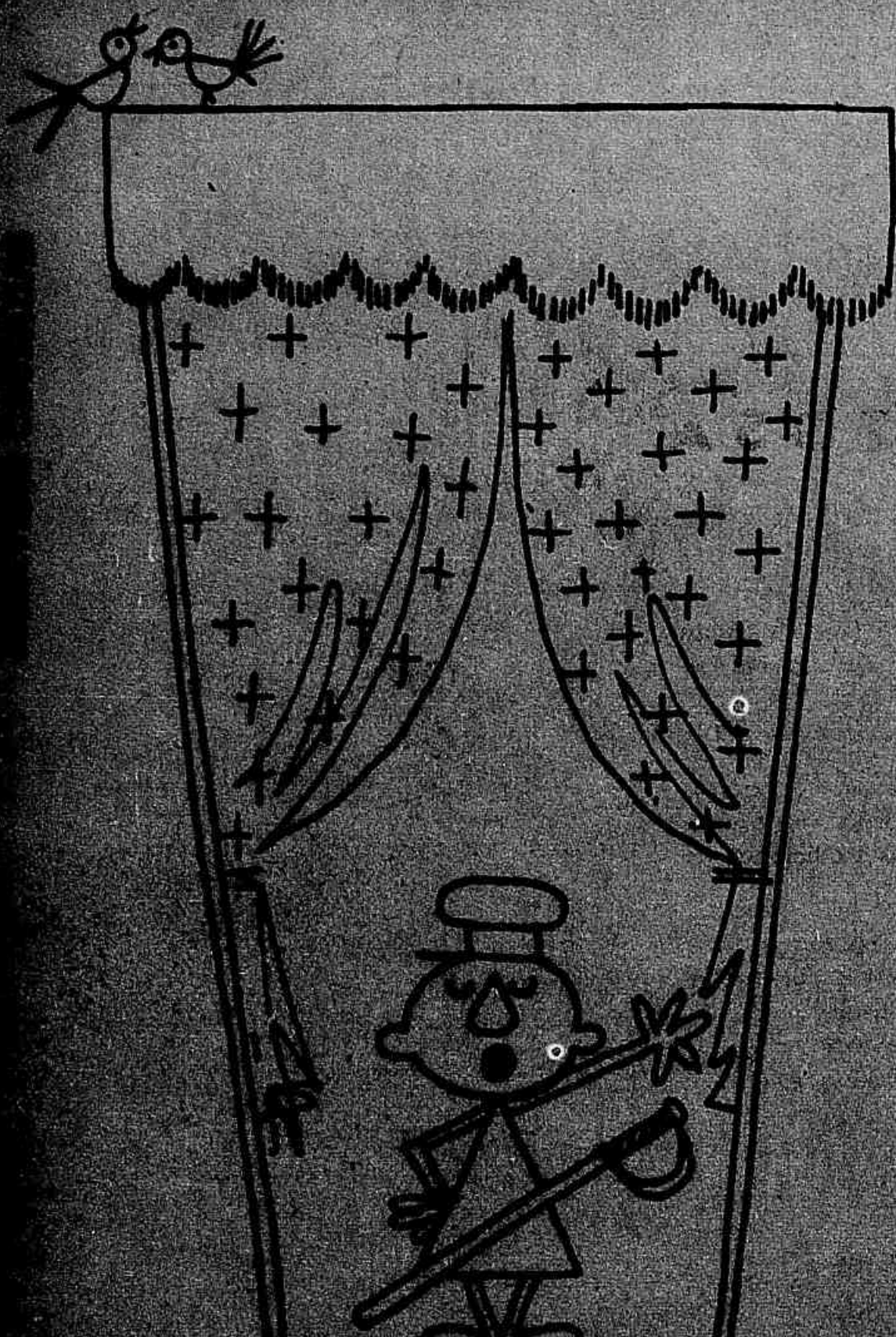


invariavelmente provocando protestos de alguns membros em quase todas as deliberações da ABCT. Para a próxima eleição (segunda quinzena deste mês), entretanto, o nome do crítico Renato Vieira de Melo foi lembrado com muito acerto para a presidência, acreditando-se que traga a concórdia entre os associados. Recentemente Renato Vieira de Melo surpreendeu a classe teatral, quebrando a linha com que sempre se conduziu na profissão («O Jornal»). Isso se verificou quando comentou de forma bastante curiosa (e muito divertida) a peça «Tire a Máscara, Doutor» de Lídia Montserrat.

* * *

TRISTE REALIDADE

Toda a classe teatral brasileira divertiu-se com uma recente entrevista dada em Porto Alegre pelo veterano ator Jaime Costa. Perguntado quais os maiores atores do Brasil, respondeu: «Eu, Procópio e Sérgio Cardoso». E, daí, para uma série de pilhérias. Está claro que os dois últimos são excelentes atores, mas o veterano artista «modestamente» incluiu-se nos «três grandes», esquecendo-se que devido à sua estagnação artística não encontra mais lugar na cena brasileira. Suas declarações, via de regra, plena de amargura e inveja — reflexos de uma teimosia inconcebível — causam sempre risos entre os colegas. Mas não deviam causar risos, sim piedade.



PROBLEMA N° 37

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 2. Calçar — 6. Petisco — 9. Pássaro conirrosto, espécie de verdelho — 10. Certo número — 12. Faca comprida de ponta (pl.) — 15. Árvore da África e da Ásia — 16. Embocadura de rio — 17. Manga — 18. Cerca — 19. Cachimbo indiano — 20. Filha de Inaco e Ismene — 22. Nome de homem — 23. Símbolo do metal de peso atômico 200,61 — 24. Impossibilidade de compreender — 27. Prefixo que exprime a idéia de suco — 28. Bôlsa de caça, feita de fibras de caroiá — 29. Pequena abertura.

VERTICAIS: — 1. Óleo de sardinha — 2. Peça de frente de um degrau — 3. Balôla — 4. Medida itinerária do Japão, equivalente a quase um quilômetro — 5. A quantidade de determinada matéria existente num minério — 7. Boi manso que guia rebanho de gado bravo (pl.) — 8. Diz-se da parte cantante de uma sinfonia — 9. Nome da primeira terra que dizem ter Colombo descoberto em 1492 — 11. Superfície plana de um objeto — 12. Espécie de vampiro com rosto de mulher e corpo de serpente — 13. Vêde — 14. Cabo de corda com que se puxa uma embarcação — 19. Origem do mundo material, na religião persa — 21. Sem ponderação — 22. Ameaça ruína — 23. Árvore indiana de fibras têxteis — 25. Jungir bois a um carro — 26. Plantas umbelíferas.

PROBLEMA N° 37

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Estudei — 3. Em partes iguais — 5. Antes de Cristo — 7. O mesmo que endeusara — 10. Nome de homem — 11. Maior — 12. O mesmo que prol — 15. Preparado farmacêutico de xaropes e alcoolatos — 17. Espécie de antílope africano, de chifres agudíssimos — 19. Oceano — 21. Membro de ave — 23. Peça da charrua em que se apóia a mão de quem a dirige (pl.) — 26. Símbolo químico do rádio — 27. Preposição — 28. Ali.

VERTICAIS: — 1. Lodo, barro — 2. Jornada, partida — 3. Símbolo químico do ouro — 4. Artigo feminino plural — 5. Argola — 6. Rosto — 8. Faz explorações — 9. Lugar onde crescem ameixeiras — 13. Sorri — 14. Elemento grego que significa ácido — 16. Querer bem — 18. Habitação — 20. Pedra do altar — 22. Cloreto de sódio — 24. Enxerga — 25. Preposição.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N° 36

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: muragem — olas — mimar — Ca — isate — ar — atina — ulula — imanizara — tu — SS — uníssonos — ademã — tosar — ce — pomos — do — Ásia — suam — arnodos.

VERTICAIS: coca — ma — usina — ala — emela — mi — rara — latitudes — malassada — San — Tuz — imune — ursos — ímpar — são — Oto — nosso — acas — Roma — mão — ia — Us.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ara — ama — realçam — rua — MC — ir — atear — ti — aa — ata — rareiam — ano — sua.

VERTICAIS: aram — re — Aar — aça — má — amor — luzente — cai — ira — tara — alma — aro — ais — an — Au.



O NOSSO INSTITUTO DE NEUROLOGIA ESTÁ À ALTURA DOS MELHORES DO MUNDO

O INSTITUTO DE Neurologia da Universidade do Brasil foi criado aos 16 de dezembro de 1946, por ato do Conselho Universitário que, destarte, reconheceu a necessidade de ampliar as dependências da Cátedra de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina.

Planos futuros: intensificar as pesquisas

A CLÍNICA NEUROLÓGICA

Até 1911, o ensino da Neurologia no país fora praticado nas cadeiras de Clínica Médica e, mais tarde, nas de Psiquiatria. Em 1912, criou-se a disciplina, sendo investido na regência da mesma o prof. Antônio Austragésilo Rodrigues Lima, então substituto de Clínica Médica. Em 1921, o professor Faustino Esposel foi, em virtude de provas de concurso, designado substituto da Seção de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina, passando a exercer o magistério da primeira parte, visto que o respectivo titular, por ser deputado federal, tinha de deixar as funções docentes, durante as fases de trabalho parlamentar. Quando, em 1931, faleceu o prof. Esposel, já não havia a classe de substitutos, razão pela qual não foi aberto concurso para o cargo. Em 1933, por limite de idade, foi aposentado o prof. Austragésilo e unanimemente indicado, pelo Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade, o prof. Deolindo Augusto de Nunes Couto para a regência interina da Cadeira.

Desde a sua fundação até o ano de 1926, funcionou a clínica neurológica na 20.^a Enfermaria da Santa Casa, Serviço de Clínica Médica, de que era chefe o prof. Austragésilo. Naquele ano procedeu-se a transposição da Cátedra para um pavilhão, especialmente construído, nos terrenos do antigo Hospital Nacional dos Alienados. Durante o passar dos anos foram incorporadas às primitivas instalações, novas cadeiras que vieram oferecer meios para a execução de intervenções neurocirúrgicas.

Quando, após concurso de títulos e provas, foi o prof. Deolindo Couto efetivado na Cátedra, entrou a diligenciar pela ampliação e modernização do acanhado Pavilhão da Praia Vermelha. Pelas leis orçamentárias de 1947, 48, 49, 50 e 51, foram concedidos recursos especiais para as obras do Instituto, as quais, dessa maneira, se executaram sem ônus para a Universidade.

Integram o Instituto de Neurologia nove pavilhões, separados por 2 jardins: o Pavilhão Central (onde se encontram a Diretoria, os quartos e apartamentos e os principais centros médicos) o Pavilhão das Crianças, o Pavilhão de Recuperação Funcional, o de Experimentação, o de Aulas (com um auditório de 220 lugares, além de instalações necessárias a todos os tipos de demonstração didática), o dos Médicos, o das Enfermeiras, o Almoxarifado e o Biotério (que abriga todas as variedades de animais de grande e pequeno porte utilizados na experimentação neurofisiológica).

Funciona no Instituto a Sociedade de Neurologia do Rio de Janeiro, considerada de utilidade pública pela Câmara do Distrito Federal, em 1952.

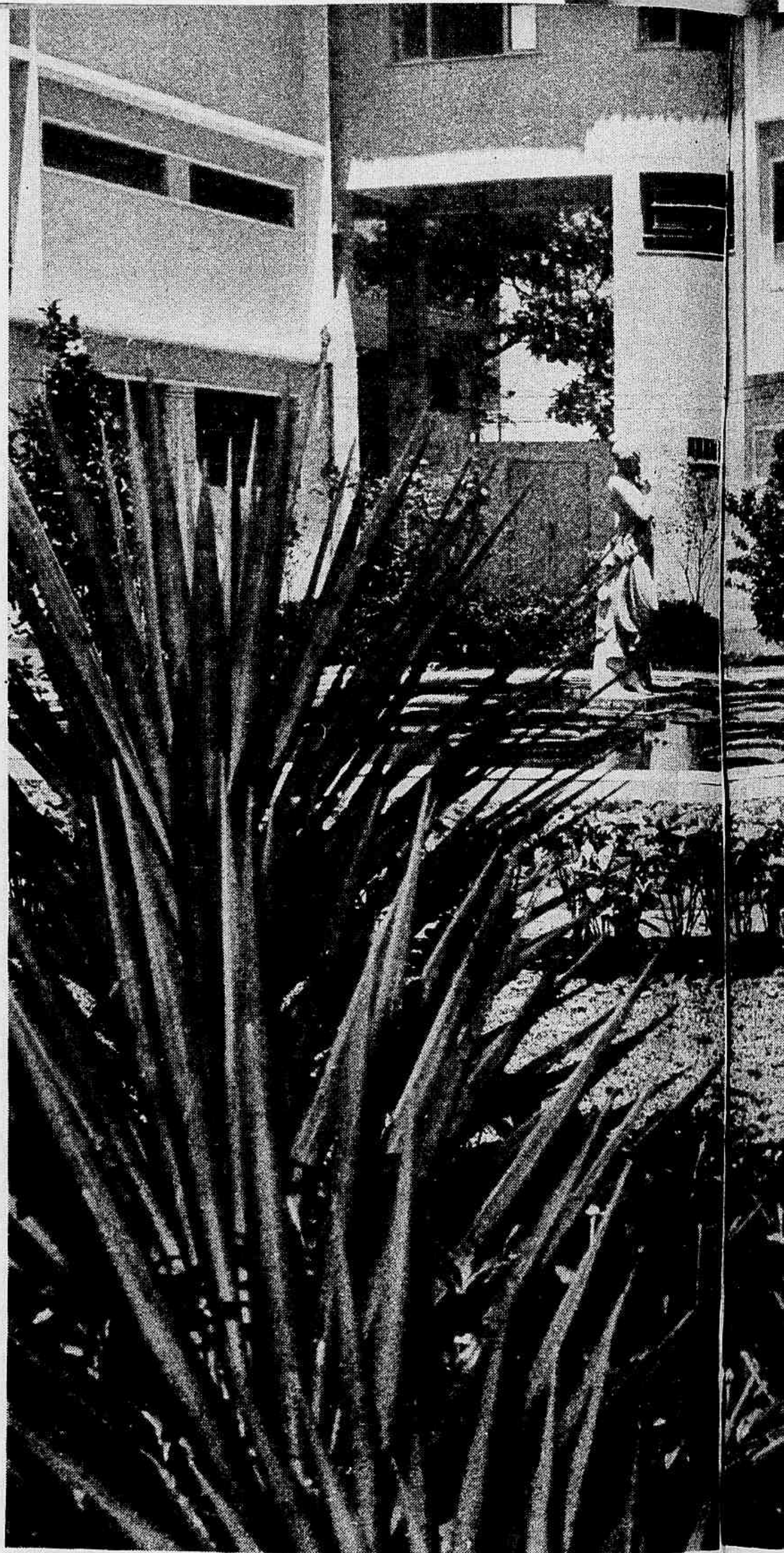
O Instituto de Neurologia foi construído dentro dos mais modernos planos de Engenharia. Interiormente, a impressão que se tem é a melhor possível. Nas salas de consulta e espera há música suave e repousante. Seus corredores nada possuem de misterioso; ao contrário, pintados em tonalidades calmas, têm em suas extremidades quadros onde estão retratados os grandes nomes da ciência neurológica.

Qualquer pessoa pode consultar ao Instituto de Neurologia. Basta, apenas, que preencha uma ficha de inscrição. Depois, é só aguardar a vez. No Pavilhão dos Médicos hospedam-se, sempre, os estagiários que vão aprimorar os seus conhecimentos no Instituto. Quando de nossa visita, o Instituto abrigava três estudantes da Bahia e um boliviano.

Ao prof. Deolindo Couto fizemos algumas perguntas, cujas respostas aí vão:

1) Com que finalidade se tornou autônoma a cadeira de Neurologia, dando, em resultado, o Instituto de Neurologia?

— A Cátedra de Neurologia não é autônoma, vinculada como está e sempre esteve à Faculdade Nacional de Medicina, de cujo



Aspecto parcial dos jardins, das modernas instalações do Instituto.

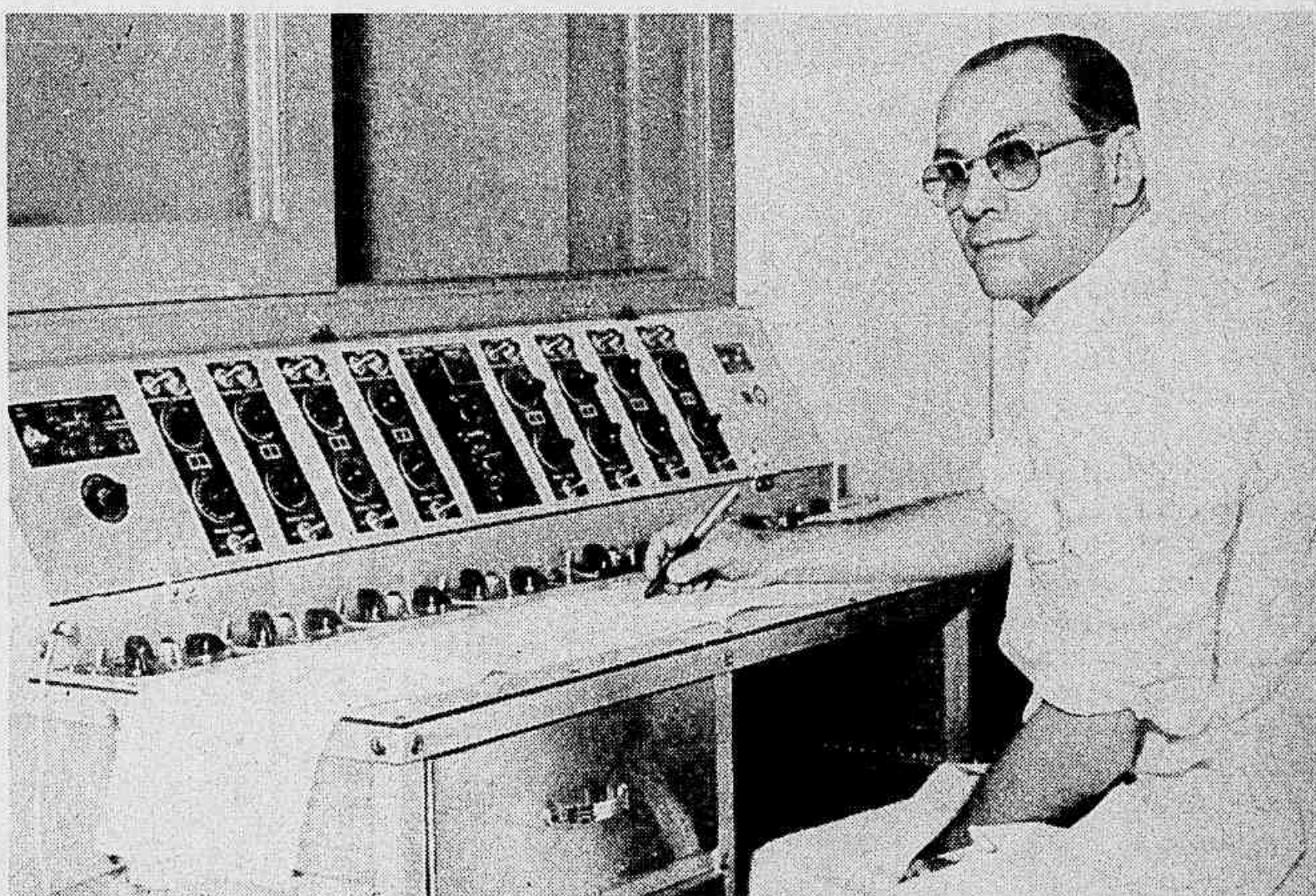
currículo escolar faz parte. Dado, porém, que o âmbito da especialidade cresceu extraordinariamente nos últimos tempos, tornou-se imprescindível dotar a Cadeira dos vários departamentos em que se desdobra o seu estudo — esta a razão de ter sido ampliada e convertida em Instituto. Neste continuam a ser instruídos os alunos nos cursos de formação e os médicos nos de pós-graduação.

2) Como foi obtida a cota financeira para a construção do Instituto de Neurologia?

— Os recursos utilizados na construção do Instituto de Neurologia provieram de dotações orçamentais específicas, obtidas ora por solicitação do Executivo, ora através de emendas do Legis-



O professor Deolindo Couto dirige o Instituto há 25 anos.



Colaborador da maior eficiência, o dr. Ismar Fernandes.

lativo às Leis Orçamentárias. Os membros de um e outro destes Poderes conheciam o problema e encararam com simpatia a urgência de atendê-lo. As verbas destinadas globalmente à Universidade sempre foram insuficientes para atender a programas do gênero: daí ser a Direção do Instituto forçada a pleitear medidas especiais para a construção.

3) Como está a Neurologia no Brasil? E como está o Brasil, comparado às demais nações, na ciência neurológica?

— A Neurologia oficial, isto é, a que é praticada e ensinada pelos técnicos das Universidades rivaliza com as melhores da atualidade. Dispondo de aparelhamento moderno e de pessoal habili-

tado, as instituições universitárias brasileiras se têm representado condignamente dentro e fora do país, nos certames a que comparece. As deficiências ainda existentes neste particular dependem de causas gerais, especialmente a do reduzido número de horas de permanência dos técnicos nos locais de trabalho. Este é um dos deploráveis aspectos da acumulação de funções, a qual impede o aproveitamento integral das instalações.

4) Quais os planos futuros do Instituto de Neurologia?

— Os planos do Instituto referem-se à intensificação do seu setor de pesquisa, onde já algo tem sido feito e onde muito pode ainda ser executado em benefício da cultura brasileira.

LETRAS E ARTES

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

DOIS MORTOS ILUSTRES

Há literatura mundial viu-se há dias desfalcada de dois de seus nomes mais representativos: Juan Ramón Jiménez, poeta ano passado agraciado com o Prêmio Nobel, e Francis Carco, romancista da Paris de antes da guerra de 1914 e crítico de arte.

Certamente maior valor possui a obra do espanhol: seu livro «Platero y yo», seus poemas, suas canções, correm mundo e a cada dia conquistam maior público; a de Carco, porém, é mais simpática — se de simpática podemos batizar a obra literária de alguém. É que esse escritor menor, cultivando um gênero em que teve predecessores e êmulos bastante mais ilustres, por uma personalidade cativante pôs-se à testa de todo um pugilo de artistas e de escritores, e em certo momento foi o símbolo mesmo da boêmia parisiense, evocador perene de Montmartre, daquela Place du Tertre tão cara ao espírito latino, para a qual ainda hoje se evola o pensamento de tantos brasileiros... Jiménez foi o poeta ilustre, o homem de sensibilidade e de entendimento; Carco, o amigo de tantos pintores hoje célebres — de Bonnard, de Picasso, de

Matisse ou Modigliani... —, o celebrador de Paris, de seus habitantes, até de seus vícios. Em romances, como «Bob et Bobette s'amuse»; em livros de memórias, como «Nostalgie de Paris»; em biografias, como «La Légende et la vie d'Utrillo» ou em meros relatos, como «Traduit de l'argot», não foi Carco grande escritor: mas com tanta graça e tal sinceridade tratou temas tão caros, que tinha de terminar, como terminou, um admirável escritor de falhadas obras-primas.

Jiménez e Carco, mortos com intervalo de poucos dias, pertenciam a outras eras. E é como sobreviventes do tempo anterior aos grandes abalos sociais, políticos e econômicos que vêm caracterizando o século XX, desde 1914, que suas obras devem ser lidas e encaradas. São assim, com esse desconto de compreensão, poderão elas agradar-nos ainda hoje: são obras que escaparam a dois grandes dilúvios, e que, entre as graves apreensões em que vivemos todos, falam-nos agora mesmo de um tempo sem preocupações e sem tragédias.



Niemeyer.

Mário Pedrosa, um dos vice-presidentes da Associação Internacional de Críticos de Arte, teve ocasião de propor, no último Congresso Internacional da entidade, levado a efeito em Bruxelas há dois meses, a realização de um Congresso Internacional Extraordinário em Brasília, em setembro de 1959. A proposta foi aceita com entusiasmo, e já se movimenta nesse instante a Seção Brasileira da A.I.C.A., no sentido de que tudo venha a ser realizado em perfeita ordem. Assim é que semanalmente se reúnem, na própria NOVACAP, os sócios da A.I.C.A. brasileira, para estudarem orçamentos, roteiros, temário e detalhes do futuro concla-

ve, que sem dúvida despertará para a nova capital do Brasil as atenções gerais da crítica de arte mundial. Ficou estabelecido que um total de 50 grandes críticos de arte e arquitetos — entre eles Herbert Read, Lionello Venturi, René Huyghe, Mies van der Rohe — serão convidados oficiais do Governo Brasileiro; quase todos virão da Europa, mas as Américas e a Ásia também estarão representadas. Os componentes da seção nacional da Associação de Críticos de Arte, e mais alguns convidados especiais — como Niemeyer e Lúcio Costa — servirão de anfitriões. Uma iniciativa digna de todos os aplausos.

BRASÍLIA, 59:

CONGRESSO

INTERNACIONAL

José Lino Grünewald editará breve seu primeiro livro: uma coleção de poemas concretos. ***Poucos sabem que o pintor Iberê Camargo, além do pincel, maneja também a pluma. Na realidade, ele é autor de vários contos, alguns inclusive já publicados. Particularidade interessante: Iberê escreve-os primeiro em italiano, para depois traduzi-los, em bom português... ***Eduardo Portella, que acaba de publicar «Dimensões, I» e vem sendo saudado como dos maiores críticos do atual momento literário brasileiro, nasceu em 1932, tendo portanto somente 26 anos. ***Nova mania de Herman Lima: Tchecov. O autor de «Garimpos» é possuidor de imensa biblioteca in-

teiramente dedicada ao grande contista russo. ***Vários escritores serão candidatos nas próximas eleições: Magalhães Júnior, Saldanha Coelho, Osório Borba, Afonso Arinos, Rui Santos e outros. ***Elysio Condé e os demais diretores do «Jornal de Letras» serão homenageados, a 13, com um banquete em S. Paulo. Motivo: o nono aniversário do mensário que dirigem. ***O escritor Waldomiro Autran Dourado foi contemplado com um cartório. ***Carlos mercador de livros — Ribeiro mandou instalar poltronas em sua Livraria São José. Agora, os frequentadores habituais da casa poderão refestelar-se nelas à vontade. ***Rachel de Queiroz foi distinguido pela Aca-



Raquel.

GENTE

demia Brasileira de Letras com os cem mil cruzeiros do Prêmio Machado de Assis. ***Telmo Padilha editará breve novo livro de poemas, ainda sem título. ***Andrade Muricy, ao descer as escadas do Teatro Municipal, sofreu um acidente, resvalando e caindo. Já está restabelecido. ***Agrippino Grieco concluiu vasto estudo sobre Machado de Assis. ***Dentro de breves dias surgirá em edição Aguilar toda a obra (em prosa, e em verso) de Manuel Bandeira. ***Eneida lançará dentro de mais algum tempo o livro com o qual conquistou, ano passado, o prêmio da Prefeitura destinado à literatura infantil: «Sujinho de Terra».



Bandeira

A 21: FESTIVAL DO LIVRO DA AMÉRICA

Ultimam-se os preparativos para a realização, nessa capital, do Segundo Festival do Livro da América, a que aderiram também países da Europa e da Ásia. Esse Festival inaugurar-se-á dentro de algumas semanas, com a grande exposição internacional do livro, na Biblioteca Nacional, e com a feira internacional do livro, na Cinelândia.

OS ORGANIZADORES

Três membros compõem a Comissão Organizadora do Festival: Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil, Eremildo Viana, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, e Celso Cunha, catedrático de português da mesma Faculdade, e diretor da Biblioteca Nacional. A secretaria está entregue ao escritor e diplomata Antônio Houaiss. Existe também uma Comissão de Patrocínio: cerca de cem membros, pertencentes às mais diversas entidades públicas ou privadas. Para a Feira Internacional do Livro, foi decisivo o apoio do Sindicato Nacional dos Editores, através de Ênio Silveira, seu presidente.

DIFICULDADES MONETÁRIAS

De início, dois milhões de cruzeiros tinham sido solicitados para prover às despesas decorrentes da realização do Festival; o Legislativo, porém, cortou tal verba, num gesto absurdo de desrespeito à cultura. Assim, foi a própria Reitoria que teve de providenciar financeiramente a concretização da idéia.

PAÍSES PARTICIPANTES

Já garantiram a participação inúmeros países, como Portugal, Espanha, França, Alemanha, Tchecoslováquia, Estados Unidos, Polônia, Argentina, Venezuela (país em que foi realizado o Primeiro Festival, ano passado), México, etc. Portugal comparecerá com 5 mil títulos; grande quantidade de livros infantis será o envio tcheco; os Estados Unidos garantem 10 mil títulos. O Japão representará a Ásia.

RAIMUNDO NOGUEIRA COLABORA

O pintor Raimundo Nogueira está colaborando com os organizadores do Festival: a ele é que se deve a elaboração das estantes destinadas a comportar os vários milhares de livros a serem exibidos durante a mostra, no Museu Nacional de Belas Artes. Também de sua autoria é uma série de painéis alusivos ao livro, destinada a decorar o recinto, extensíssimo (3 mil metros quadrados), em que se realizará a Exposição Internacional do Livro.

ATIVIDADES AFINS

Outras atividades farão parte do Segundo Festival: uma exposição de artes gráficas levada a efeito pela Imprensa Nacional, conferências,

mesas-redondas, debates sobre o livro e seus problemas, etc. O Rio de Janeiro presenciara, em suma, a um espetáculo de grande significação cultural e didática.

COMUNICADO AOS ARTISTAS PINTORES BRASILEIROS

Ao tomar a iniciativa de promover a documentação do nascimento de BRASÍLIA, pelas figuras mais representativas no cenário das artes plásticas nacionais, moviam-se as seguintes razões: 1º) aos 136 anos de independência, não nos consta possuir o Brasil sua «História-Pátria» oficial (qualquer um pode fazer «sua» História do Brasil); 2º) o Instituto Histórico e Geográfico, fundado em 1838, sendo ainda entidade norteadora dos temas que debatem nossa formação social, não se destaca por orientação dinâmica, preferindo o simples recolhimento de esparsas informações, alienígenas ou partindo de autores nacionais de iniciativa particular; 3º) no campo das artes figurativas e documentárias, continuamos embevecidos a admirar os registros de Franz Post, Le Breton, Rugendas, Maria Graham e outros, sendo os últimos, autores posteriores à Independência; 4º) ao efetivar-se o sonho do «Patriarca da Independência» — a transferência da Capital brasileira para o centro-oeste do país — julgamos imperativo de ordem cultural e nacionalista documentarmos, nós brasileiros, os aspectos geofísicos, antropológicos, folclóricos e urbanísticos daquela região, desde as primeiras fases da ereção da nova Capital. Pintores, gravadores e desenhistas legariam à posteridade valores positivos para o verdadeiro culto à nossa História.

Manifestando ao Exmo. Sr. Presidente da República tão, iniludivelmente, alta iniciativa, prontamente S. Exa. incorporou-se à idéia, remetendo à direção da NOVACAP a exposição que lhe havíamos entregue.

Isso ocorreu em outubro de 1957. Passados seis meses, durante cujo período compareci vinte e duas vezes!!! à sede daquela entidade, recebi as mais variadas desculpas protelatórias, a saber: «O Conselho deve reunir-se por estes dias», «Estamos em época de chuvas», «Lutamos com falta de verba», «O Doutor Israel está em Brasília», «Lá não há acomodações para artistas», «Nossos vãos são escassos», «Nosso avião só comporta seis pessoas», «Esperamos a energia elétrica», e finalmente a última: «Vamos esperar a inauguração do Hotel». Esta razão foi apresentada a 29 de abril.

Meus queridos companheiros, vamos meter a viola no saco e pensar em outras coisas, menos em Brasília. O presidente da NOVACAP é um engenheiro e, me parece, desligado das coisas da cultura espiritual de um povo... Já estávamos convencidos de que no Brasil não há lugar para as artes plásticas, a não ser quando se apresenta em forma de exibição mundana para a subaristocracia. Assim, continuaremos folheando, embevecidos, o «Voyage Pittoresque et Artistique au Brésil», do Monsieur De Bret. Peço mil perdões pelo meu fracasso como líder e espero continuar merecendo a afeição de todos. ANTÔNIO BUONO JÚNIOR, 2 de maio de 1958.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

O TRABALHO NA ARTE — No Museu Nacional de Belas Artes, realiza-se a exposição «O Trabalho na Arte»: pintura, escultura, gravura e desenho, de artistas nacionais e estrangeiros, contemporâneos (acadêmicos e modernos) ou não. Como tudo o que é devido à iniciativa do Diretor do Museu Nacional de Belas Artes, é mostra que peca contra as mínimas exigências da moderna técnica utilizada em tais ocasiões. Confusa, dispersando

por um salão imenso uma série diminuta de trabalhos acadêmicos, e logo a seguir, decerto preconcebidamente, por deliberada má vontade, acumulando numa pequenina divisão os vários trabalhos de artistas modernos, essa exposição não pode perseguir nenhuma finalidade cultural ou didática. Salvam-se, é claro, algumas peças expostas mórmente de artistas moços, e que vivem sua época.

Titina disse chorando: “ADEUS, BRASIL”

Titina fez uma carinha de choro quando se despediu do Brasil.



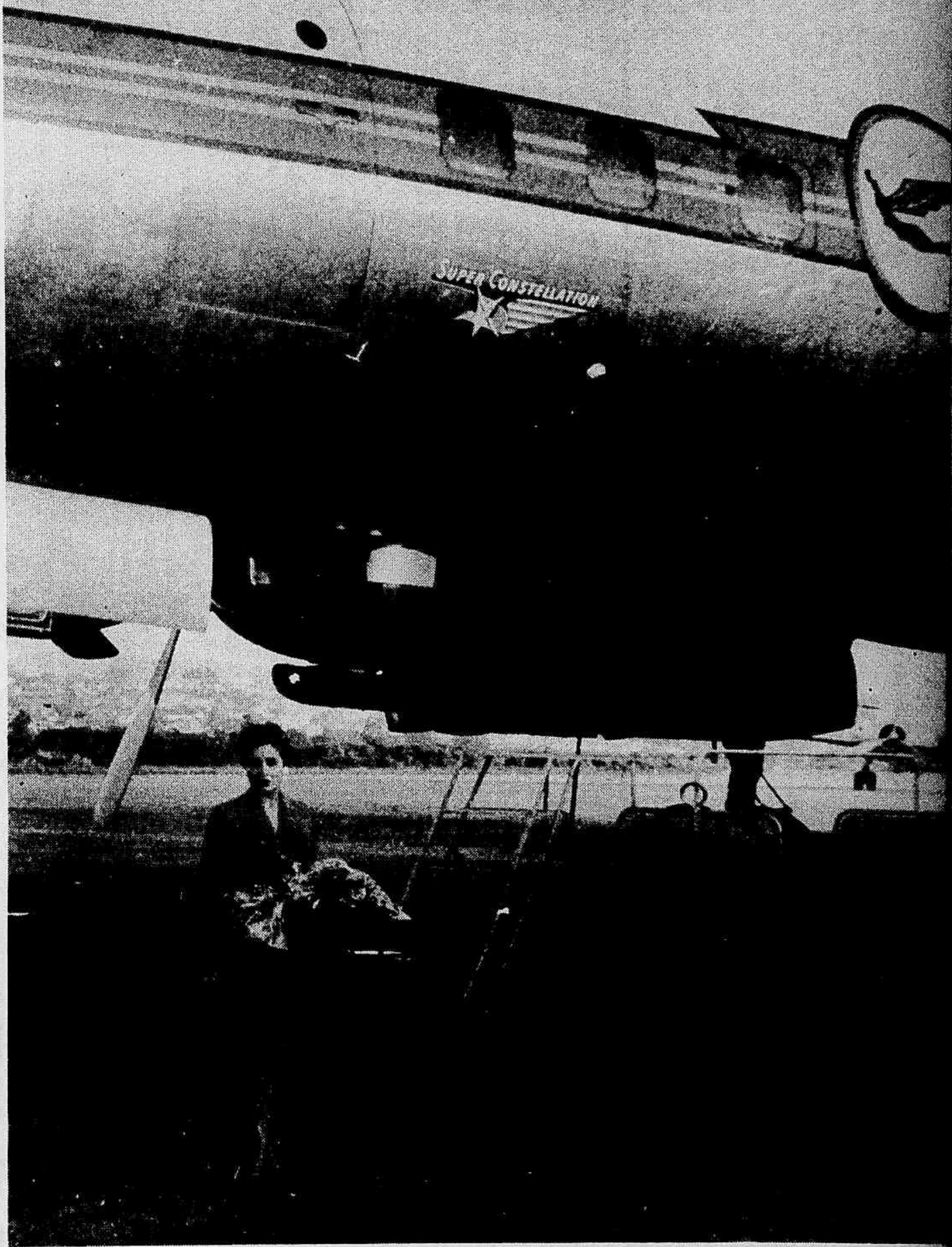
Um soldado da aeronáutica



Titina sorriu muito pouco



pediu o último autógrafo...



antes de partir. Tinha saudades.

A última foto para 60 milhões de brasileiros.

E AÍ O ALTO-FALANTE do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, anunciou:

"Senhores passageiros da VARIG, que se destinam a Montevideu e Buenos Aires, queiram apresentar as suas despedidas. Boa viagem".

Pronto. Ninguém mais se entendeu. Um soldado da Aeronáutica correu para pedir o último autógrafo. Lúcio Martins, Paulo Palmeiro, Hélio Polito, olharam-se entre si. Todos sabiam que Titina seguiria mesmo, naquele domingo, mas ninguém se conformava. Apelavam para que o avião atrasasse. Pelo menos, era o que o grupo inteiro desejava. O diabo é que a "pioneira" anda sempre no horário.

Rápida troca de palavras. Cada um inventava mais coisas.

Os passageiros já estavam na fila para o embarque. Só faltava Titina. Nova chamada no microfone:

"Senhores passageiros da VARIG, que se destinam a Montevideu e Buenos Aires, queiram apresentar as suas despedidas. ÚLTIMA CHAMADA!"

Uma recepcionista procurava o grupo, aflita, para não retardar a partida do avião. Não havia outra saída. Tinham que se despedir.

Titina usava o belo "modêlo saco" que Mme. Janette (famosa modista de Salvador) lhe oferecera na Bahia e, apesar de triste, parecia mais linda ainda. Fêz questão que todos fôssem até a escada do "Convair". E o D.A.C. gentilmente concordou. Não quis falar a cada um. Disse apenas: "Adeus, Brasil". E chorou.

Na Broadway, a adaptação teatral de Goodrich e Hackett foi interpretada por Susan Strasberg; na foto vemos-a ao lado de Schildkraut, o único sobrevivente



A
doi
Acc
fisi
den
retr
um
que
e a
con
de
viv
cac
esc
tris
par
an
par
his
de
193
nã
ju
qu
e e
194

O DRAMA DE ANNE FRANCK CONTINUA COMOVENDO O MUNDO

CARLOS A. NASCIMENTO



A marca dos prisioneiros do campo de concentração nazista de Auschwitz, na Polônia. Otto Franck é um desses homens. Quem o reconhece?

A CORTINA DO TEATRO abriu-se. O cenário representa os dois últimos andares de uma casa comercial de Amsterdam. Acompanhado de uma mulher, um homem entra; velho, triste, fisionomia cansada. Seus olhos se fixam detidamente na desordem e na sujeira daquele aposento. Nas paredes, estão pregados retratos de artistas em poses cinematográficas. Um gancho segura uma "écharpe" que outrora foi multicor; talvez a única coisa esquecida ali; o homem triste apanha a "écharpe" carinhosamente e a guarda no bolso. Com a voz embargada, o velho diz para consigo: "Anne, minha filha adorada; 15 resplandescentes anos de idade, sensível, inteligente. Por que a mataram? Por que vivo eu?" A silenciosa mulher que o acompanha levanta um caderno escolar do chão empoeirado. "Esse é o diário que Anne escreveu durante os dois anos em que se refugiou aqui". O homem triste abriu o velho caderno e começou a lê-lo e novamente dizendo para consigo: "Eu me lembro; foi o mais bonito presente de aniversário que Anne ganhou quando fez 13 anos". Virando-se para a plateia, disse o homem triste: Vou contar para vocês a história desse documento humano:

"Ela era judia; portadora da estrela de seis pontas que Hitler declarara infamante. Deixamos a Alemanha, a nossa pátria, em 1933, quando da ascensão ao poder do Partido Nacional Socialista, não sem antes sentirmos de perto a opressão que sofriam os judeus. Partimos para a Holanda. Anne cresceu como uma pequena holandesa; aprendeu rapidamente o idioma daquele país e era uma das melhores alunas da escola elementar de Amsterdam. 1940 foi um ano terrível para nós; invasão dos Países Baixos, a

Gestapo, os SS e os ferozes racistas. Eles sabiam que nós éramos alemães refugiados e pior, judeus. Para Anne, era-lhe vedado o teatro e o cinema; nem sequer podia jogar tênis no clube local; não podia viajar de trem e o telefone lhe era censurado como a todos nós. Os estabelecimentos comerciais cristãos lhe impediam a entrada; ninguém queria complicações com os nazistas. Mas Anne não sofreu muito com estas restrições; sua família era rica e, unida, a protegia.

ÚLTIMO REGISTRO NO DIÁRIO

"Era uma menina morena, franzina e muito faladora, 'muito faladora, mesmo', disse certa vez um de seus professores. A escola de judeus era bem perto de nossa residência. Anne era alegre, constantemente levava seus amigos para tomar chá. A vida não era muito má para a menina. Certo dia tudo começou a mudar; falava-se que os nazistas iam prender um grande número de judeus; nós estávamos incluídos na lista. A única solução era escapar. Acomodamo-nos no sótão do anexo de uma casa comercial. Meus sócios, cristãos-holandeses, amigos devotados, continuavam à testa do negócio. Comuniquei a meus vizinhos que ia viajar para a Suíça e comecei a mudança. Na verdade, porém, a mudança era para o aludido sótão. Minha esposa, num dia de calor sufocante, trazia no corpo 3 vestidos, 3 combinações, uma saia, um casaco e três pares de roupas íntimas superpostas; eu levava os cobertores envoltos no corpo. Todos nós estávamos habilitados a fazer uma viagem ao Pólo Norte, pois era muito perigoso

ANNE FRANCK

carregar bagagem nas ruas da Holanda. Assim "gordos", nos despedimos de nosso confortável apartamento e instalamo-nos em nossa nova moradia furtiva.

Além de Anne, minha esposa e minha outra filha, Margot, tínhamos a família van Daan, também companheiros de infortúnio, cujo filho de 15 anos logo se tornou companheiro de Anne. A vida era insuportável no pequeno sótão amontado de gente; não se podia fazer o menor barulho, pois, para todos os efeitos, aquela parte da casa estava desabitada. Mas nós aproveitávamos parte do dia em que os trabalhadores faziam reparos nas ruas para cantar e conversar um pouco. Durante a noite, nada de barulho; caminhávamos nas pontas dos pés. Somente a altas horas que podíamos fazer nossa tualete. As senhoras eram observadas com o maior rigor. Naquele ambiente, era natural que os nervos estivessem à flor da pele. Minha esposa se mostrava muito severa para com as filhas; aliás, ela sempre fora severa com as meninas e esse era o maior drama; Anne e Margot nunca conheceram o carinho materno; viviam como órfãs. Entretanto, muita coisa interessante se passou aqui, nesse reduto do mundo; Anne silenciosamente escrevia seu diário. Todos os dias escrevia uma carta a Kitty — uma amiga imaginária. Era com muita satisfação que recebíamos uma vez por dia as duas holandesas Miep ou Elli, encarregadas de nos levarem as rações de alimentos, rações pobres e difíceis de obter mesmo com cartões de racionamento ou no mercado-negro; uma vez por semana nos traziam doces confeccionados com economias de suas quotas de açúcar. O país passava fome negra. Apesar disso, os aniversários eram comemorados. Durante a noite do Papai Noel cristão e da entrada do Ano Novo judeu cantávamos em cântico, sussurrando. O jovem van Daan, certa vez, decidiu dar abrigo a mais uma pessoa; tratava-se de um dentista judeu de nome Duessel. A ele deu-se a cama de Anne; ela era a mais jovem, poderia se sacrificar. Uma junção de duas cadeiras se tornou a nova cama da menina. Duessel se comportava como um celibatário ordeiro e egoísta.

A DESCOBERTA DE UM NOVO MUNDO

Anne adorava sua mesa de trabalho onde escrevia seu diário, preparava suas lições e traduzia um livro de Daudet. O pequeno rádio anunciava o boletim da BBC. Da estação central de Londres, o locutor anunciava o desembarque britânico na África do Norte; "é o princípio do fim", sussurravam os refugiados, repetindo uma frase histórica de Churchill. De repente, faltava eletricidade e a transmissão era interrompida. De Anne apoderava-se a tristeza vendo que seus pais e companheiros eram prêsas do terror; diariamente recebiam notícias de que conhecidos seus haviam sido detidos, deportados ou fuzilados. Certa vez a ouvi murmurando: "como é triste viver presa aos 14 anos". Em 1943, Anne descobriu um novo mundo; mergulhou-se na história da mitologia greco-romana e ocupou-se do estudo da origem dos deuses. Era uma nova adoração, inofensiva e inocente; o estudo da genealogia dos reis a levava até a princesa Margaret, que era um ano mais nova do que ela. A primavera de 1943 foi bem mais alegre. As novelas da BBC eram esplêndidas. O mundo inteiro as escutava. A mesma emissora informava da abertura da frente russa de Stalingrado; mais territórios conquistados para as hordas nazistas. A miséria na Holanda era maior do que em qualquer outra época da sua história; ladrões por toda parte. Uma noite, arrombadores penetraram no anexo onde ficava nosso sótão, pensando que o prédio estava desabitado, por certo; nosso segredo foi descoberto e provavelmente foram os mesmos ladrões que algumas semanas depois nos denunciaram à Gestapo.

A FRENTE COM OS NAZISTAS

"Foi no dia 4 de agosto de 1944 que a Feld-Polizei (polícia militar) deu uma busca no anexo. Todos os moradores foram presos e remetidos separadamente para um campo de concentração. Os holandeses foram soltos pouco mais tarde, mas os judeus, esses, não; só um voltou e assim mesmo para ser enviado para a Polônia; era eu, Otto-Frank.

"No campo de Auschwitz, na Polônia, a vida era dura; a alimentação era quase que exclusivamente composta de batatas,



O retrato de Anne Franck, numa concepção de M. T. Ragel.



Millie Perkins, de 18 anos, a escolhida entre 10 224 moças para interpretar Anne.



Na versão cinematográfica do "Diário", Millie Perkins contracenará com Joseph Schildkraut, que interpretou 1086 vezes o "Otto Frank" no palco.

porém, o saber do paradeiro de minha família era o que mais me atormentava até que em 1945 o exército russo libertou o país e tive então a oportunidade de iniciar minha busca. Andando a êsmo, perguntando aqui e ali, atravessei a fronteira da Alemanha indagando a todos os ex-prisioneiros. Ninguém sabia de coisa alguma. Certa vez, um deles me disse que possivelmente ela estaria em Bergen-Belsen. Esse campo foi libertado pelos aliados em maio de 1945. Os primeiros a penetrar foram os britânicos que recuavam diante dos horrores de esqueletos vivos. Cadáveres insepultos jaziam ali empilhados aos milhares. Sem dúvida alguma Anne morrera e ali mesmo. Diante de tantos horrores, de tanta crueldade, lembrei-me da última frase de seu diário: "Eu ainda acredito na bondade íntima dos homens..."

O pano cai lenta e silenciosamente; o público se retira em silêncio; ninguém diz coisa alguma; uma lágrima indiscreta escorre pelo rosto do homem gordo que estava sentado na segunda fila.

É sempre assim. Em dezenas de cidades do mundo, no Oriente ou no Ocidente; em inglês, francês, alemão, italiano, russo ou paquistanês, simultaneamente, alguém interpreta o monólogo de Otto Frank. Em todos os países do mundo há sempre uma atriz franzina para interpretar o documento humano; a história de um patinho feio que se transformou num maravilhoso cisne. "O Diário de Anne Frank", esse pequeno livro, alcançou uma popularidade extraordinária; a edição norte-americana foi prefaciada por Eleanor Roosevelt; a francesa levou prefácio de Daniel Rops. O livro foi traduzido para 18 idiomas. A versão para o teatro não foi de menor sucesso; 1954 representações em 61 teatros diferentes já foram encenadas na Alemanha. No resto do mundo, 36 companhias levam a cena diariamente "O Diário de Anne Frank" e em todos os recantos da terra há sempre um público que se retira silenciosamente.

A VERSÃO CINEMATOGRAFICA

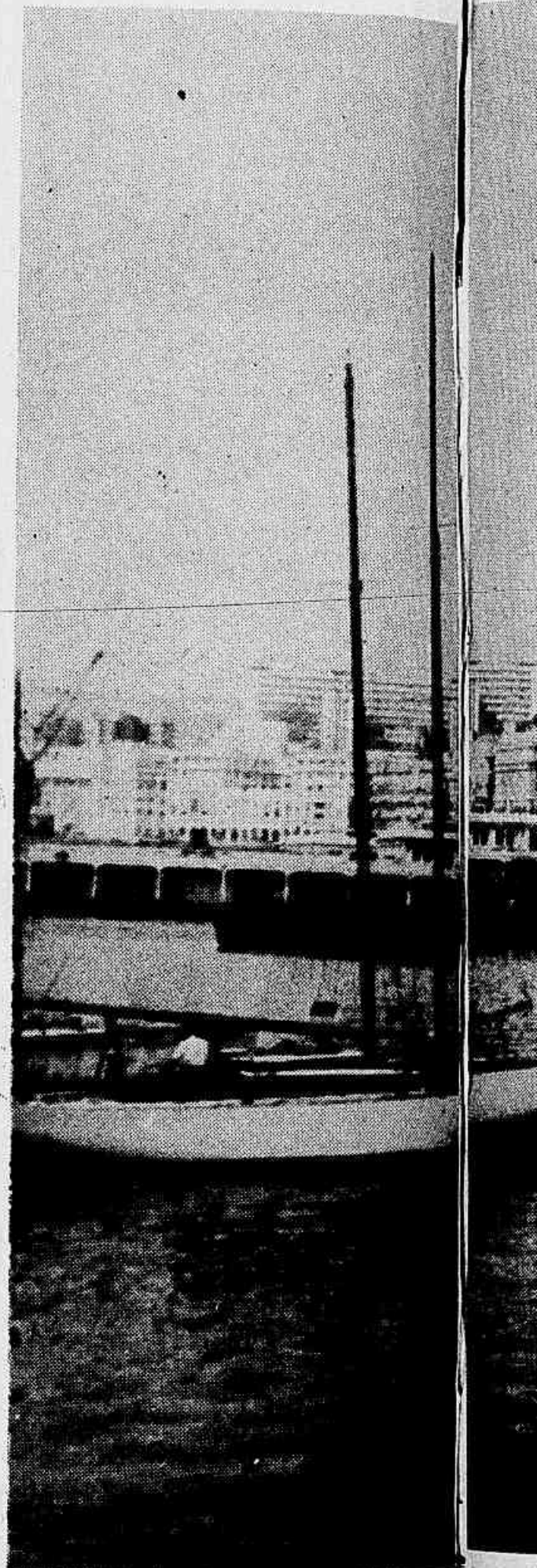
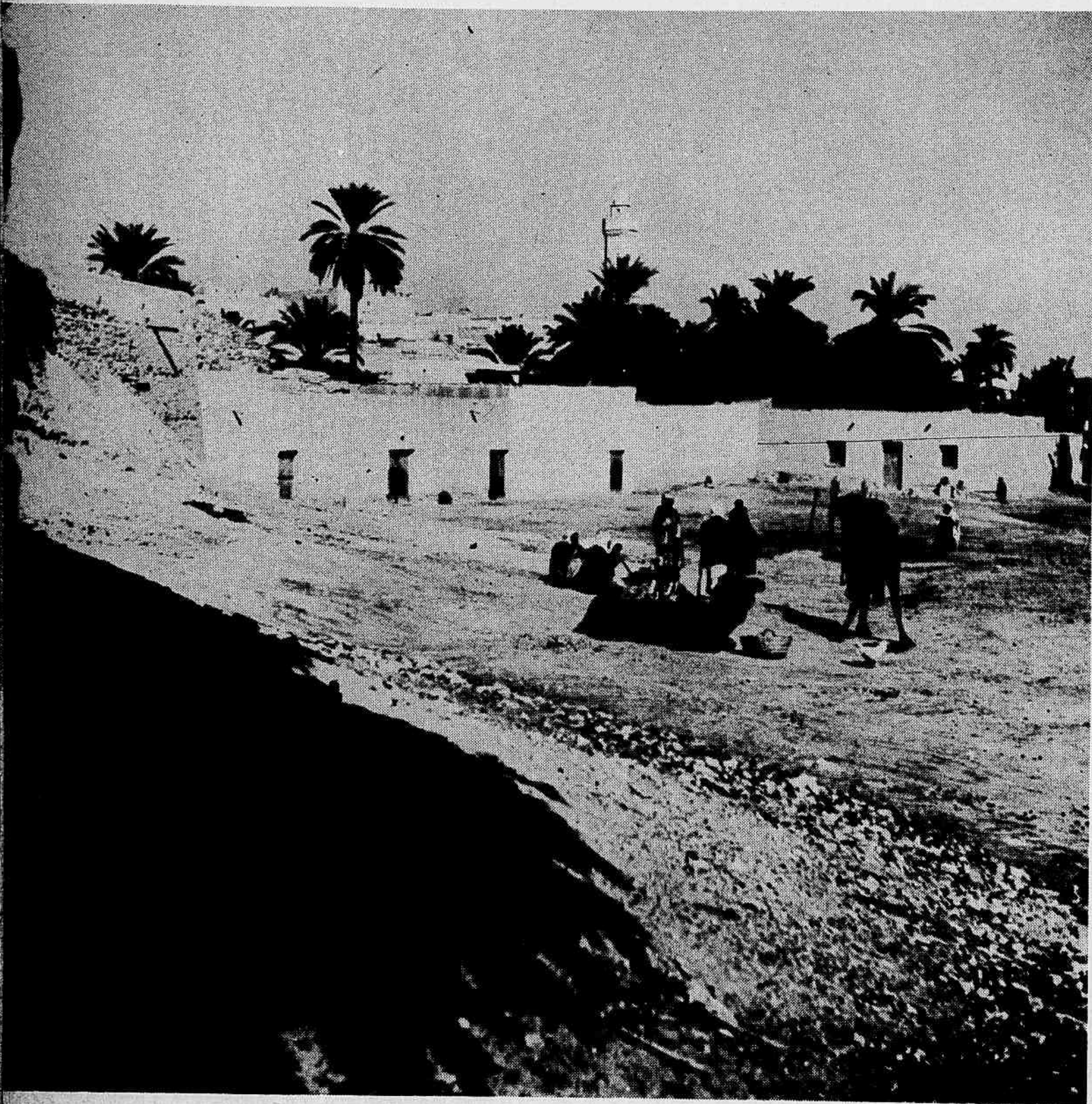
10 224 moças de todos os recantos da terra, atendendo ao apelo do diretor George Stevens, enviaram seus retratos a Hollywood, se candidatando ao papel de Anne Frank na versão cinematográfica do diário, nos EE.UU. Além disso, o produtor enviou um representante seu para que numa viagem ao redor do mundo escolhesse uma moça do povo, uma estudante, uma camponesa ou uma balconista de loja comercial para interpretar na tela o papel da mártir de Bergen-Belsen. Depois de rigorosa seleção, foram escolhidas 6 candidatas. Um nome juntou-se a estas mais tarde — o de Millie Perkins, de Nova Iorque, uma "cover girl" cujo retrato ornamentava as capas de numerosas revistas norte-americanas, que foi finalmente escolhida para o papel. Millie tem 18 anos de idade e se assemelha muito a Anne Frank.

Numa entrevista coletiva com a imprensa, George Stevens revelou que Otto Frank, que vive atualmente nos EE.UU., lhe havia mandado a parte inédita do diário de sua filha. Alguns dias depois, George Stevens e Millie Perkins partiram para Amsterdam para realizarem as primeiras cenas no local onde, durante dois anos, viveu enclausurada a jovem mártir. O prédio será demolido e com parte do dinheiro da renda do filme, será construído um edifício para jovens, um lar para os moços que sofrem as injustiças do mundo.

* * *

Em São Paulo, a peça obteve grande sucesso pelo "Pequeno Teatro de Comédia", sob a direção de Antunes Filho e com Dália Palma no papel título. É esse mesmo grupo que apresentará "O Diário de Anne Frank" aos cariocas no Teatro Carlos Gomes a 12 de junho.

GRITO CONTRA CENTO E V



Apesar das modernas construções, conserva ainda a Argélia as características de sua arquitetura.

Situada à beira do Medi

TERRITÓRIO FRANCÊS no norte da África, à beira do Mediterrâneo, está a Argélia limitada à leste pela Tunísia, a oeste pelo Marrocos e ao sul pelo Sahara — cuja parte argelina é enriquecida por importantes oásis.

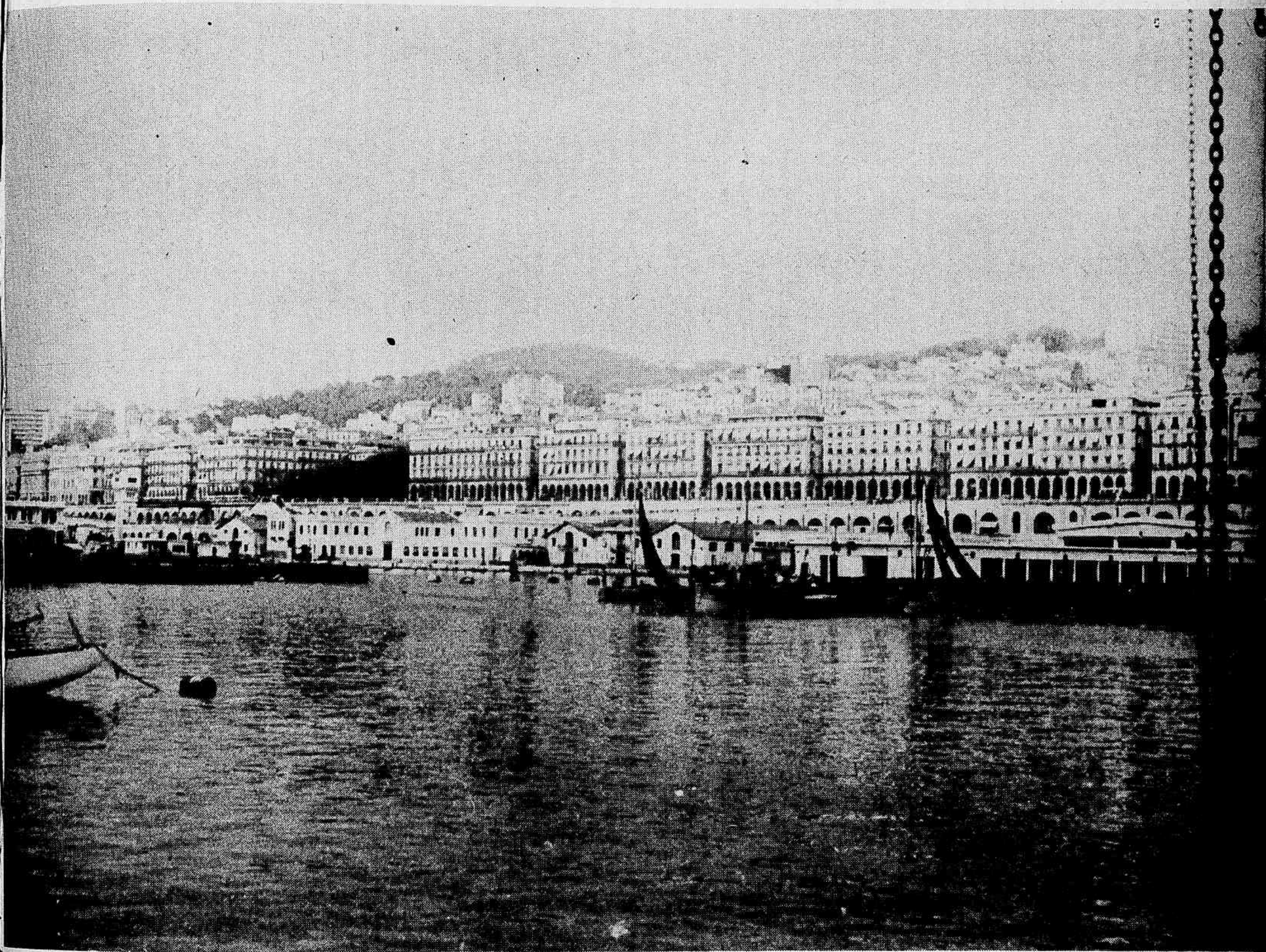
Ocupada desde a mais remota antiguidade, pelos bérberes, esteve a região onde é hoje a Argélia, a partir do século VI A.C., sob a sucessiva dominação dos cartagineses, dos romanos, dos vândalos. Ocupada mais tarde pelos bizantinos, árabes e em seguida pelos turcos, a região tornou-se, durante três séculos, autêntico reduto de bandidos e renegados. Foi o principal centro de piratas bérberes, e as expedições contra eles dirigidas pela marinha espanhola, francesa e depois americana, não tiveram praticamente resultado. Foi somente em 1830 que as tropas francesas, encarregadas de vingar um insulto feito pelo governador turco Hussein ao cônsul francês, começaram a conquista do país.

Após a tomada de Argel, em 1830, decidiu a França não só

manter esta conquista, mas estendê-la — o que realizou nos quatro anos seguintes, anexando ao seu poder as cidades de Oran, Titteri, Mostaganem, Bougré. Mas, logo o gênio de Abd-el-Kader arma, contra a França, as populações dessas regiões, e a conquista se torna bem penosa. Se Constantine é tomada em 1837, somente dez anos depois, com a derrota de Kader, é a Argélia submetida em sua totalidade.

Num período de trinta anos, algumas revoltas retardam a expansão francesa. Entretanto, a conquista prossegue até o dia em que os oásis do Sahara são submetidos e aí constituídos os Territórios do Sul (1902) — unidade administrativa distinta da Argélia. Em 1905, a possessão alcança a sua extensão definitiva: a Argélia propriamente dita tem, então, 207 740 kms² e os Territórios do Sul — 1 950 000 kms². Hoje, a população da Argélia compreende 987 000 europeus, dos quais 750 000 são franceses ou naturalizados, depois italianos e espanhóis; e cerca de seis milhões e meio de indígenas

E VINTE OITO ANOS DE SUBMISSÃO



terrâneo, a 770 kms de Marselha, é Argel atualmente uma das mais importantes cidades do norte da África.

— bérberes, árabes, mouros e negros. País agrícola, com cereais, vinho, oliva, tabaco, alfa, e riquezas minerais: ferro, sal gema, zinco, alcança ainda maior importância com as descobertas recentes de jazidas petrolíferas.

Argel, sua capiatl, no Mediterrâneo, dista 770 kms de Marselha e tem mais de 500 mil habitantes. Grande e moderna cidade, com arcebispado, universidade, côrte de apelação, grande comércio de vinho e de cereais.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA ARGÉLIA

Em 1834, foi colocada à frente das "possessões francesas no norte da África" um governador geral, dependendo do ministro da Guerra. Em 1845, uma lei divide a Argélia em três províncias, compreendendo cada uma delas territórios civis, mistos e árabes. Os mistos foram suprimidos em 1848 e, desde então, o civil de

cada província formou um departamento administrado por um prefeito, e o militar, restante, sob a autoridade de um general de divisão, comandando a província.

De 1871 a 1947, passou a organização administrativa da Argélia por uma longa série de transformações: ministérios especiais e governos gerais eram criados e suprimidos; e as influências militares se sucediam às influências civis. Depois da primeira guerra mundial, pareceu que o estatuto dado à Argélia pelas reformas de 1898-1900, embora fator poderoso do desenvolvimento argelino, não mais satisfazia à aspiração das populações muçulmanas. Em 1931, foi apresentado um projeto de lei pelo deputado Violette, antigo governador da Argélia, mas tal projeto malogrou. Sômente depois da segunda guerra mundial, onde a Argélia teve um grande papel, foi ela dotada de um estatuto novo — pela lei de 20 de setembro de 1947 — que dava, na verdade, à Argélia, prerrogativas à altura de seu desenvolvimento.

INSUFICIENCIA HEPATICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETAVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

A BELEZA DOS SEIOS

Quando a busta for insatisfatória ou sem forma, use **BEL HORMON** até 1 a quando for, ao contrário, domada, de novo volumosa, use **BEL HORMON** até 2. **BEL HORMON**, a base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Atinja a sua formidável e desejada ou pelo Coração.



BEL HORMON

Sociedade Farmacêutica Quilina S.
Alameda Lida - Rua São Francisco, 706
Rio de Janeiro.

Quem quiser no por Rembolsar
Pagar um valor de **BEL HORMON**
Nº
NOME
RUA
CÍVIL
ESTADO
Por Vale Postal Cx 1.202

APRENDA A DANÇAR



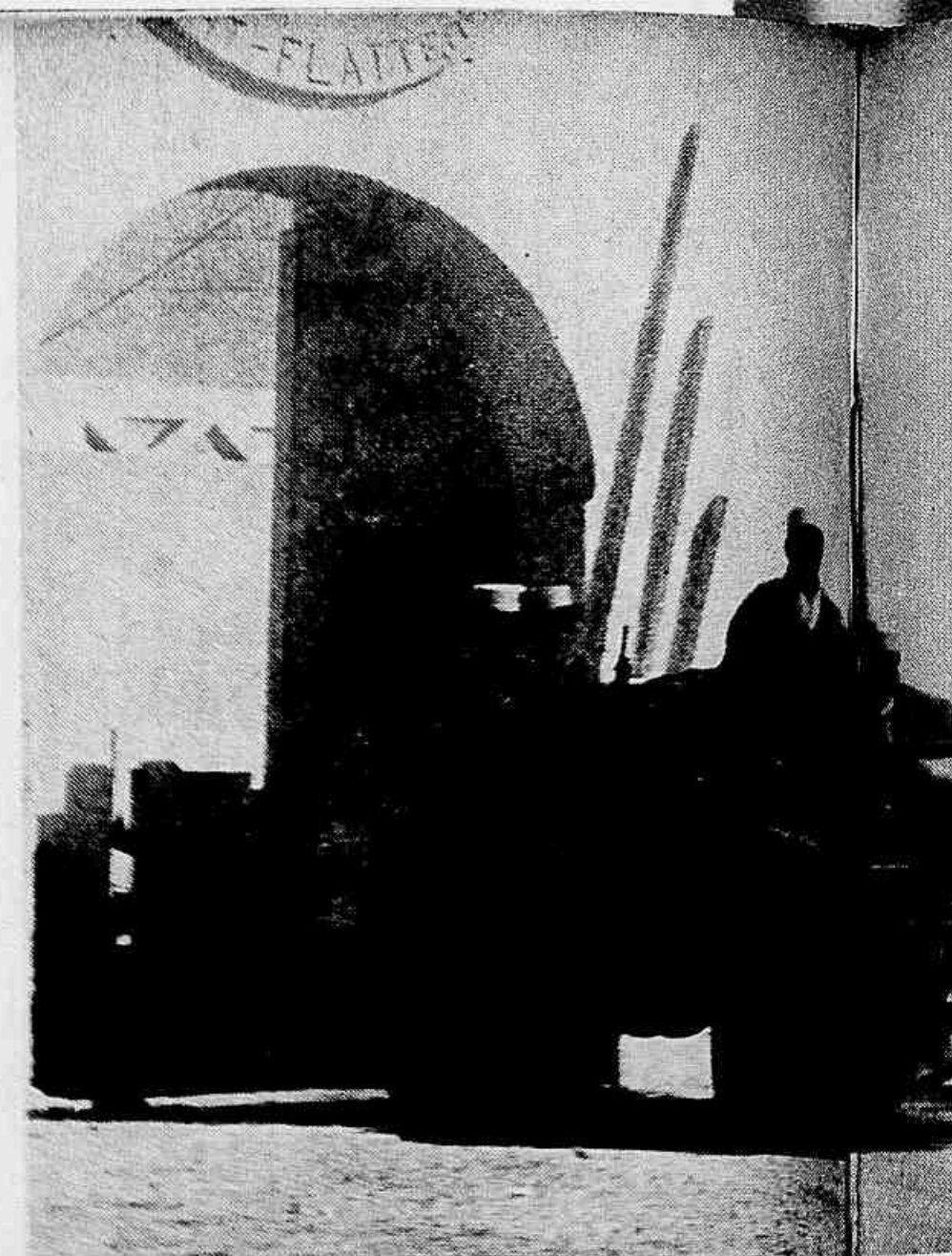
CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias
pelo moderno método de
Prof. Gino Formigoni, autor
do livro "Como Aprender a
Dançar" (e os 30 passos),
publicada, contendo 100
passos, que permite a V.
aprender, em seu domicílio,
sem professor. Para seu pe-
dido, pela Rembolsar, a Car-
ta Postal, 988 - São Paulo,
C.R. 1202. - Encontre-se
também a venda em todas as
livrarias de São Paulo e de São
Paulo. O Prof. Gino Formigoni
mantém um curso espe-
cializado de aulas particu-
lares, diariamente, das 8 h.
às 12 h. e às 14 h. - Av. da Liberdade,
130 - 1º andar - Cx 1202 - São Paulo.



"Mil" lhe oferece:
Contra Roubo de seu carro
FECHADURA TRAVA DIREÇÃO
SEGURANÇA ABSOLUTA
Industria Militar
TODOS OS CARROS
Reparação Técnica Especializada
SEGURANÇA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 95A
12-24-1944

ARGÉLIA



Uma patrulha de legionários deixa "Fort-

A GUERRA E A ARGÉLIA

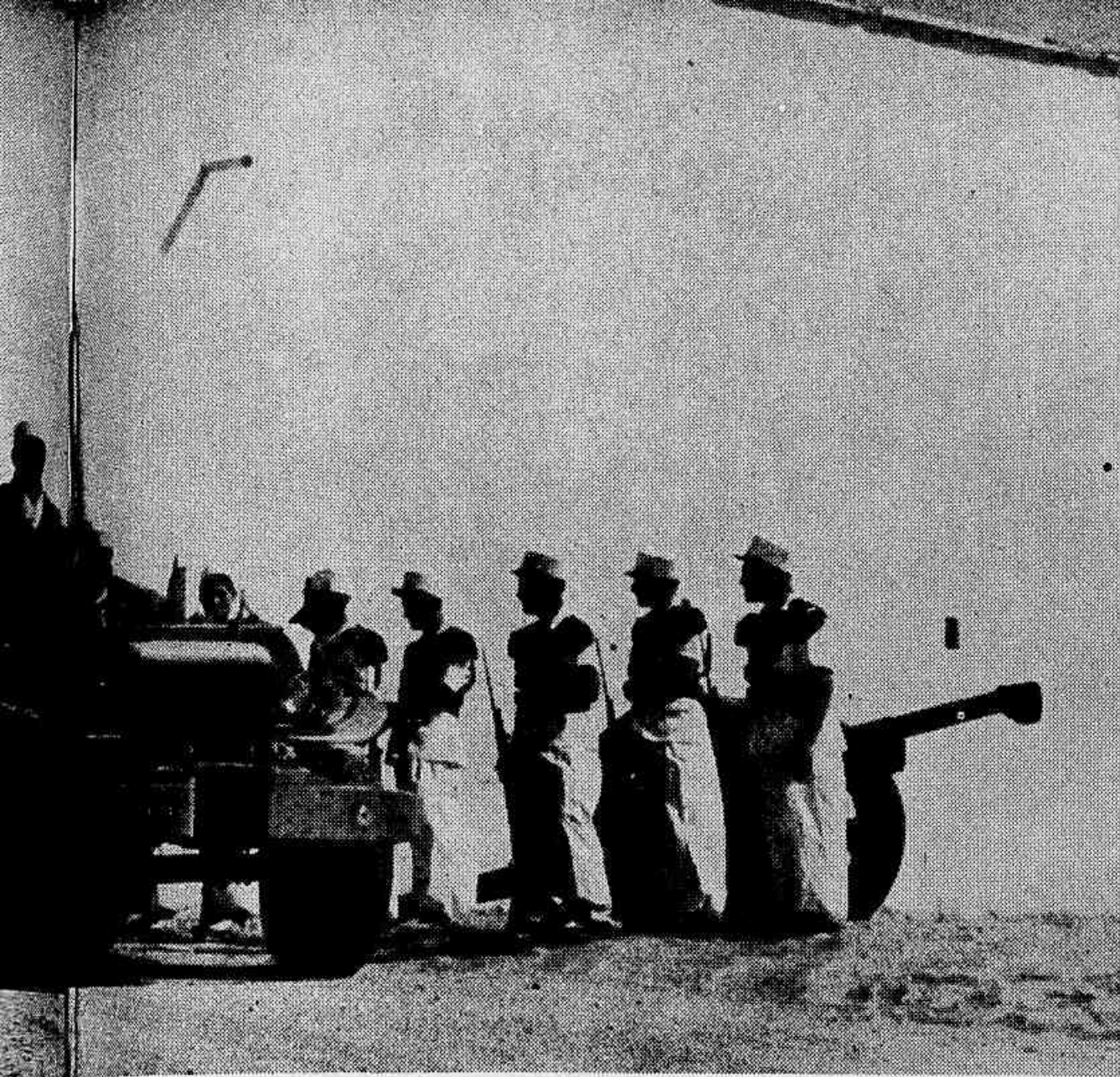
Durante a guerra, manteve-se a Argélia, a princípio, aparentemente fiel ao governo oficial. Mas, do mesmo modo que na metrópole, aí se desenvolveu um movimento secreto de resistência, que preparou o caminho da libertação. E, quando a 8 de novembro de 1942, as forças aliadas desembarcaram em Oran e em Argel, encontraram apenas uma aparência de resistência da parte das tropas francesas do almirante Darlan — cedo transformada em uma colaboração franca, sob o impulso do general Giraud. Alguns meses se passam, entretanto, antes que a África do Norte se reúna ao Comitê Nacional Francês — união que se efetua a 23 de junho de 1943, e que faz, da Argélia, a capital provisória da França.

OS ESTATUTOS DE 1947

Através dos Estatutos de 1947, "a Argélia constitui um grupo de departamentos dotados de personalidade civil e de autonomia financeira". Um governador geral, residente na Argélia, representa o governo da república, exercendo o poder regulamentar e assegurando e mantendo as liberdades constitucionais — e assistido por um "conselho de governo" que ele preside e que é composto de dois conselheiros por ele designados, de dois eleitos pela assembleia argelina, do presidente e do vice-presidente desta. Ele não é responsável, senão, diante do governo.

A assembleia argelina é encarregada de "administrar", de acordo com o governo geral, os interesses próprios da Argélia. Compõe-se de 120 membros, dos quais 60 eleitos pelo primeiro colégio (agrupando todos os cidadãos do estatuto civil francês e certos muçulmanos beneficiados com a cidadania sem o abandono do seu estatuto muçulmano) e 60 eleitos pelo segundo colégio (todos os outros cidadãos); são membros eleitos por seis anos, através do voto.

A assembleia argelina tem, agora, amplos poderes: conserva o de decisão em matéria argumentaria e obtém uma certa força legislativa. O Parlamento, ocupado desde 1947 por representantes de todos os cidadãos franceses da Argélia, tem somente o poder legislativo, mas a Assembleia argelina pode, afóra certas matérias reservadas ao Parlamento, editar, no quadro das leis, uma regulamentação particular à Argélia, ou estender a esta a legislação da metrópole. Estas decisões devem ser homologadas pelo governo e, em caso de veto, defendidas pelo Parlamento. Em matéria financeira, a Assembleia vota o projeto de orçamento e possui, com o governador geral, a iniciativa das despesas e receitas fiscais.



Flatters" para executar uma missão de reconhecimento.

O GRANDE TRIUNFO DOS ESTATUTOS

Das grandes inovações do Estatuto de 1947, a mais importante é a que concerne às pessoas: a igualdade efetiva é proclamada entre todos os cidadãos franceses (art. 1); todos os dependentes de nacionalidade francesa gozam, sem distinção de origem, raça, língua ou religião, direitos ligados à qualidade de cidadão francês e são submetidos às mesmas obrigações (art. 2); mas todos os cidadãos que não tenham expressamente renunciado ao seu estatuto pessoal, continuam a ser regidos por seus direitos e costumes (art. 3). Prevê, também, o direito de voto às mulheres muçulmanas, a independência do culto muçulmano e o ensino da língua árabe em todos os graus. Há ainda uma série de vantagens que dão, aos argelinos, uma posição ímpar que lhes permite usufruir do gozo de amplas liberdades.

A REBELIÃO DAS MONTANHAS

Assim se encontra a situação da Argélia — situação especial entre todos os territórios franceses de além-mar — quando rebenta, em 1954, a rebelião, iniciada nas montanhas de Aurés e Kabylie — dois focos tradicionais de banditismo no país — obra da seção militar do principal movimento nacionalista que, sob uma forma ou outra, existia na Argélia e entre os argelinos da França metropolitana, há vinte anos — rebelião que, de certo modo, poderia surpreender, tendo em vista as vantagens oferecidas pela França àquela possessão, através dos Estatutos de 1947. Mas o famoso estatuto não fôra, praticamente, aplicado. Apesar de todas as leis e medidas de melhoria, a Argélia continuou na sua situação de colônia, e as reformas municipais e sociais não foram levadas a efeito. Somente há dois anos, apreensiva, tentou a França uma política de pacificação, e muita coisa passou a ser realizada. Em numerosas regiões da Argélia, tentaram as autoridades civis francesas ensaiar uma verdadeira revolução social e administrativa. Medidas e benfeitorias foram levadas a termo; fêz-se um contato com as massas muçulmanas mais estreito do que tinha sido feito na história da Argélia Francesa. Mas tais medidas chegaram tarde. Os rebeldes são hoje mais numerosos que nunca, e mais audaciosos, a despeito dos pesados danos que a França lhe procura infligir. E hoje, a situação é a seguinte: de um lado, uma pequena mas heróica população muçulmana pegando em armas para conseguir a sua independência — e do outro, a armada, a administração e a população francesa que, com diferentes pontos de vista e de método se propuseram a sufocar a rebelião e manter a sua soberania no Estado tão florescente e rico de seu grande território.

Este é O MAIOR



Despertador LOOKOUT

(LUCAUT)

vigilante de sua pontualidade

um novo toque para seu despertar!

MAIS VISIBILIDADE

- é o maior despertador em uso corrente no Brasil

MAIS SILENCIOSO

- não perturba o silêncio necessário ao repouso

MAIS TIPOS

- cinco mostradores modernos, sendo dois fosforescentes

MAIS ROBUSTO

- construído para resistir aos choques e durar muito mais



Para copa e cozinha
Dormitórios coletivos
Hotéis e pensões
- Em cores modernas ou niquelados - IDEAL PARA SEU QUARTO!

TENHA O MELHOR

- tendo

LOOKOUT

garantido por uma experiência de 30 anos

Nas boas relojoarias do País

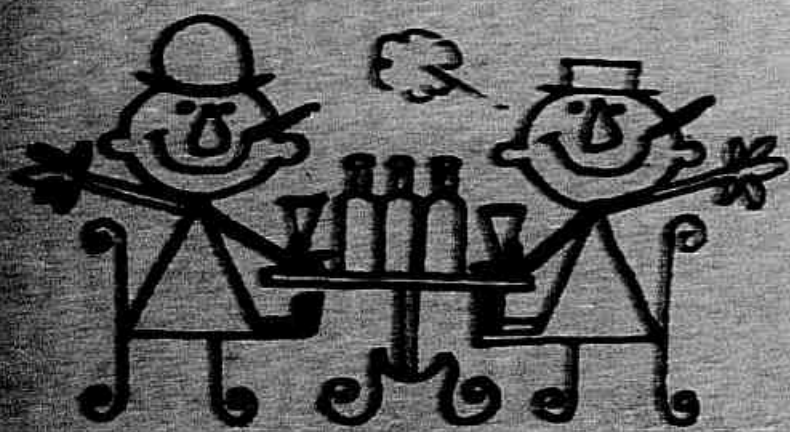
CHARLES GUTMANN IMPORTADORA S. A.

Rua João Bricola, 46 - 1.º and. - Fone: 35-3159

End. Telegr.: "CHARGUT" - Caixa Postal: 391

São Paulo

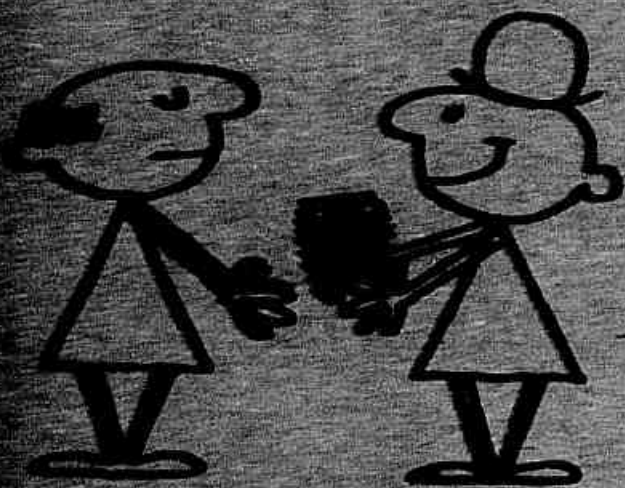
Vendas exclusivamente no atacado



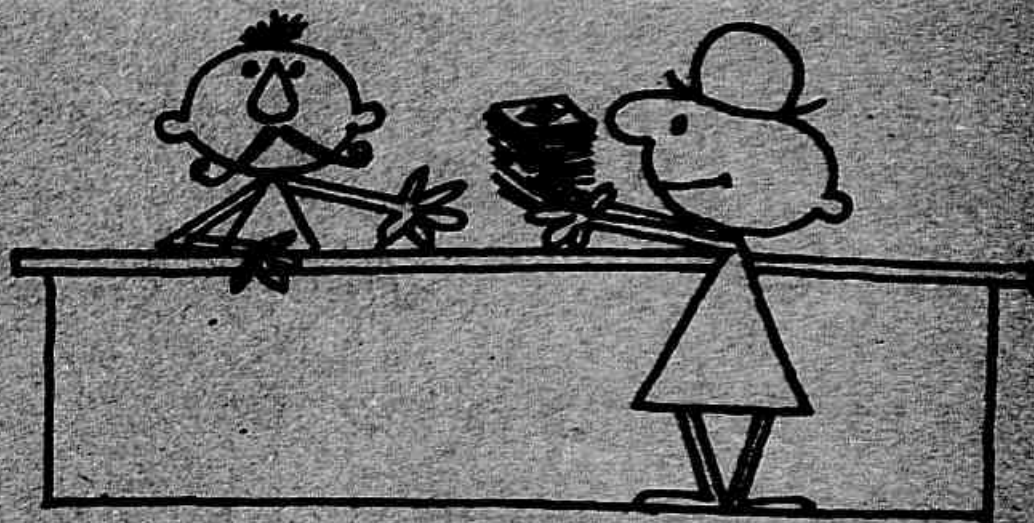
DOMINGO

UMA Semana DE ORDENADO

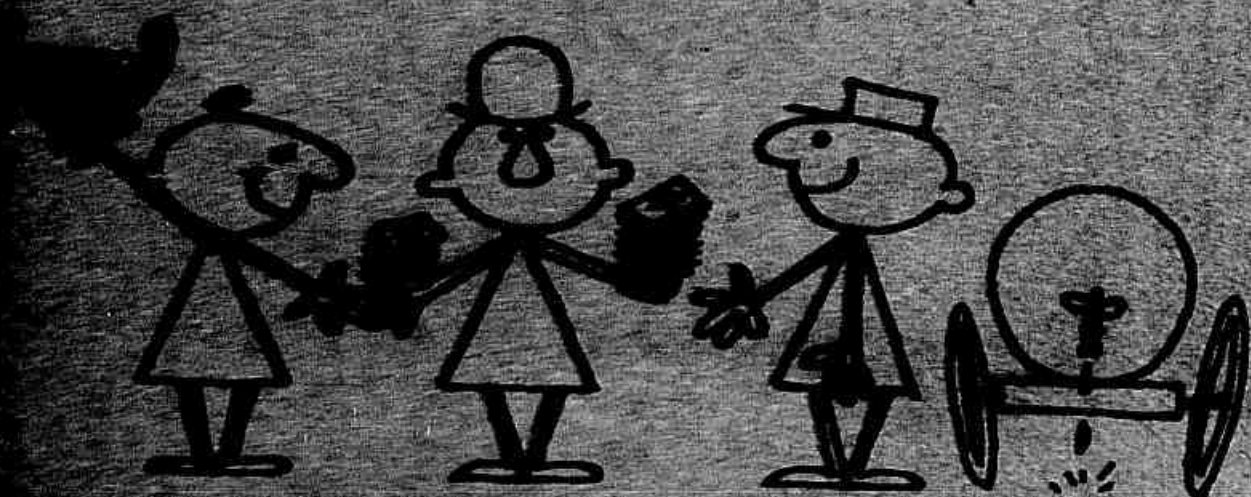
AMBROZIO



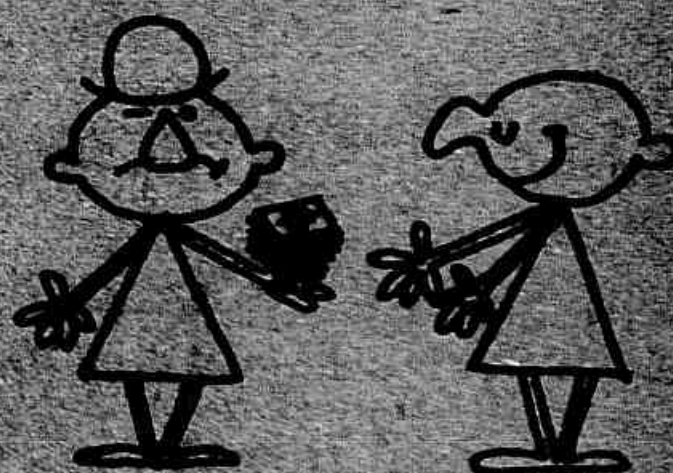
2.ª-FEIRA
(SEXTA-FEIRA)



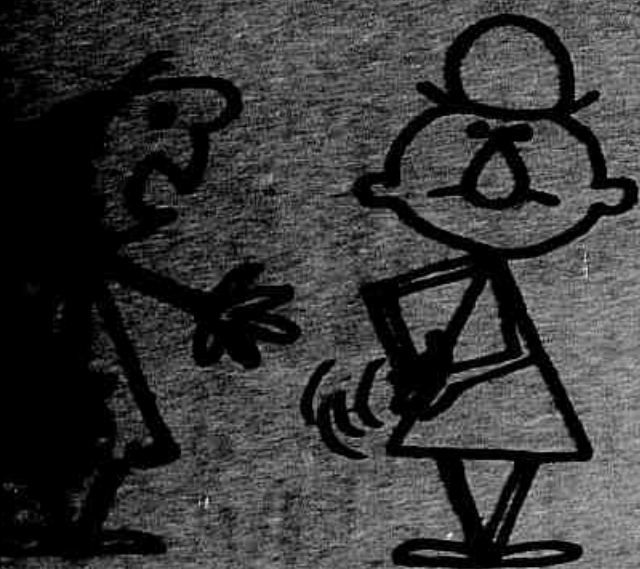
3.ª-FEIRA
(QUITANDA)



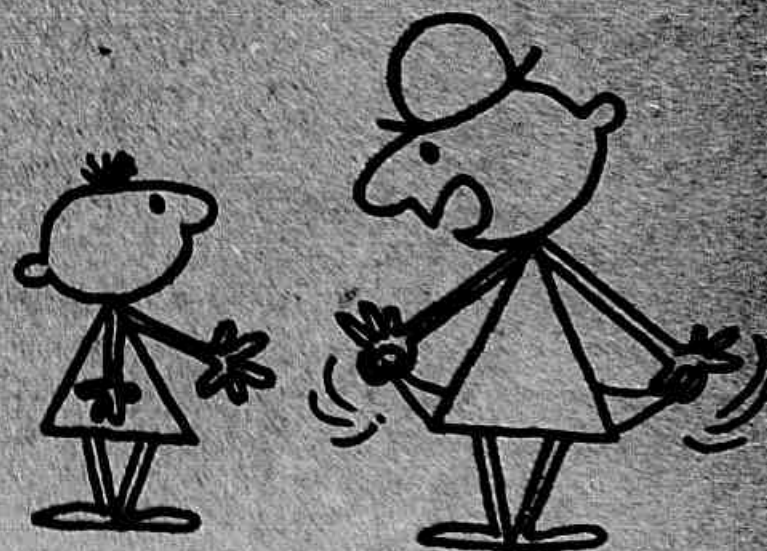
4.ª-FEIRA
(PADEIRO E LETEIRO)



5.ª-FEIRA
(DIA DA PRESTAÇÃO)



6.ª-FEIRA
(DIA DO MERCADO)



SABADO

OPERAÇÃO PENDURA:



GENERAL KRUEL — Mão fechada.



MINISTRO SALGADO — Mão aberta.

SALGADO ENTROU COM AÇÚCAR

MELLO FARIA

COM UMA TAPINHA nas costas do comissário e um sugestivo "até para o ano", os estudantes da Faculdade Nacional de Direito encerraram a "briga" que na noite do dia 29 tiveram com a polícia, ao comemorarem, com um dos maiores **penduras** da história das buates cariocas, o 42.º aniversário do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, o tradicional C.A.C.O.

Uma denúncia feita à polícia, uma semana antes, quase estragou a "festa" dos estudantes do C.A.C.O., que afinal comeram e beberam do mais caro, pagando tudo com um simplíssimo "muito obrigado": Vários Distritos Policiais e choques da Polícia Especial

foram movimentados com a ordem expressa de prisão, dada pelo general Kruel, que, por coincidência, naquela mesma noite esteve jantando no "Night and Day" (mas pagou a conta, é claro).

No final, como os estudantes estavam somente com o dinheiro da passagem no bolso, quem pagou os "salgados" (cem mil cruzeiros) foi mesmo o ministro Clóvis Salgado, que assim acabou entrando no **pendura**.

Frase de um estudante: "Este ministro é muito doce. Na hora do **pendura** azedar entrou com — açúcar".

Operação pendura: Salgado entrou com açúcar



O transporte também foi "de beijo".



«NÃO» PARA ESTUDANTES

Desde cedo os estudantes estavam reunidos no Largo do C.A.C.O., traçando os planos de "ataque" aos restaurantes da cidade. Por volta das 22 horas, os primeiros grupos começaram a deslocar-se rumo a Copacabana, porém, lá chegando, encontraram as portas dos principais estabelecimentos guarnecidas por carros da Rádio Patrulha e a determinação:

— "Estudante não entra".

Chegou então a ordem do "comando" que se encontrava instalado no próprio C.A.C.O.: "Na churrascaria Camponesa não há vigilância. Dirijam-se para lá".

POLÍCIA ENTRA EM CENA

Um faustoso banquete, regado às mais finas bebidas, além de caviar, patê, etc., deliciava os estudantes, quando dois carros da Rádio Patrulha chegaram ao local. Com eles, o delegado Pires de Sá.

A expectativa era intensa, até que um dos estudantes, tomando a palavra, agradeceu a gentileza (forçada) do dono da churrascaria "que havia colaborado grandemente para as festividades dos 42 anos de C.A.C.O.".

O delegado, ante a iniciativa dos estudantes, procurou encontrar uma solução para o caso. A ordem era cobrar ou prender. Afinal, depois de muito palavrório, ficou decidido que os dirigentes do C.A.C.O. assumiriam a responsabilidade pelo pagamento dos Cr\$ 33.726,00 que atingiam a conta.

NO HOTEL NOVO MUNDO

Outro grupo escolheu o Hotel Novo Mundo, na praia do Flamengo, para as comemorações. Introduzindo-se em pequenos grupos

A digestão ia começando assim.

Não fa

para d
da bua
melhor
Já r
comiss
locais
30.170,0

O DO

O "I
pelo cl
quetear
cruzeir
daram
manhã
questão
Era
durado
açúcar

RIVA

A id
os estu
morar
Com
cruzeir
não qu
já era
a políc



Não faltaram nem os coquetéis.

para despistar a vigilância policial foram se instalando nas mesas da buate. De nada suspeitando, o gerente lhes mandou servir as melhores iguarias. Fim da tragédia: 4.º D.P.

Já no distrito, os estudantes iniciaram as demarches com o comissário até que os dirigentes do C.A.C.O., que percorriam os locais do pendura, ali chegaram e se responsabilizaram pelos Cr\$ 30.170,00 a pagar.

O DOCE MINISTRO SALGADO

O "Night and Day", naquela noite, não foi visitado somente pelo chefe de Polícia. Os estudantes também lá estiveram banquetando-se (22 ao todo) e "penduraram" uma conta de 29 800 cruzeiros. Conduzidos ao 5.º Distrito Policial, os jovens aguardaram o desenrolar dos acontecimentos até às primeiras horas da manhã seguinte, quando um telefonema salvador resolveu a questão.

Era o ministro Salgado que, pondo termo a "briga" dos "pendurados" com a polícia, acabou entrando no pendura... e com açúcar...

RIVALIDADE

A idéia da "Operação Pendura" nasceu em São Paulo, quando os estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto resolveram comemorar sua data comendo e bebendo sem pagar.

Como lá, tudo era surpresa, a soma atingiu a casa dos 300 mil cruzeiros. Aqui, os estudantes do C.A.C.O., rivais dos paulistas, não quiseram ficar atrás e só perderam na quantia porque a coisa já era esperada e os gerentes de antemão se precaveram com a polícia (e não com bicarbonato).

UNIDOS OS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA

QUEREM NOVAS CONQUISTAS SOCIAIS — DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE DA CNTI



Deocleciano de Hollanda Cavalcanti

Em declaração especial à REVISTA DA SEMANA, o sr. Deocleciano de Hollanda Cavalcanti, Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, disse que sua classe hoje em dia se acha unida, sabendo o que quer e como conseguir novos benefícios sociais. Citou, então, como exemplo, a recente 1.ª Conferência Sindical Nacional, onde houve unânime aprovação das resoluções a respeito da imediata reforma da previdência social, da regulamentação do direito de greve e do reajustamento salarial.

E adiantou o líder máximo dos industriários brasileiros: "Unidos, alcançaremos novas conquistas e os trabalhadores obterão o reconhecimento de todos os seus direitos e reivindicações. Esta tem sido a orientação da C.N.T.I., que não se cansa de conchamar a classe para que, através de um só comando e de uma só voz, diga bem alto o que quer e o que pensa, para ser ouvida e atendida".

— A aprovação da aposentadoria integral é uma prova exuberante do poder de unidade dos trabalhadores. A nova lei saiu porque exigimos dos nossos homens públicos o cumprimento de suas promessas para com a classe obreira nacional — frisou o sr. Hollanda Cavalcanti —, que concluiu com estas palavras: "Não pararemos. Estejam certos todos aqueles que nos acompanham e se interessam pelo movimento sindicalista brasileiro, que temos em mira outras conquistas e elas se realizarão porque os trabalhadores estão unidos e confiam nas suas entidades de classe. A CNTI, como órgão máximo, continuará traçando o caminho a seguir e saberá conduzir os industriários a dias mais gloriosos, com mais bem estar e maior segurança para todos os que vivem de salários no Brasil".

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Electr. "PRINCIPEHOTEL"



A ASTROLOGIA É UMA CIÊNCIA POSITIVA. Todos têm épocas favoráveis em sorte, negócios, amizades etc. Porém nem todos conhecem as suas oportunidades. Conheça os meios de vencer os obstáculos da sorte enviando SOMENTE O ENVELOPE SELADO COM SEU ENDEREÇO e data de nascimento para P. EMTE — Caixa Postal, 1.141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul e receberá grátis, e sem compromisso, a resposta do seu interesse.



FIGURAS E FATOS

CRIME E CASTIGO — Diz-se que, por sentir-se no volante com este decote, Jayne Mansfield foi multada por um guarda da Califórnia. Acusação: dirigir de busto nu.

SANTO CASA AS LIBRAS

Olga Deterling é uma linda herdeira inglesa, dona de muitas libras e de um passado ingrato em negócios de amor. Apesar de suas libras e de seus encantos, Olga andou aos trambolhos, de desencanto em desencanto, até conhecer a decepção que lhe decidiria o destino. Esgotada pela dor de cotovelo crônica, absolutamente nocaute com sua derradeira desilusão, fez a trouxa, disse adeus a Londres e bateu-se para as profundezas do continente africano. Trocou jóias, amores, sociedade, ciúmes, diversão, inveja, luxo, mágoas, conforto, lágrimas e tudo mais que suas libras compravam pela paz ruda e modesta do Hospital de Lambarene, onde o dr. Albert Schweitzer vive o apostolado que lhe valeu um prêmio Nobel e a admiração de todo o mundo.

Estava lá a nossa Olga, posta em sossego, já há dois anos esquecida de suas libras e de sua má fortuna, quando Santo Antônio passou-lhe um rabo de olhar casamenteiro. Santo bom e prático, Antônio teve pena de moça tão bonita, perdida naquele degrêdo, desperdiçando juventude, beleza e libras a mão-cheia. Tantas fez que arranjou viagem, namoro e noivado para sua nova protegida, além de um casamento marcado para este seu mês de festa. Só não andou bem numa coisa: empurrar o montão de libras para o baú de um patricio, rosado na pele e Rosado no nome. Depois de tanto filhotismo, ninguém pode dizer que santo da casa não faz milagre.

A LOTERIA DO AMOR

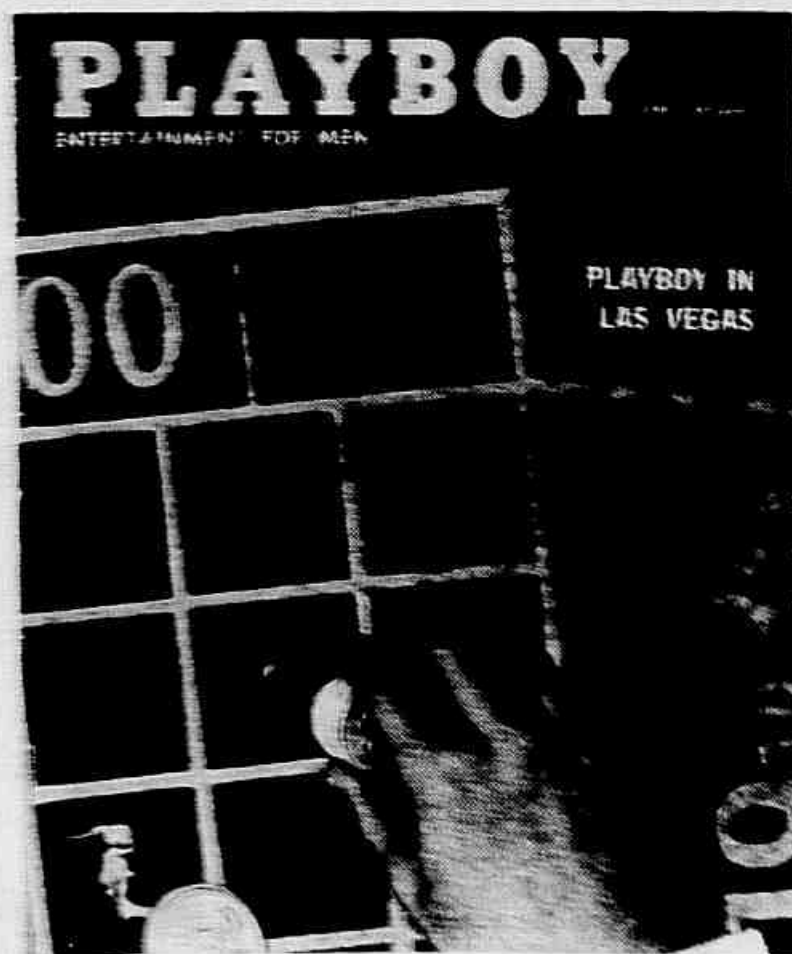
A REVISTA "PLAYBOY" sugeriu, em sua capa de abril, uma deliciosa renovação na estrutura do pano verde, com a substituição de vários algarismos vermelhos pelas tentadoras pin-ups radicadas em Las Vegas, o paraíso da roleta. O apostador tentaria sua chance e, conforme os designios da fortuna, receberia proventos em dinheiro e carinho, ou apenas em carinho, acontecimento que seria muito mais interessante e compensador.

É verdade que o engenho e arte do carioca já imaginou algo de semelhante, anos atrás, quando a atividade originalíssima e incansável de certo funcionário do Jockey Club teve sua época. O homenzinho se multiplicava para sustentar família numerosa, arrancando dinheiro em todas as frentes, a fim de que não faltasse o feijão e leite das crianças. E quando a crise se tornava mais grave, lá vinha o "golpe da rifa". Na folha

de papel almaço, numerada de 1 a 25, ele recolhia as inscrições, ao preço de cem pratas por cabeça, cada número simbolizando um grupo do clássico jogo de bicho e correndo a extração pela loteria do dia. Ao rubricar sua inscrição, o candidato tomava conhecimento de uma fotografia de mulher, grampeada no papel almaço.

As três horas da tarde, divulgado o resultado lotérico, o promotor da rifa convocava seu primeiro prêmio à calçada do Jockey, apresentava o dito cujo ao felizardo e acompanhava o casal até as barcas, com os seus votos "de uma noite feliz em Niterói". Deduzido o preço de custo da operação-indenização à moçoila e diária no Hotel Icarai — restavam sempre dois mil cruzeiros para safar a onça, até a próxima rifa.

Não houvessem fechado os cassinos e este homem de iniciativa chegaria fatalmente à roletinha do "Playboy". O marechal Dutra cortou-lhe a carreira e arruinou um futuro promissor.



EPÍSTOLAS

Os ARES andaram quentes, nestas bandas, traduzindo-se através de trocas de palavras ásperas, que baixaram do verbo volant para o registro do preto-no-branco e conhecimento exato da posteridade.

Primeiro, foram as cartas queixosas dos coronéis Bittencourt e Veloso, aquele dizendo dos motivos pelos quais deixava o DCT e este, procurando mais um capítulo longínquo da novela iniciada em Jacarecanga. Depois, o artigo do jornalista e deputado, que fez o prefeito tirar o galo e soltar a língua com violência.

É verdade que o nosso JK também pegou da pena e deu seus traçados. De bom moço, porém. E no campo internacional.



Nunes Leal.



Alkmim.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

A AGONIA DO SR. JOSÉ MARIA ALKMIM no Ministério da Fazenda e a saída do coronel José Alberto Bittencourt dos Correios e Telégrafos, constituíram os dois fatos mais importantes da semana finda, como episódios de uma só e grande jogada, em que a queda da exportação de café, a alta cotação do dólar e a ida do sr. Vitor Nunes Leal aos Estados Unidos representam apenas os fatores que aparecem aos olhos do público.

Na verdade, o sr. José Maria Alkmim já se encontra fora do Ministério da Fazenda. Sua sorte, sem dúvida, está ligada também à do coronel José Alberto Bittencourt. Os movimentos desesperados com que, de um lado, anuncia que vai candidatar-se a deputado e, portanto, afastar-se do Ministério, e, de outro, faz constar que é "o próprio juiz" de sua decisão de permanecer ou não no Tesouro, as guinadas políticas e financeiras que tem dado nos últimos dias, apenas indicam a fragilidade de sua posição. Os americanos não emprestarão dinheiro ao Brasil, enquanto o sr. José Maria Alkmim for ministro — é o que salta a todos os olhos que queiram ver. O empréstimo em dólares é a única saída visível para a crise financeira, a única possibilidade do atual Governo levar a cabo alguns de seus programas, já tão ameaçados, bem como de resistir às crescentes pressões dos que querem importar ou gastar como se o Brasil estivesse nadando em dinheiro bom e sólido.

MAS É EVIDENTE QUE OS AMERICANOS não querem nem sequer conversa com o Governo brasileiro, enquanto permanecer a atual orientação na política econômica e financeira. Se o sr. José Maria Alkmim se tivesse notabilizado por excepcional gestão, ainda seria de esperar que o sr. Juscelino Kubitschek arriscasse um olho por ele. Com enorme desgaste sofrido, seu velho e fraternal amigo se torna uma carga muito pesada para o Governo, especialmente quando o barco do Governo não é muito firme e a tripulação revela sinais de inexperiência e cansaço.

SINAL DE INEXPERIÊNCIA: A IDA DO SR. VITOR NUNES LEAL aos Estados Unidos. Mensageiro que não pôde cumprir a tarefa, portador de uma carta que não lhe permitiram entregar, depositário de palavras que não pôde dizer, o chefe da Casa Civil da Presidência da República foi apenas o veículo de uma sortida desesperada, mal pensada, por parte do Governo a que serve.

Qualquer correio diplomático poderia ter feito o papel atribuído ao Secretário do Chefe do Estado, se a mensagem que levou deveria ser entregue pelo Embaixador Amaral Peixoto. Recordar-se a propósito, que um ministro da Fazenda do Governo Dutra foi arrastado pela rua da amargura, em virtude de gesto mais ou menos parecido. Quem, mesmo, ainda se lembra disso? O Brasil é o país dos lotófagos, diria o velho General Góes. Comedores de folhas de lótus, entorpecedoras da memória, o que emocionou ontem é esquecido hoje. Tudo agora correrá pelos canais diplomáticos, pelas vias normais, diante de cuja rigidez foi inútil o assédio do Secretário do Catete. O esforçado sr. Vitor Nunes Leal não deveria ter sido exposto a tanto. O Brasil não precisava descer a tanto. Se ia pedir, que o fizesse em termos. Não batendo às desoras, querendo entrar pela porta dos fundos da casa dos outros, para conversar na cozinha o que deveria ser acertado na sala de visitas.

SINAL DE CANSAÇO: A EXONERAÇÃO DO CORONEL ALBERTO BITTENCOURT. A expressão "cansaço" deve ser aqui entendida em dois sentidos. Cansaço do grupo mais ardoroso que lutou para formar o atual Governo e não encontra meios para dinamizar as atividades administrativas ou econômicas ao ponto sonhado. Cansaço do Governo de administrar com esses elementos, notoriamente situados na área chamada "nacionalista". Os "nacionalistas" começam a desconfiar de que o Governo não quer governar — e lhe lançam isso em rosto, pela palavra do coronel Bittencourt. O Governo começa a achar que é difícil senão impossível governar com eles. (Pelo menos, para efeito externo).

O que se sabe, é que o coronel Bittencourt não esteve pelos autos: Como bom oficial no campo das comunicações, preparou uma bomba em forma de carta, subscritou-a com o nome e o endereço do Presidente da República, levou-a ao Palácio do Catete e, enquanto buscavam dissuadi-la da publicação, distribuía centenas de cópias, precedidas de uma salva de advertência, em forma de declaração prévia. Seu foguete era dotado de três seções principais: uma dirigiu-se ao Presidente da República ("nessa desorientação administrativa em que está o país"); outra ao Ministro da Viação ("projeto de Código de Telecomunicações de origem tipicamente entreguista"); outra à Brasília, via Novacap e Israel Pinheiro ("que se esquece da ilação existente entre o nosso sistema de comunicações e a segurança nacional e insiste na tese da entrega da linha de comunicações Brasília-Rio de Janeiro à Companhia Telefônica Brasileira").

O CORONEL ATIROU TRÊS PETARDOS, com estilhaços para todos os lados. Apesar de dizer que não deseja contribuir para oposição sistemática ao Governo, reverenciou à Oposição e prestou-lhe inesperado serviço, encorajando-a nas críticas que esta formula ao Governo que abandonou. Neste "round" perdeu a corrente "nacionalista" pela primeira vez após a série de vitórias das últimas semanas. Vamos ver qual será o próximo.

Macunaíma continua a imperar. Agora, se pudesse, pedia emprestada a fantasia de Arlequim — servidor de dois amos, e faria um acordo entre Deus e o Diabo para que ambos lhe permitissem continuar a fruir em boa paz a doce vida.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

◆ A exoneração do coronel José Alberto Bittencourt e outros fatos subsequentes mostrarão se a corrente "nacionalista" entrou em desgraça ou se apenas está sendo "congelada" enquanto é negociado o empréstimo em dólares.

◆ O próximo campo de luta é o Conselho Nacional do Petróleo. As crises nacionais, políticas ou econômicas, mesmo a do café, continuam a girar em torno do fétido e fascinante inflamável. O coronel José Alexínio Bittencourt, irmão gêmeo do coronel José Alberto, foi para lá com o propósito declarado de manter a política nacionalista do petróleo.

◆ Um eminente economista, da equipe governamental, está desalentado com a situação do país. O que o aborrece, sobretudo, é a falta de iniciativa por parte do governo. "Não vejo uma providência de alcance, não vejo nada", diz ele. "Deveríamos, ao menos, tentar exportar certa quantidade de manufaturas", acrescenta o desolado técnico.

◆ O projeto de reforma cambial, ora apresentado na Câmara, destina-se a fazer o Ministério da Fazenda ganhar tempo e colocar os que defendem o "outro" projeto de reforma cambial diante de um ponto objetivo de discussão.

◆ Fracassaram os entendimentos para instalação dos estaleiros Ishi-Kawajima (japoneses) no Brasil. Os nipônicos iam iniciar a construção naval em larga escala no país. Esses estaleiros são os mais antigos de Tóquio.

◆ Tudo indica que o ano eminentemente político, além da crise econômica e cam-

bial, afetará extraordinariamente o programa das metas do governo J.K. em 1958. O programa da construção naval já se encontra atrasado, em consequência da demorada tramitação que sofreu o Fundo de Marinha Mercante no Congresso.

◆ A Ala Moça do PSD abandonou o Líder da Maioria, sr. Armando Falcão, à própria sorte. Coincidentemente, logo, a seguir, conseguiu inserir dois de seus membros na vice-liderança. O sr. Falcão inclina-se para os velhos. Mas sabe que na hora do trabalho é preferível contar com os "moços".



Lúcio Meira.

◆ O sr. José Carlos de Macedo Soares foi bem recebido em Bogotá. Fizeram questão de fazer contraste entre a sua visita e a do vice-presidente Nixon.

◆ O chanceler brasileiro vai resistindo bem às viagens. Viaja sempre acompanhado de um médico, que por sinal é seu parente. O coração do velho diplomata funciona muito bem, sobretudo em La Paz (quatro mil metros sobre o nível do mar). Na Bolívia, o sr. Horácio de Carvalho Júnior, diretor do "Diário Carioca", teve "sorocho" (uma espécie de mal das altitudes). O sr. Macedo Soares, nada. Continua balançando bem no trapézio.

◆ A escolha do nome do novo diretor-geral dos Correios e Telégrafos foi feita dentre uma lista de seis nomes, elaborada pelo ministro Lúcio Meira, da Viação, que ouviu outras pessoas, como o general Lott. O nomeado entrosou-se imediatamente com o ministro. Cessou, dêse modo, a longa expectativa do engenheiro (que não pleiteara o posto) Oswaldo Líbero Miranda (mais de um mês) de tomar posse na direção dos Telégrafos. Era muito tempo para permanecer no trapézio.

◆ O sr. Jânio Quadros resolveu assumir a direção do que resta da Federação. Primeiro, foi ao Rio Grande do Sul, articulando-se com o sr. Ildo Meneghetti. Agora, convocou os seus colegas de Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Espírito Santo e Estado do Rio, a pretexto de defesa da lavoura do café. Elementos de atração: manutenção da política de defesa dos preços internos em níveis compensadores para a cafeicultura; oposição à idéia da cota de sacrifício.



Negrão.



Lacerda.



Calmon.

◆ O sr. Bias Fortes veio correndo ao Rio para não perder a vez, não ficar atrás. Repisou a tese da pacificação e pede reforma de base da Constituição. Se esta não for reformada, haverá derrocada das instituições. E os homens? Se não forem reformados? Entrarão em derrocada, também?

◆ Economista Cássio Fonseca, presidente da Comissão de Defesa da Borracha, em conferência para os bolsistas do Curso de Economia do Centro Pan-Americano de Aperfeiçoamento para Pesquisas de Recursos Naturais (Universidade Rural) disse que a futura fábrica de borracha sintética brasileira terá capacidade para 32 mil a 33 mil toneladas por ano e será instalada junto à refinaria do Rio de Janeiro, a ser construída nas cercanias do Rio de Janeiro. Opina que não se deve abandonar a borracha silvestre e a plantada por motivos econômicos (é indispensável a 30 por cento do consumo) e por motivos de segurança nacional (uma fábrica pode ser destruída com uma bomba, uma plantação ou seringais nativos, não). Cássio entende que a política brasileira de borracha é um exemplo que não deve ser imitado por ninguém.

◆ Economista Océlia de Medeiros preparará a participação da Superintendência do

Plano de Valorização Econômica da Amazônia aos trabalhos de cooperação continental na bacia amazônica, anunciados pelo chanceler Macedo Soares em Bogotá.

◆ Esta foi a semana das cartas, uma semana eminentemente postal-telegráfica, que aliás começara na outra com as comemorações do "Dia do Telegrafista". Avisado, o presidente J.K. (que faz questão de pertencer ao DCT, como antigo telegrafista em Belo Horizonte) não apareceu para fazer um daqueles rasgados elogios ao coronel José Alberto Bittencourt. Mas o coronel não perdeu a via nem a oportunidade e soltou a mensagem inicial de revisão do atual governo. Depois, vieram: carta ao presidente da República; carta ao sr. Israel Pinheiro, presidente da Novacap; carta do presidente Juscelino ao ministro da Viação mandando olhar com cuidado irregularidades no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas; carta do prefeito Negrão de Lima ao deputado Carlos Lacerda (considerada impublivável pelo "Jornal do Brasil", mas estampada por outros jornais) sobre republicação do orçamento da Prefeitura. E, ainda, a carta de JK a Eisenhower, através de Vitor Nunes Leal, primeiro, e Amaral Peixoto, depois. E, para terminar, cartinha de Ademar solidarizando-se com a candidatura de Jarbas Maranhão ao governo de Pernambuco, devolvida pelo destinatário, pois houve "cilada" e a missiva foi aberta antes para fins fotostáticos. Como se vê, uma semana perfeitamente epistolar. Os homens não se entendem por correspondência por que não querem.

◆ Se o ministro da Viação trabalhasse menos em seu gabinete e saísse mais à rua, se mantivesse ao menos dois bons contatos políticos externos por dia, o seu

programa técnico de criação dos meios de transporte indispensáveis ao país não estaria sofrendo as contramarchas que está sofrendo; ganharia o país que teria os veículos e os navios, e ganharia o sr. Lúcio Meira, que teria menos aborrecimentos. O ministro almoça sanduíche para não largar o trabalho naquele prédio que mais parece uma estação ferroviária, na Praça Quinze.

◆ A greve dos ônibus terminou, no Rio de Janeiro, com a ameaça de enérgicas medidas do I Exército. Morreu um motorista, cem ônibus ficaram avariados pelos piquetes grevistas (3 milhões e meio de cruzeiros de prejuízo, até que é pouco a uma frota velhíssima), 2 milhões e 200 mil passageiros deixaram de ser transportados — o que quer dizer que 2 milhões e 200 mil pessoas deixaram de ser ou não puderam ser passageiros durante a greve. Até o reitor Pedro Calmon assinou o "tratado de paz" da greve.

◆ Nota finalíssima, com nossas despedidas, neste canto, para a próxima semana: o escritor Romeu de Avelar (que continua a ser de Alagoas) acha que o sr. Negrão de Lima, nosso afável alcaide, se não quiser abrir uma escola de dança para ensinar a dançar o "tranquiado do jacu", pode dançar com Lacerda o "topado do Chico Paizinho"...

QUEM ESTÁ SUBINDO AO TRAPÉZIO

... É Brasília + Novacap, transportadas pelo sr. Israel Pinheiro.

◆ (Contas serão julgadas pelo Tribunal de Contas + "Comeu o doce, bebeu a água do rio e deixou o vale na caixa...") "Apud" José Alberto Bittencourt.

QUEM ESTÁ SENDO CHAMADO AO TRAPÉZIO

... É o sr. Lucas Lopes, artista meio avesso ao público, se bem que goste de estar debaixo dos "spotlights" — reclamado por certa parte da plateia insatisfeita para o Ministério da Fazenda.



MADAME AZALÉIA

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

DE REPENTE, não mais que de repente, como dizia o poeta Vinícius de Moraes em um de seus melhores sonetos, Madame Azaléia, que viajou tôda a Europa e, de norte a sul, o nosso belo país (está no seu prospecto), surge como a própria Esperança, oferecendo a chave de nossos problemas. Quereis descobrir alguma coisa que vos preocupa? Quereis fazer voltar para vossa companhia alguém que de vós se tenha afastado? Quereis alcançar um bom emprêgo e prosperidade? Quereis promover um casamento dificultoso? Ou quereis curar alguém — vosso pai ou vossa irmã — do vício da embriaguez? Pois Madame Azaléia resolve tudo isso, "Trabalhos rápidos, sinceros e garantidos".

, É a mensagem que recebo por baixo da porta de casa, e que me torna agradavelmente disposto para enfrentar mais um dia de trabalho e aflição. Por 50 cruzeiros apenas, das 9 da manhã às 9 da noite, numa rua qualquer, alguém está a meu dispor, para ler o meu passado, interpretar o meu presente e esclarecer o meu futuro.

O passado não me interessa muito, salvo como teste para comprovação dos dotes de Madame Azaléia, e é mesmo preferível que ela não bula demasiado nêle. As dores do presente me são conhecidas; só me falta o conhecimento dos bálsamos, e êstes, cerrados no futuro, é que a distinta cartomante-quiromante se propõe a ministrar-me, graças as suas claras e agudas visões.

O negócio das cartomantes é ainda aquêle que menores decepções nos causa, e reparem como a industrialização do mundo não o abalou em seus fundamentos e em seu "decor" clássico. Um baralho, as linhas da mão, a sala humilde com a mesinha recoberta pela toalha estampada (hoje de matéria plástica), e êsse anúncio ao mesmo tempo mirabolante e ingênuo, que o rapaz biscateiro ou o velho aleijado vai distribuindo de porta em porta, porque cada porta é uma dor escondida, ou pelo menos uma ambição insatisfeita. Quem será insensível a essa pergunta que penetra sorrateira na casa e não se confunde com nenhum outro reclame comercial; essa pergunta indiscreta, generosa, tentadora, fáustica: "Quereis destruir algum mal que vos perturba?" A começar por êsse "vós", solene...

Não importa que Madame Azaléia fracasse. Ela manipula forças demasiadamente poderosas para se vergarem à sua boa intenção.

A consulta não resolverá talvez nenhum de nossos problemas. Entretanto, o fato de haver no meio de tantos consultórios de vísceras e complexos um consultório do destino, que tenta organizar nossa felicidade pessoal (e se dependesse das cartomantes, não tenho a menor dúvida que todos a alcançariam, salvo uma escassa minoria destinada a provar, pelo contraste, a magnitude de nosso privilégio e a intercessão dos videntes), êste simples fato exerce influência favorável sobre os acontecimentos, ou no mínimo sobre a visão que temos dêles.

Raríssimas pessoas deixarão de conceder às cartomantes um crédito, insignificante que seja, de confiança e simpatia, a que se mescla, mesmo em espíritos cultivados, certa dose de temor. Ela pode ser a caricatura de uma sibila, mas resta no coração do homem o sentimento de um mistério específico, privativo, que é o da trama de nossa vida individual, e pode coexistir com a concepção racionalista ou mística do universo.

A uma cartomante não perguntaremos os grandes segredos do sobrenatural, mas gostamos de contar com essa chance de apurar pequenos pontos obscuros de nossa órbita: se alguém nos trai ou nos corresponde sinceramente, se devemos arriscar dinheiro numa incorporação, se estamos ameaçados ou não de úlcera no duodeno.

Observem que o anúncio, por sua vez, joga apenas com o concreto pessoal: não promete cura para males gerais, nem se embrenha pela política; tudo são interesses do corpo e da alma de cada um, em particular. Daí talvez a atenção que provoca sempre. E se nem todos procuram Madame Azaléia é porque muitos — como eu — se contentam em saber que ela existe. Em alguma parte da cidade, com suas cartas e sua ciência das quatro linhas fundamentais:

vida

cabeça

coração

sorte

e ainda com sua imaginosa ignorância, ela pressente ou adivinha talvez alguma coisa de nós, triste ou misericordiosa, que está caminhando lentamente em nossa direção.



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

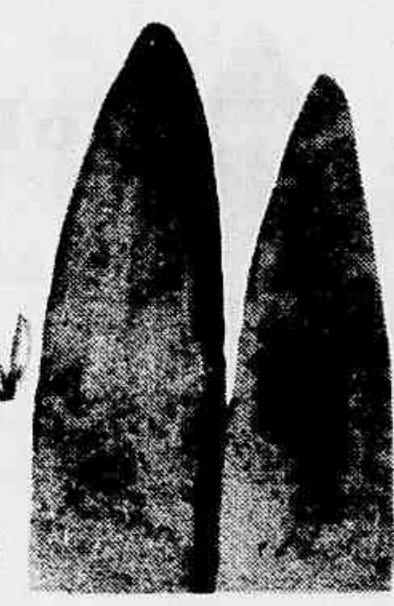
O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do **Diário de Notícias**



DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO



DEPOIS, TITINA CHOROU ADEUS AO BRASIL